

NN

NOEL NUTELS

LACEN-RJ

**MANUAL DE COLETA, ACONDICIONAMENTO
E TRANSPORTE DE MATERIAL BIOLÓGICO
PARA EXAMES LABORATORIAIS**



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE
SUBSECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
LABORATÓRIO CENTRAL DE SAÚDE PÚBLICA NOEL NUTELS**

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 2/123

N



Governador do Estado do Rio de Janeiro

Luiz Fernando Pezão

Secretário de Estado de Saúde

Marcos Esner Musafir

Subsecretária de Vigilância em Saúde

Helen Miyamoto

Superintendente de Vigilância Epidemiológica e Ambiental

Alexandre Chieppe

Diretora Geral do Laboratório Central Noel Nutels – DG/LACEN-RJ

Shirlei Ferreira de Aguiar

Diretora Técnica do Laboratório Central Noel Nutels – DT/LACEN-RJ

Ana Lúcia Fernandes Fontenele

Diretor Administrativo do Laboratório Central Noel Nutels – DAD/LACEN-RJ

José Edmar Calegário

Gerente da Rede de Laboratórios de Saúde Pública – RELSP/LACEN-RJ

Elvira Maria Colnago

Gerente do Controle Epidemiológico – GCE/LACEN-RJ

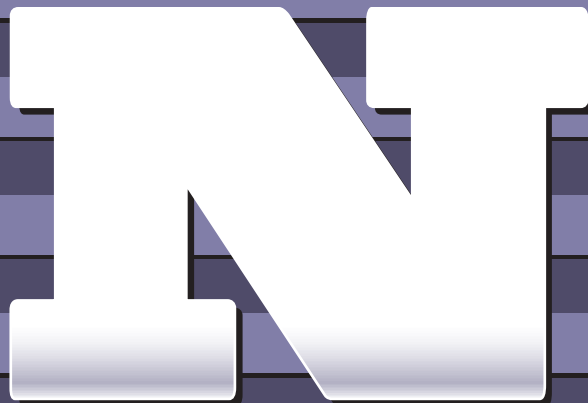
Carlos Augusto Fernandes

Gerente do Controle Sanitário e Ambiental – GCSA/LACEN-RJ

Maria Pureza Duarte Nunes

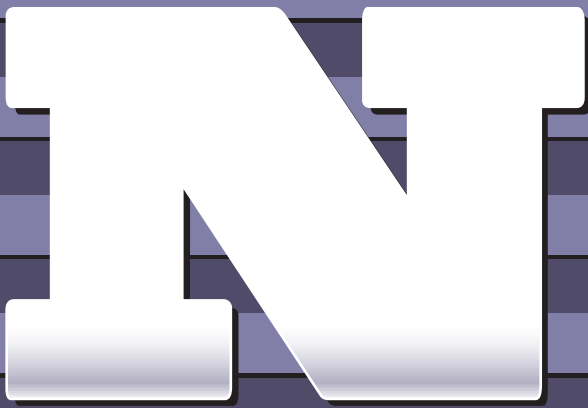
Gerente de Pesquisa em Antropozoonoses – GPA/LACEN-RJ

José Luiz

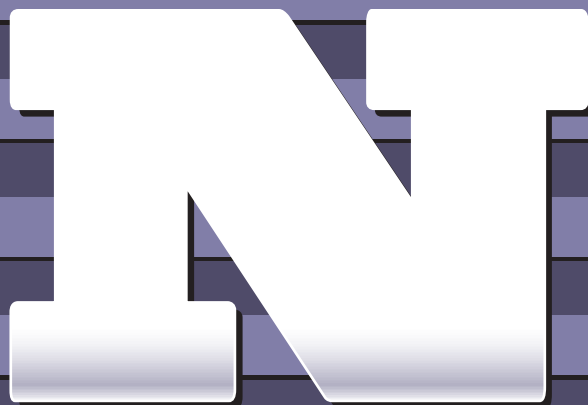


SUMÁRIO

História	08
Missão / Visão	12
Política da Qualidade	13
Introdução	14
1. Condições Gerais	15
2. Requisições e Fichas de Notificação	15
3. Coleta de Sangue	16
4. Identificação da Amostra Biológica	18
5. Acondicionamento para Transporte	19
6. Critérios Gerais	21
7. Critérios Analíticos:	22
- Anaplasmosose	23
- Arbovírus	24
- Arenavírus	24
- Bartonelose	25
- Borreliose	31
- Botulismo	26
- Carga Viral de HIV	27
- Caxumba	29
- Cisticercose	30
- Citomegalovírus	31
- Chikungunya	32
- Clamídia	33
- Colinesterase Plasmática	34
- Contagem de Linfócitos T CD4/CD8	35
- Coqueluche	37
- Cólera	70
- Coxsackievírus	49
- Dengue	39
- Difteria	40
- Doença de Chagas	43
- Doença de Creutzfeldt-Jacob (DCJ)	44
- Doença de Lyme	45



- Doenças Diarréicas	46
- Doença Meningocócica	78
- Echovírus	49
- Encefalite Equina	24
- Enterovírus	49
- Epizootias	51
- Erliquiose	52
- Esporotricose	53
- Esquistossomose	54
- Febre Amarela	55
- Febre Maculosa Brasileira	56
- Febre do Nilo Ocidental	57
- Febre Tifóide	58
- Filariose	59
- Fungos	60
- H1N1	103
- Hantavirose	62
- Hepatite B (Carga Viral)	63
- Hepatite C (Quali/Quanti/Geno)	64
- Hepatites Virais	65
- Herpes Simples 1/2	66
- Hidatidose	67
- HIV	68
- HTLV I/II	69
- Ilhéus (vírus)	24
- Influenza	70
- Leishmaniose Visceral Canina	71
- Leishmaniose Visceral Humana	72
- Leishmaniose Tegumentar Americana	74
- Leptospirose	76
- Malária	77
- Mayaro	24
- Meningite Bacteriana	78
- Meningite Viral/Encefalite	82



- Micobacterioses	83
- Multiresistência (Cepas)	86
- Norovírus	70
- Paralisia Flácida Aguda (PFA)	49
- Parvovírus B19	88
- Peste	89
- Poliomielite/Poliovírus	49
- Oropouche	24
- Raiva	91
- Rocio	24
- Rotavírus	46
- Rubéola	93
- Sarampo	94
- St. Louis (vírus)	24
- Toxoplasmose	95
- Tracoma	33
- Tuberculose	97
- Varicela	100
- Varíola	101
- Vírus Entéricos	46
- Vírus Respiratórios	103

ANEXOS:

I – Fluxo de Amostras Biológicas	104
II.A – TB - Materiais Pulmonares	118
II.B – TB - Materiais Extrapulmonares	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
CONTATOS	123

IN

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 7/123

*"Não somos responsáveis apenas pelo que fizemos, mas também pelo que deixamos de fazer".
(Molière)*

HISTÓRIA

Em 5 de junho de 1894, o Decreto nº 89 implementou o **Laboratório Municipal de Bromatologia**.

Entretanto, apenas em 1906, já com um novo nome, **Laboratório Municipal de Análises**, começaram as primeiras atividades do novo órgão de Saúde Pública. A primeira sede do Laboratório foi o andar térreo do Palácio do Conde da Barca (já demolido), localizado na Rua do Passeio, no Centro do Rio de Janeiro.



Em 10 de novembro de 1914, o Laboratório Municipal de Análises passou a ocupar dois pavilhões localizados no prédio nº 27 da Rua Camerino, também no Centro.



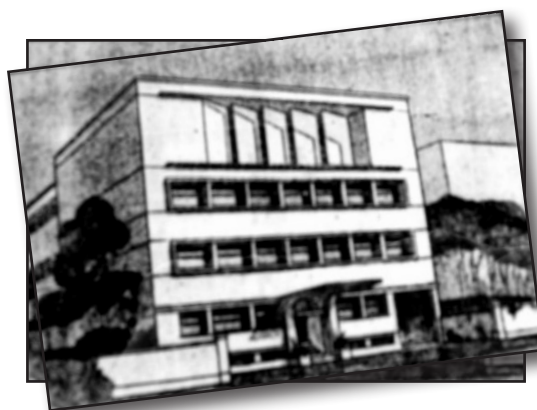
Em 1920, a União, através de acordo com a Prefeitura do Distrito Federal, incorporou os serviços de higiene e laboratórios de análise. Este acordo era parte de um plano maior: a reforma dos serviços sanitários, conhecida como "Reforma Carlos Chagas" (Decreto 3.987 de 02/01/1920).

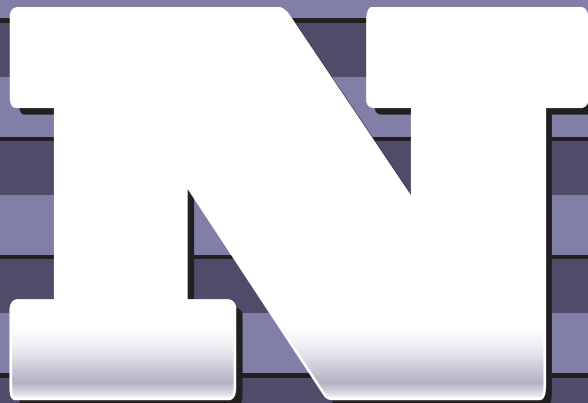
A partir daquele ano, a instituição consolidou-se com uma nova denominação, **Laboratório Bromatológico do Rio de Janeiro**, permanecendo com este nome até a década de 60.

Em 1939, os serviços locais de Saúde Pública foram municipalizados, e novamente o Laboratório Bromatológico tornou-se parte da estrutura da prefeitura do Distrito Federal.

Em 1949, através do Decreto nº 9.688 de 11 de abril, foram estabelecidas as atribuições do Laboratório Bromatológico. Entre outras funções, o órgão deveria realizar análises prévias e fiscais dos órgãos governamentais e manter uma exposição permanente dos produtos alimentícios como meio de divulgar o valor nutritivo dos mesmos. Com estas atribuições, a perspectiva de mudança para uma nova sede gerou uma expectativa por melhores condições técnicas para os funcionários e, como consequência, uma melhor qualidade no atendimento ao público carioca. E este desejo foi concretizado: a construção do novo edifício na Rua do Resende, iniciada em 1948, representou um grande passo ao proporcionar melhores serviços de saúde à população do Rio de Janeiro numa estrutura própria e moderna para a época.

Situado no Centro do Rio de Janeiro, o edifício nº 118 da Rua do Resende foi inaugurado no dia 20 de novembro de 1953, pouco mais de cinco anos após a colocação de sua pedra fundamental em 14 de setembro de 1948. A inauguração do novo edifício contou com a presença do prefeito do Distrito Federal, General Dulcídio Espírito Santo Cardoso e do Secretário de Saúde e Assistência, Álvaro Tolentino Borges Dias.



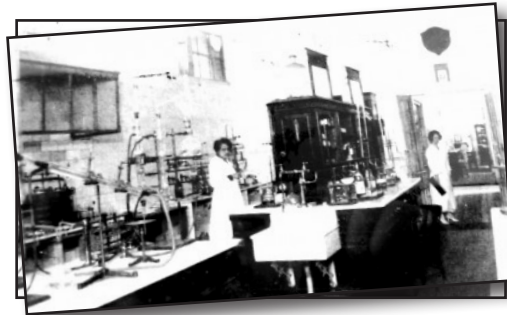


Em 1960, com a transferência da capital federal para Brasília, a cidade do Rio de Janeiro mudou de condição de Distrito Federal para a capital do recém criado Estado da Guanabara. Portanto, automaticamente, o Laboratório Bromatológico foi incorporado à estrutura governamental do novo estado.

Em publicação no Boletim Oficial de 12 de janeiro de 1965, foi instituído o Laboratório de Saúde Pública, ligado à Secretaria de Saúde do Estado da Guanabara. O Laboratório de Saúde Pública era integrado pelos seguintes órgãos: Instituto Louis Pasteur, Instituto de Patologia, Instituto Bromatológico Francisco de Albuquerque e Instituto de Microbiologia e Parasitologia.

Em 1975, a fusão do antigo Estado do Rio de Janeiro (criado em 1889) com o Estado da Guanabara (criado em 1961) gerou o novo Estado do Rio de Janeiro, com a capital no município do Rio de Janeiro. A partir da fusão, a tarefa de dirigir todo o sistema de laboratórios do Estado do Rio de Janeiro ficou a cargo do **Instituto Estadual de Saúde Pública Louis Pasteur (IESP)**.

Em 21 de julho de 1975, a Resolução 05 da Secretaria de Estado de Saúde (SES), instituiu o Regimento Interno da SES. Este documento estabelece o Instituto Estadual de Saúde Pública Louis Pasteur como órgão ligado ao Departamento Geral de Epidemiologia e Controle de Doenças. O IESP, assim, era formado pelas Divisões de Patologia, de Controle Sanitário e pelo Serviço Assistencial de Laboratórios Regionais e Locais, ou seja, os laboratórios Miguelote Viana (Niterói) e os regionais de Petrópolis, Campos dos Goytacazes, Nova Friburgo e Barra Mansa. Portanto, após a fusão, o papel de Laboratório de Referência Estadual passou do Laboratório Miguelote Viana para o IESP, que passou a congrega as funções do antigo Serviço de Laboratórios do Estado do Rio de Janeiro (1956) e do antigo **Laboratório de Saúde Pública do Estado da Guanabara** (1965). Deste modo, a partir da década de 70, o Instituto Louis Pasteur coordenava toda a rede de laboratórios da Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ), em nível regional (através das coordenadorias regionais) e local (em centros e postos de saúde), além de assumir a supervisão de todos os laboratórios da rede hospitalar. A transformação do Instituto em Laboratório Central, como é conhecido atualmente, foi consequência natural desta nova organização da saúde no Estado do Rio de Janeiro.



Em 1983, através do Decreto 6.976 de 9 de dezembro, foi alterada a estrutura da Secretaria de Estado de Saúde e Higiene, sendo criado o **Laboratório Central de Saúde Pública Noel Nutels (LCNN)**, em substituição ao IESP Louis Pasteur.

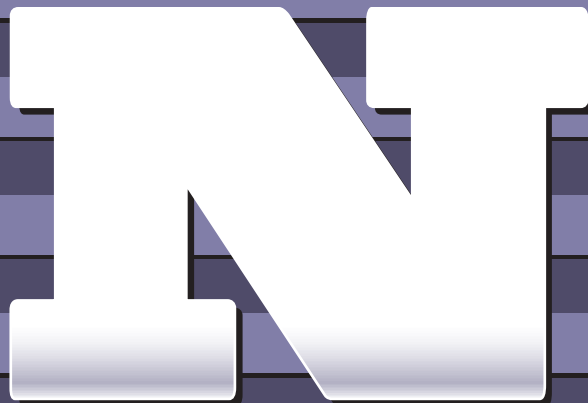
Com a implantação em 1990 do Sistema Único de Saúde (SUS), o **Laboratório Central Noel Nutels** fortaleceu sua condição de Laboratório de Referência Estadual, sendo também conhecido como **LACEN-RJ**, como sigla de Laboratório Central do Estado do Rio de Janeiro. O Laboratório e outros LACEN's espalhados pelos demais estados do país passaram a se articular como um sistema integrado, considerado o princípio da descentralização dos serviços e ações de saúde no Brasil.

A partir de 1995, o Laboratório passa por novas mudanças estruturais, passando a contar com uma estrutura por Departamentos. São nomeados os Departamentos de Patologia, de Controle Sanitário e de Pesquisa e Desenvolvimento.

A resolução 1.953 de 29/11/2002 definiu e normatizou a Rede Estadual de Laboratórios de Saúde Pública do Estado do Rio de Janeiro (RELSP-RJ), coordenada pelo Laboratório Noel Nutels. Esta nova função reafirmou e consolidou a condição do LACEN-RJ como Laboratório de Referência do Estado do Rio de Janeiro e um dos principais LACEN's do país.

A partir de 2007, com a reestruturação da SES-RJ, o LACEN-RJ também passa por mudanças internas com seus departamentos sendo transformados em gerências.

Em 2012, a nova gestão do LACEN-RJ com o objetivo de se aproximar ainda mais das Vigilâncias em Saúde em todas as esferas de governo, promove a reorganização da Instituição, definindo um novo organograma interno, que se encontra em vigor, bem como estabelece as diretrizes de trabalho a seguir:

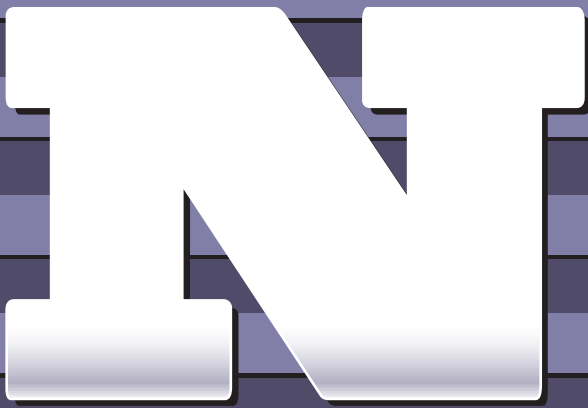


MISSÃO

“É missão do Laboratório Central Noel Nutels – LACEN/RJ, servir como Laboratório de Referência Estadual – LRE para o controle de produtos sujeitos à Vigilância Sanitária, para a Vigilância Epidemiológica e para a Vigilância Ambiental em Saúde no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.”

VISÃO

- * Adequar seu escopo analítico às demandas dos gestores no âmbito Federal, Estadual e Municipal do SUS no Estado do Rio de Janeiro.
- * Fomentar, promover e apoiar a criação e expansão de uma Rede Estadual Hierarquizada de Laboratórios que permita um amplo acesso da população aos serviços públicos laboratoriais no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.
- * Qualificar para descentralizar e acompanhar através de Controle de Qualidade e Supervisão os laboratórios que fazem parte da Rede Estadual de Laboratórios de Saúde Pública.
- * Promover o constante desenvolvimento técnico-científico da Instituição, implantando técnicas e metodologias que melhor permitam atender às necessidades de vigilância em saúde no seu âmbito de atuação.
- * Executar todas as suas atividades analíticas em conformidade com os critérios aplicáveis de competência técnica de laboratórios de ensaios e/ou de laboratórios clínicos.
- * Estruturar o LACEN/RJ segundo requisitos sanitários e ambientais vigentes, assim como de acordo com os critérios dos primeiros passos para a excelência – FPNQ.



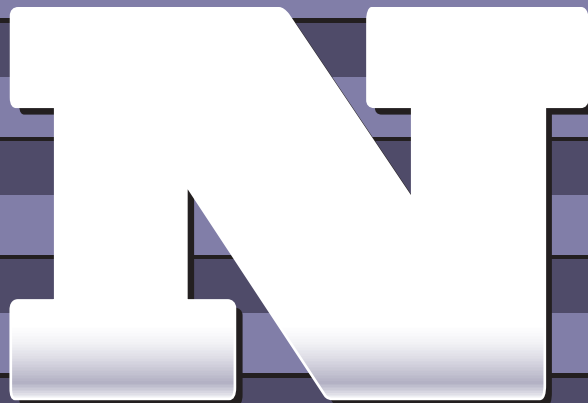
LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 13/123

POLÍTICA DE QUALIDADE

“A Diretora Geral do Laboratório Central Noel Nutels, ciente da importância dos serviços de referência analítica realizados com o fim de promover a saúde da população, compromete-se com a implantação, desenvolvimento e avaliação continuada do Sistema de Garantia da Qualidade e Biossegurança, aplicado a todas as ações analíticas e administrativas executadas no LACEN-RJ, com o objetivo precípua de garantir a confiabilidade dos resultados gerados.

O Laboratório Central Noel Nutels em respeito ao direito do cidadão à saúde, compromete-se com todos os seus usuários e clientes a implementar ensaios de qualidade, baseados nos princípios e critérios estabelecidos nas Normas ABNT ISSO/IEC 17025/2005 e/ou ABNT NBR NM ISSO 15189/2008 aplicáveis à Capacitação de Laboratórios de Ensaio e Laboratórios Clínicos, respectivamente.

Todo o pessoal envolvido, direta ou indiretamente, na execução de ensaios está familiarizado com os princípios e critérios estabelecidos nessas Normas, bem como com o exercício de boas práticas laboratoriais embasadas no conhecimento técnico adquirido e na consciência da política pública do bem estar comum.

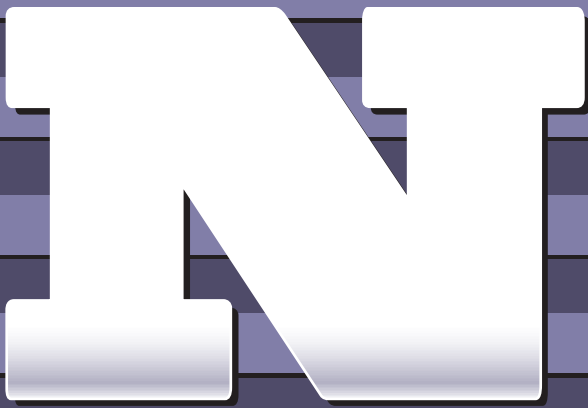


INTRODUÇÃO

Este Manual tem por finalidade se adequar às exigências do Guia de Vigilância Epidemiológica/SVS/MS, ao Programa de Qualidade do LACEN/RJ e às Normas de Biossegurança nos Serviços de Saúde, procurando de forma prática sistematizar as orientações para coleta, acondicionamento e transporte de material biológico, bem como atender ao princípio do SUS de “divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário” (Lei 8080/90, cap. 2 inciso VI). A divulgação dos serviços prestados pela Gerência de Controle Epidemiológico (GCE) e a orientação das condições ideais de coleta, acondicionamento e transporte das amostras biológicas encaminhadas ao laboratório, busca a melhoria da qualidade dos exames e a confiabilidade dos resultados analíticos, contribuindo para a satisfação dos nossos usuários de qualquer instância.

ATENÇÃO!

Para que o laboratório possa realizar os exames com qualidade, é necessário que a unidade que irá enviar o material esteja ciente e atenda aos critérios citados a seguir.



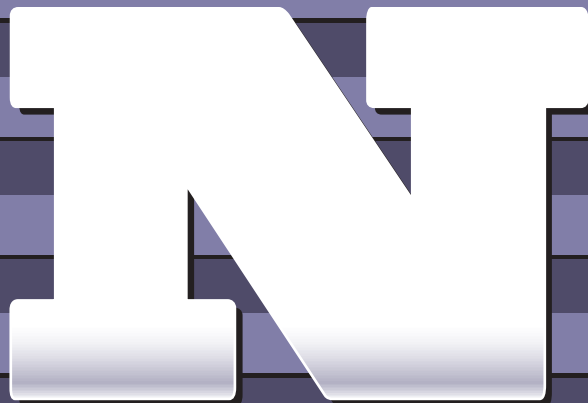
1. CONDIÇÕES GERAIS

Ao iniciar os trabalhos, o técnico deve organizar seu material de acordo com a amostra a ser coletada, utilizar Equipamentos de Proteção Individual – EPI, m.como por exemplo: máscaras, luvas e jalecos, e ter Equipamentos de Proteção Coletiva – EPC à disposição, por exemplo: kit de primeiros socorros, conferir todos os dados da requisição e a identificação correta da amostra. As solicitações devem ser sempre cadastradas no Sistema Gerenciador de Ambiente Laboratorial (Sistema GAL) antes do envio ao laboratório. Para informações entrar em contato com a Gerência do Sistema GAL no Rio de Janeiro pelos telefones: (21) 2332-9985 / 2332-8601 ou e-mail: gal.riodejaneiro@gmail.com.

2. REQUISIÇÕES E FICHAS DE NOTIFICAÇÃO

Para que o LACEN-RJ realize os exames, é importante que as requisições, pedidos médicos, fichas de notificação (SINAN) e os formulários de BPA-I (quando aplicáveis) estejam preenchidos corretamente, sem rasuras, com as condições e dados a seguir. Para o cadastro realizado no sistema GAL deverá se observar as obrigatoriedades dos campos a serem preenchidos.

- a) **Letra legível:** Preencher com letra legível para que não ocorram erros de registros e os laudos cheguem corretamente aos pacientes e unidades requisitantes;
- b) **Identificação da procedência:** Para o registro correto do resultado é obrigatório o nome, endereço e cidade da procedência;
- c) **Nome do paciente completo:** É obrigatório informar todo nome e sobrenome, quanto mais dados, maior a segurança. Para o cadastro no Sistema GAL não colocar acentos e til nos nomes;
- d) **Data de nascimento, idade e sexo:** Para a identificação do paciente, restringindo a margem de erro e auxiliando a Vigilância Epidemiológica. São obrigatórias;
- e) **Nome da mãe:** É obrigatório por ser fonte relevante de esclarecimento em caso de homônimos;
- f) **Nome e carimbo do solicitante:** É obrigatória a identificação do solicitante do exame. Podem solicitar exames: Médicos, Enfermeiros ligados aos programas, Coordenadores de VE e dentistas (em casos específicos);
- g) **Descrição do material coletado:** soro, sangue, sangue total, líquido cefalorraquidiano – LCR), medula óssea, lavado brônquico, fezes, urina, secreções e outros;
- h) **Exame(s) solicitado(s):** a descrição do(s) exame(s) solicitado(s) deve ser bem legível e compatível com o volume de material enviado. O material deve ser adequado ao exame a que se destina;



i) Datas:

- **Da requisição** é obrigatória;
- **Do início dos sintomas** quando solicitada e obrigatória nos seguintes casos: Meningite, Coqueluche, Difteria, Dengue, Leptospirose, Febre Maculosa, Febre Amarela e Chikungunya;
- **Da coleta** é obrigatória;

j) Telefone para contato: da Unidade solicitante e, se possível, do paciente;

k) Cartão Nacional de Saúde (CNS): A partir da versão 2.6.0 do Sistema GAL deve-se informar o número válido do CNS do paciente. Sem este número o sistema não realizará o histórico do paciente;

3. COLETA DE SANGUE

3.1. Requisição

Antes de iniciar a coleta, verificar se a requisição e ou ficha estejam preenchidas de forma correta e completa.

3.2. Condições do paciente

O jejum é necessário apenas para os exames de dosagens bioquímicas (principalmente glicemia e lipidograma). Para os demais exames, não é necessário jejum, sendo suficiente que seja coletado antes das principais refeições e principalmente antes da realização de esforços físicos, esperar até que o paciente se sinta descansado para fazer a coleta.

3.3. Coleta

Em caso de coleta de sangue, obter preferencialmente pela punção venosa.

3.3.1. Sangue total

Coletar com o anticoagulante recomendado para a realização do exame, homogeneizar, rotular e enviar. Não centrifugar. Para a maioria dos exames imunológicos que utilizam sangue total recomenda-se a coleta em tubos com EDTA K3 (tampa roxa). Nunca utilize tubo com heparina (**tampa verde**). Consulte sempre o Manual para verificar o material adequado a cada exame.

3.3.2. Soro

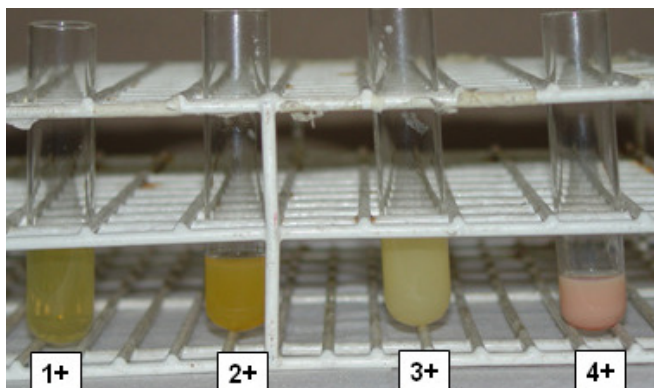
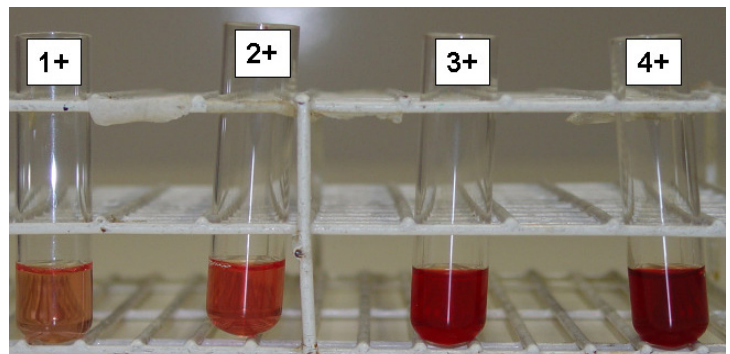
O sangue total deve ser coletado em tubo sem anticoagulante, com gel separador de preferência, ser centrifugado, ou, se o local não dispõe de centrífuga, deixar retrainr o coágulo. Aliquotar o soro formado em tubo de polipropileno (plástico) com tampa de rosca, rotular o tubo e enviar.

Antes do envio, para evitar rejeição da amostra de soro para execução do exame solicitado, deve-se verificar o grau de hemólise ou lipemia da amostra.

Observando a figura abaixo, os graus 3+ e 4+ de hemólise ou lipemia, normalmente, podem provocar interferência nos resultados dos exames, não sendo recomendados para a maioria dos procedimentos analíticos e podem ser recusados pelo laboratório.

A utilização do tubo com gel separador não é recomendado para alguns exames. Consulte sempre o Manual para verificar o material adequado a cada exame.

HEMÓLISE



LIPEMIA

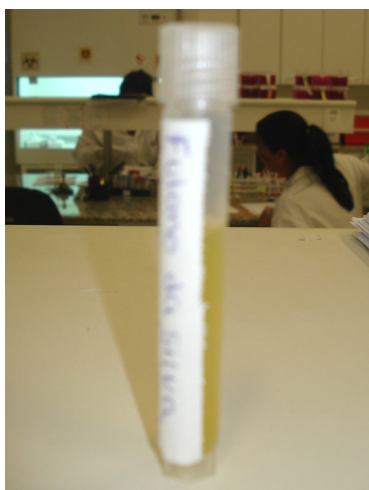
3.3.3. Plasma

O sangue deve ser coletado em tubo com anticoagulante recomendado para realização do exame (EDTA – tampa roxa), ser centrifugado, ou, se o local não dispõe de centrífuga, deixar o tubo sobre a bancada, e esperar sedimentar espontaneamente. Aliquotar o plasma formado em tubo de polipropileno (plástico) com tampa de rosca, rotular o tubo e enviar. Nunca utilize tubo com heparina (tampa verde). Consulte sempre o Manual para verificar o material adequado a cada exame.

4. IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA BIOLÓGICA

Ao identificar os tubos ou frascos com material biológico, colocar o **NOME COMPLETO DO PACIENTE**, o **TIPO DE AMOSTRA BIOLÓGICA** (sangue total, soro ou plasma) e o **NÚMERO DE CADASTRO NO SISTEMA GAL** em etiqueta própria para identificação de tubos ou, em caso de uso de esparadrapo, usar o mínimo possível. Ver as ilustrações abaixo para etiquetagem correta.

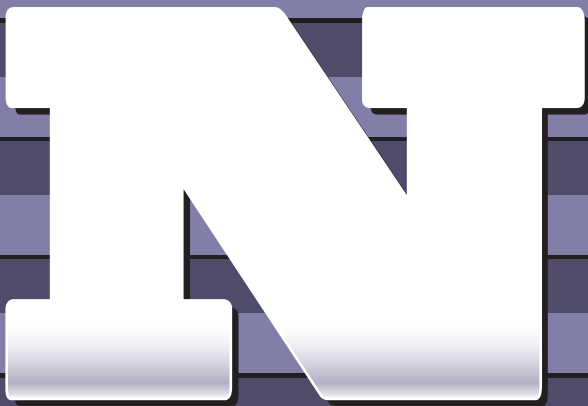
Os técnicos precisam visualizar o nível do soro no tubo ou frasco para efetuar uma pipetagem precisa e isto não é possível quando o mesmo está coberto de esparadrapo e a tentativa de retirá-lo pode provocar um acidente biológico.



CORRETO



INCORRETO

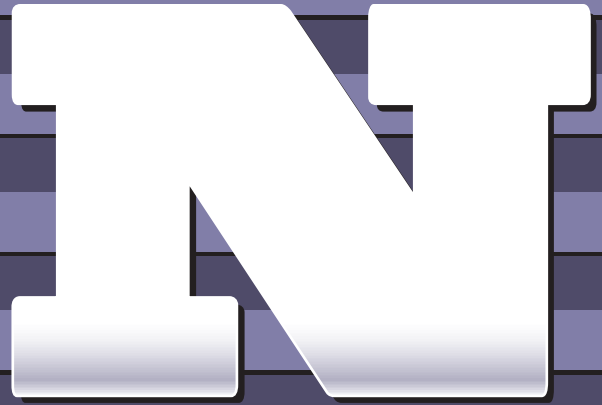


5. ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

- a) Colocar o(s) tubo(s) com a(s) amostra(s) devidamente identificado(s) e etiquetado(s) em uma estante, **obedecendo a mesma ordem das fichas**;
- b) Colocar a estante com os tubos em um saco plástico e fechar;
- c) Colocar dentro de uma caixa de transporte, sinalizada como risco biológico;
- d) Verificar neste Manual a **temperatura de envio** das amostras para cada agravo e acondicionar as amostras corretamente;
- e) Dispor a estante de amostras na caixa de transporte de maneira que os tubos não colidam;
- f) Colocar as requisições correspondentes, devidamente preenchidas, dentro de um envelope à parte. Quando cadastradas no Sistema GAL as requisições devem vir acompanhadas do Relatório de Encaminhamento gerado pelo sistema;
- g) Vedar bem o envelope e fixá-lo na tampa da caixa de transporte;
- h) Fechar e vedar bem a caixa;
- i) Identificar com o destinatário e remetente (nome, telefone e endereço da pessoa responsável pelo envio);
- j) Enviar ao LACEN/RJ.

OBSERVAÇÃO

- Material biológico e pessoas não devem ser transportados no mesmo veículo.
- O motorista deve ser devidamente orientado de como proceder em caso de acidente, pelo responsável pela remessa.



5.1. Instruções para armazenamento, utilização e transporte de botijão de nitrogênio líquido (N₂)

Precauções de manuseio

Para manusear o botijão de nitrogênio é necessário o uso de equipamentos de proteção individual (EPI's), tais como jaleco, luvas, óculos de proteção, etc. O manuseador do botijão de nitrogênio deve estar sempre atento a qualquer fato diferente que ocorra com o botijão. Dessa forma, deve-se regularmente, medir o nível de nitrogênio com régua apropriada, distribuída pelas empresas que comercializam os botijões. O limite mínimo do nível de nitrogênio para se trabalhar com segurança é de 15 cm. Para realizar uma medida, basta introduzir a régua no centro do botijão, aguardar alguns segundos, retirar e observar a faixa branca (condensação) que se forma, e que corresponde ao nível de nitrogênio no botijão.

O botijão deve ficar sempre tampado, porém nunca se deve vedar a tampa do botijão para impedir a evaporação do nitrogênio, deve-se apenas tampar.

Para retirar as amostras do botijão nunca se deve retirar completamente os canisters (canecos), apenas levantá-los.

OBSERVAÇÃO: Recomenda-se que o nível do nitrogênio seja verificado semanalmente.

Armazenamento de amostras

As amostras de líquidos corporais (Soro, líquido, etc.) deverão ser acondicionadas em tubos apropriados (criotubos) com tampa de rosca antes de serem armazenadas no botijão de nitrogênio líquido. Os tubos devem estar devidamente identificados, de forma legível, a etiqueta não deve encobrir o nível da amostra e deve estar protegida por uma fita durex cobrindo toda sua extensão.

Condições de armazenamento do botijão

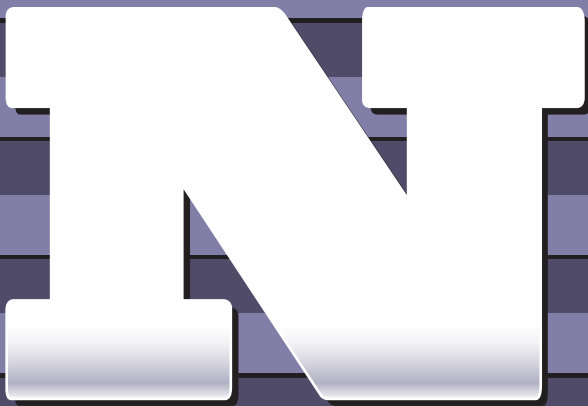
Manter o botijão em ambiente ventilado, seco, sem incidência de raios solares diretos. Recipientes criogênicos devem ser utilizados e estocados em posição vertical. Não arraste, role, ou deixe-os cair. Nunca dar batidas ou pancadas no botijão.

Cuidados no transporte

O botijão de nitrogênio deve ser transportado em veículos bem ventilados (caminhonete ou caminhão) em posição segura e bem preso. Quando transportado em veículo com compartimento não ventilado pode apresentar sérios riscos a segurança. A exposição a uma atmosfera deficiente em oxigênio (menor que 19,5%) pode causar tonturas, sonolência, náusea, vômitos, perda de consciência e morte.

Medidas de controle para derramamento/vazamento

Cuidado! Líquido e gás extremamente frio sob pressão. O nitrogênio é um asfixiante. A falta de oxigênio pode matar. Imediatamente evacue a área de risco usando equipamento de respiração se necessário. Deixe o líquido vazado evaporar. Apenas interrompa o vazamento se não houver risco.

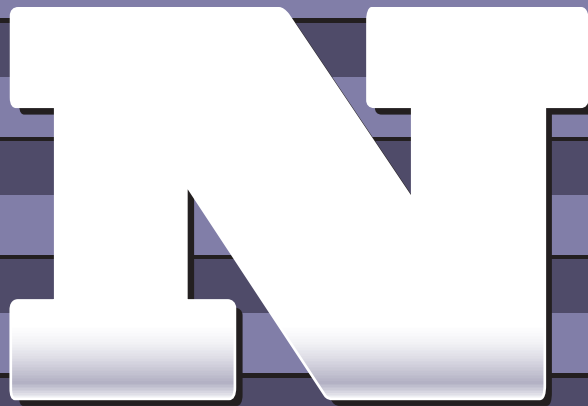


Medidas de primeiros socorros

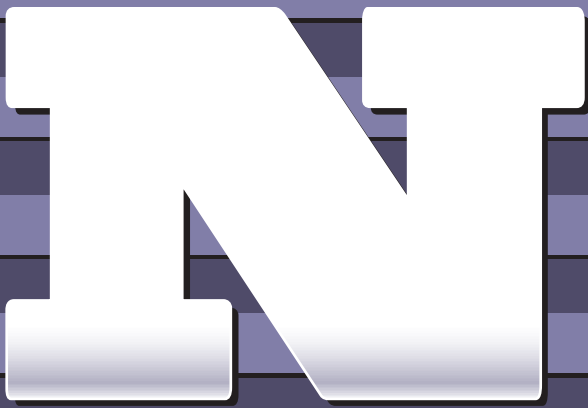
- **Inalação:** concentrações moderadas podem causar cefaléia, sonolência, vertigem, excitação, excesso de salivação, vômito e inconsciência. A falta de oxigênio pode causar até morte. Remova a pessoa para local com ar fresco e administre respiração artificial se ela não estiver respirando. Chame socorro médico.
- **Contato com a pele:** o vapor não causa nenhum efeito prejudicial. O líquido pode causar congelamento. Imediatamente após o contato com o nitrogênio líquido, deve-se aquecer a área congelada com água morna (não exceder 41 °C). Chame socorro médico.
- **Contato com os olhos:** em caso de contaminação por respingo, imediatamente lave bem os olhos com água corrente durante 15 minutos, no mínimo. Chame socorro médico imediatamente.

6. CRITÉRIOS GERAIS

- Ao enviar material por transportadora, a unidade requisitante deve ter o cuidado de postar as encomendas para que cheguem ao LACEN/RJ de segunda a sexta-feira até às 17 horas.
- Para entregar material biológico ao Serviço de Recepção de Amostras Biológicas (RECBIO) do LACEN/RJ, a unidade requisitante deve enviar juntamente com as requisições e amostras, uma listagem de encaminhamento do material, que será liberada ao portador após conferência do material, devendo ser carimbada e assinada pelo servidor da RECBIO. Após o cadastro pelo sistema GAL esta listagem deverá ser o Relatório de Encaminhamento emitido pelo sistema.
- Após conferência, se houver alguma não conformidade, a amostra biológica será devolvida ou descartada e a ficha será devolvida à unidade que a encaminhou, juntamente com o formulário da ocorrência das não-conformidades apresentadas. O exame cadastrado no Sistema GAL será descartado com a informação da ocorrência.
- O Serviço de Recepção de Amostras Biológicas - RECBIO não se responsabiliza pelo material caso o portador não espere a conferência do mesmo.
- As caixas de transporte, assim como o gelox e as grades de armazenamento das amostras, são devolvidas logo após a conferência do material. Sendo assim, o LACEN/RJ não se responsabilizará por estes materiais caso sejam deixados pelo portador.
- O horário de funcionamento do Serviço de Recepção de Amostras Biológicas - RECBIO é de segunda a sexta feira de 07 às 19 horas. Sábados, domingos e feriados de 8 às 17 horas.
- O LACEN/RJ não trabalha em regime de plantão, exceto em situações especiais como surtos, epidemias e eventos que exijam horário diferenciado. Em casos de necessidade, devidamente justificada, de entrega de material fora do horário de funcionamento do LACEN/RJ, deverá ser acordada antecipadamente com a Gerência de Controle Epidemiológico ou Direção Técnica ou Direção Geral.
- O endereço do LACEN/RJ é Rua do Rezende nº 118 – Bairro de Fátima – Centro – Rio de Janeiro – CEP 20.231-092.
- Os telefones de contato são:
 - Direção Geral / Direção Técnica / RELSP: (21) 2332-8597/8606
 - Gerência de Controle Epidemiológico: (21) 2332-8601 ou 2332-8598 ramal 216
 - Recepção de Amostras Biológicas: (21) 2332-8598/8603 ramais 224 ou 232.



7. CRITÉRIOS ANALÍTICOS



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 23/123

ANAPLASMOSE

1. SINONIMIA

Tristeza bovina

2. EXAME

RIFI e PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro ou sangue total, de humanos e animais.

4. VOLUME IDEAL

No mínimo 1 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Por volta de 7 dias após o início dos sintomas.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O soro poderá permanecer em geladeira (2 a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A Anaplasmosose é transmitida pela bactéria *Anaplasma spp.* No Brasil a mais comum é a *Anaplasma marginale*. É mais comum em bovinos, mas já foi relatada em humanos. Não é uma doença de notificação compulsória e por isso não há uma ficha SINAN específica. Pode ser enviada na ficha de solicitação para Doenças Transmissíveis, padrão LACEN (campo Outros) ou a do GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

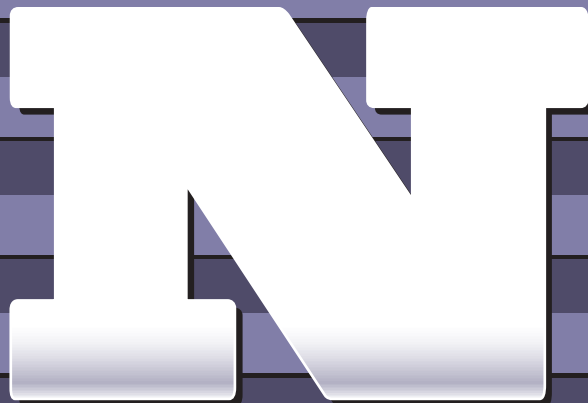
Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LHR / FIOCRUZ / RJ



ARBOVÍRUS

1. PESQUISA DE ARBOVÍRUS

Rocio, Mayaro, Oropouche, Chikungunya, Encefalites Equinas (EEV, EEE, EEW), St. Louis, Ilhéus, Arenavírus.

2. EXAME

Hemaglutinação Indireta, ELISA, PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro, coágulo, sangue total, líquor
Material de necropsia

4. VOLUME IDEAL

Soro: 3 mL.

Sangue total: 6 mL.

Material de necropsia: Fragmentos de 1-2 cm³ de cada órgão coletados em tubos criogênicos sem conservantes.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Soro, coágulo, sangue total, líquor: amostra até o 7º dia após início dos sintomas ou enquanto perdurar a febre (na contagem não considerar o dia do início dos sintomas).

Material de necropsia: colher no máximo 8h após o óbito. Colocar amostras de cada órgão e fragmentos de cada região em tubos separados e devidamente identificados.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro e Sangue total:

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro após a coleta, por centrifugação.

As amostras devem ser acondicionadas em freezer (-20°C) e encaminhadas imediatamente ao laboratório. Se não for possível o envio imediato, as amostras devem ser mantidas em freezer (-70°C) ou nitrogênio líquido (Ver item 5.1 das "Condições Gerais").

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Nitrogênio líquido (Ver item 5.1 das "Condições Gerais"), gelo seco ou gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação médica ou SINAN, com todas as informações descritas no item 10 abaixo. Cadastrar no Sistema GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome completo do paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Endereço;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;
- Breve histórico do caso;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

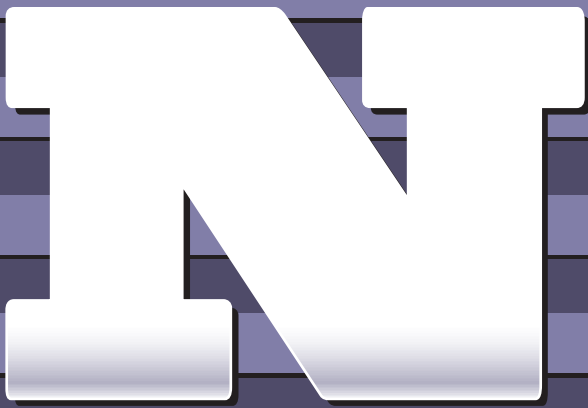
Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS – IEC/PA



BARTONELOSE

1. SINONIMIA

Arranhadura de gato

2. EXAME

RIFI e PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro ou sangue total

4. VOLUME IDEAL

No mínimo 1 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Com exceção de casos graves e óbitos, devem ser coletadas 2 amostras:

1ª Amostra: Por volta de 7 dias após o início dos sintomas;

2ª Amostra: 14 a 21 dias após a coleta da 1ª amostra.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O soro poderá permanecer em geladeira (2 a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes. Enviar, de preferência, somente após a coleta da 2ª amostra.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A bartoneloze não é uma doença de notificação compulsória e por isso não há uma ficha SINAN específica, podendo ser enviada na ficha de solicitação para Doenças Transmissíveis, padrão

LACEN (campo Outros) ou a requisição do GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

Amostras sem descrição de 1ª ou 2ª coleta;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LHR / FIOCRUZ / RJ

BOTULISMO

1. SINONIMIA

Pesquisa de Toxina botulínica, Pesquisa de *Clostridium botulinum*.

2. EXAME

Cultura e Pesquisa de Toxina Botulínica

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

Fezes

Lavado gástrico/vômito (somente nos casos de Botulismo alimentar e para Pesquisa de Toxina)

4. VOLUME IDEAL

Soro: 10 mL

Fezes ou Lavado gástrico/vômito: 15g

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Antes da administração do soro antibotulínico (SAB);

Soro: no máximo até 8 dias após início dos sintomas;

Fezes com diarreia e Lavado gástrico/vômito: até 3 dias do início dos sintomas;

Fezes com constipação intestinal: até 6 dias do início dos sintomas;

Fezes sem alterações: até 4 dias do início dos sintomas;

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Para soro, ver item 3 das Condições Gerais;

Para fezes, ver "Doenças diarreicas".

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

A Toxina botulínica é termolábil, por isso as amostras devem ser refrigeradas imediatamente (2°C a 8°C – geladeira). Não é necessário congelar. Enviar imediatamente ao laboratório.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O material deve ser transportado em caixa térmica ou isopor com gelo reciclável ou gelo seco.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha do SINAN

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

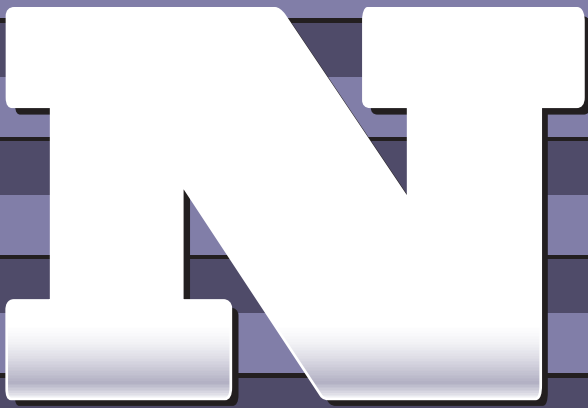
Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta necessária

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste

Amostra sem ficha de solicitação

12. LABORATÓRIO EXECUTOR INSTITUTO ADOLFO LUTZ/SP



CARGA VIRAL DE HIV

1. EXAME

Quantificação da Carga Viral do HIV por RT-PCR em tempo real

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Sangue total contendo anticoagulante EDTA K3 (tubo com tampa roxa)

3. VOLUME IDEAL

2 tubos de sangue total com EDTA K3 (tampa roxa).

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Não é necessária a preparação especial do paciente antes de iniciar a coleta das amostras, mas recomenda-se (não obrigatório) um jejum de 8h.

O manuseio correto das amostras é imprescindível para proteger o RNA viral do HIV- 1 de degradação.

Coletar o sangue observando as precauções universais para punção venosa.

Coletar o sangue em 2 tubos plásticos contendo anticoagulante EDTA K3 (tampa roxa).

Identificar o nome completo do paciente, com letra legível, diretamente no tubo, sem utilizar fita adesiva. Não abreviar os nomes dos pacientes.

Após a coleta o sangue deverá ser mantido à temperatura ambiente (20°C à 25°C).

OBS.:

- Não usar tubos de EDTA com gel.
- Nunca utilizar tubos de coleta reciclados.
- Nunca utilizar tubos de vidro.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Após a coleta, conservar as amostras por um período máximo de 12h a temperatura ambiente (18°C à 25°C).

Não congelar. Não centrifugar.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Se for necessário o transporte das amostras ao laboratório executor, as mesmas deverão ser acondicionadas em caixas de isopor contendo gelo reciclável em quantidade suficiente para manter as amostras entre 18°C e 25°C.

Assegure-se de que o empacotamento e a estocagem estejam de acordo com as regulamentações federais para o transporte de amostras clínicas e de agentes etiológicos.

OBS.:

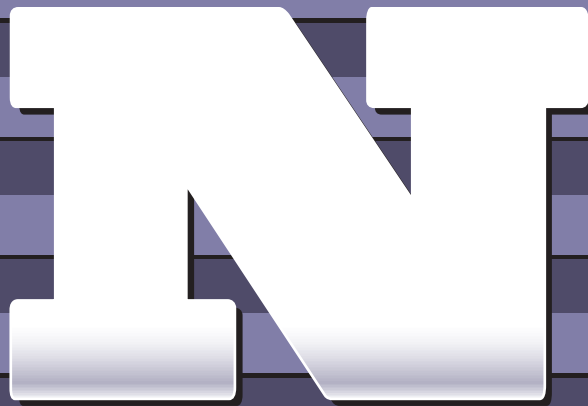
Nunca enviar amostras às sextas-feiras, sábados e domingos ou vésperas de feriados, sem autorização do laboratório executor.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Formulário BPA-I para Carga Viral do HIV Segundo determinação do Dep. Nacional de DST/Aids/Hepatites Virais do MS as amostras enviadas para diagnóstico, conforme estabelecido nos fluxogramas 3 e 4 do Manual de Diagnóstico da Infecção pelo HIV da portaria 29 de dezembro de 2013, devem ser cadastradas no Sistema GAL.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;
- Cid10.



10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Quando for utilizado plasma de sangue hemolisado.

Amostra coagulada.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

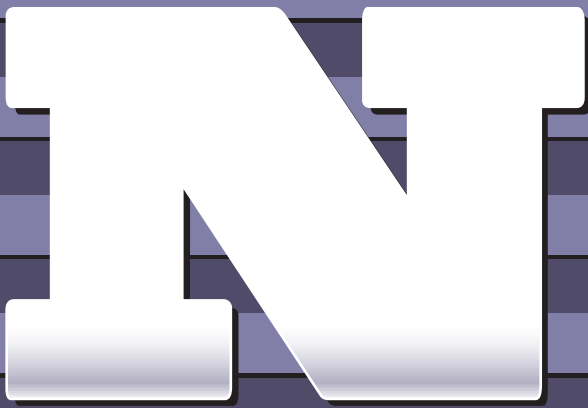
Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



CAXUMBA

1. SINONIMIA

Parotidite infecciosa, papeira

2. EXAME

Sorologia IgM por ELISA

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

A Caxumba não é uma doença de notificação compulsória e, segundo o Guia de Vig. Epidemiológica do MS, 7ª Ed., 2010, seu diagnóstico é eminentemente clínico-epidemiológico. Nos casos graves o diagnóstico pode ser complementado por sorologia.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2º-8ºC) por no máximo 3 dias ou freezer (-20ºC) por no máximo 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação de Doenças Transmissíveis – Caxumba padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

CISTICERCOSE

1. SINONIMIA

Pesquisa de Cisticerco, Sorologia para Cisticercose, Neurocisticercose

2. EXAME

Sorologia: ELISA, RIFI

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro
Líquor (LCR)

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser a condicionada em refrigerador (2°-8°C) por no máximo 5 dias. Após este período armazenar a -20°C (freezer) por até 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

O LCR deve ser mantido refrigerado e encaminhado imediatamente ao laboratório.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A Cisticercose não é doença de notificação, não possuindo ficha SINAN nem específica do LA-CEN. Deve ser cadastrada no Sistema GAL e encaminhado o pedido médico, se possível com um relato do caso para envio ao laboratório de referência.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (n° registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

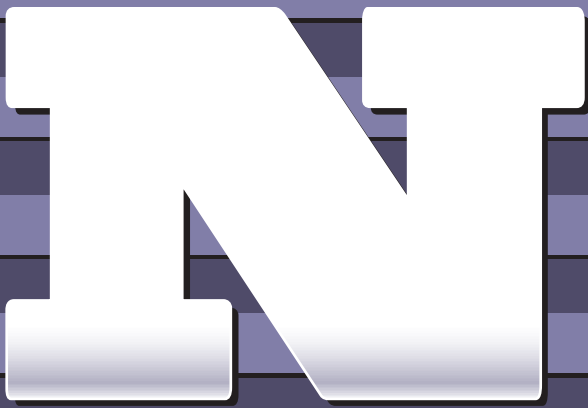
Quando não for coletada a quantidade correta.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

INSTITUTO ADOLFO LUTZ/SP



CITOMEGALOVÍRUS

1. SINONIMIA

Herpes vírus 5, HHV-5

2. EXAME

- Sorologia

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

De 2°C a 8°C (geladeira) por até 5 dias ou congelar a -20°C (freezer).

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras para Doenças Transmissíveis – Citomegalovírus (padrão do LACEN) ou requisição do Sistema GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Enviar a ficha de solicitação com todos os campos preenchidos.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras lipêmicas, hemolisadas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica.

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta.

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

Amostra de rotina pré-natal ou pré-nupcial.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

CHIKUNGUNYA

1. SINONIMIA

Febre Chikungunya, chicungunha (popular)

2. EXAME

Sorologia, PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

1ª Amostra: Até o 7º dia do início dos sintomas.

2ª Amostra (se necessário): 15 dias após o início dos sintomas.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

De 2°C a 8°C (geladeira) - até 5 dias

20°C (freezer) - até 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento para Chikungunya (padrão do LACEN) ou requisição do Sistema GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Enviar a ficha de solicitação com todos os campos preenchidos.

Data do início dos sintomas e data de coleta

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras lipêmicas, hemolisadas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica.

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta.

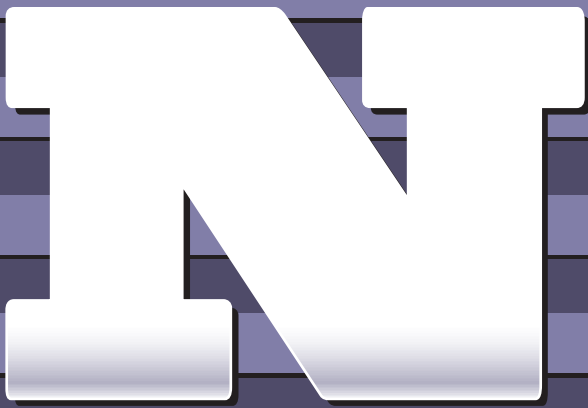
Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

FIOCRUZ/RJ



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 33/123

CLAMÍDIA

1. SINONIMIA

Tracoma Ocular; Cervicite por Clamídia, Conjuntivite por Clamídia, Gota matinal

2. EXAME

ELISA, IFI, Cultura e Exame direto

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

Raspado: conjuntival, uretral e cervical

Swab: cervical da endocervix e/ou uretral, de conjuntiva

Lavado nasofaríngeo

4. VOLUME IDEAL

Soro: 2 mL.

Raspados: 2 lâminas.

Lavado: 2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro: Ver item 3 das Condições Gerais.

Raspados para exame direto devem ser enviados em 2 lâminas e transportadas a temperatura ambiente.

Lavados, raspados e swabs para Isolamento (cultura) devem ser enviados em meio de transporte 2SP imediatamente após a coleta.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2^o-8^oC) por no máximo 3 dias ou freezer (-20^oC) por no máximo 15 dias.

Lavado nasofaríngeo e raspados devem ser enviados imediatamente após a coleta.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

Lâminas de raspados para exame direto devem ser enviadas a temperatura ambiente.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha do SINAN ou a requisição de cadastro no Sistema GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados devem estar preenchidos corretamente.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

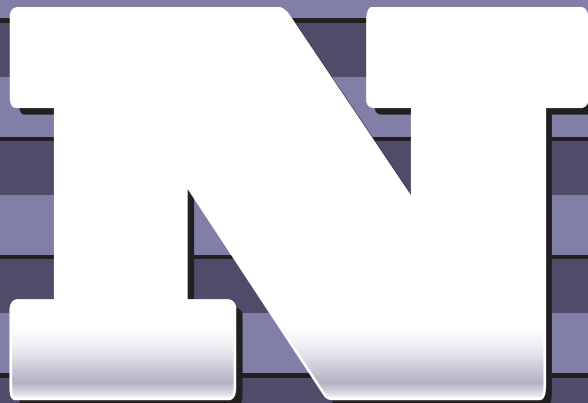
Amostras transportadas em temperatura ambiente, exceto lâminas para exame direto.

Quando não for coletada a quantidade correta necessária.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

INSTITUTO ADOLFO LUTZ - IAL/SP



COLINESTERASE PLASMÁTICA

1. SINONIMIA

Colinesterase sérica, Pseudocolinesterase, Butirilcolinesterase, Acilcolina Acil-hidrolase

2. EXAME

Espectrofotometria cinética

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

500 µl (microlitros)

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Momento da coleta não é crítico.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Necessário jejum de pelo menos 4 horas. Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

2°C a 8°C por até 5 dias. A amostra deve chegar ao laboratório no máximo em 5 dias após a coleta.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Enviar em caixa de isopor ou maleta com gelo para conservá-la refrigerada.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha específica para avaliação de Colinesterase (padrão LACEN/RJ) preenchida ou requisição GAL.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras fora do Protocolo de Colinesterase;

Amostras hemolisadas;

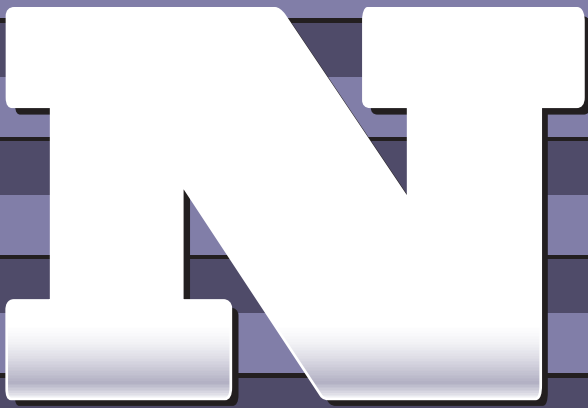
Amostras que não obedecem aos critérios dos itens 3, 4, 5 e 6;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ.

12. OBSERVAÇÃO

ESTE EXAME DEVE SER DESCENTRALIZADO AOS MUNICÍPIOS AO LONGO DO TEMPO.



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 35/123

CONTAGEM DE LINFÓCITOS T CD4/CD8

1. EXAME

Contagem de Linfócitos T CD4/CD8 por Citometria de fluxo

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Sangue total contendo anticoagulante EDTA K3 (tubo com tampa roxa).

3. VOLUME IDEAL

1 tubo de sangue total com EDTA K3 (tampa roxa).

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não de aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Não é necessária a preparação especial do paciente antes de iniciar a coleta das amostras, mas recomenda-se (não obrigatório) um jejum de 8h.

O manuseio correto das amostras é imprescindível para evitar degradação.

Coletar o sangue observando as precauções universais para punção venosa.

Coletar o sangue em 1 tubo plástico contendo anticoagulante EDTA K3 (tampa roxa).

Identificar o nome completo do paciente, com letra legível, diretamente no tubo, sem utilizar fita adesiva. Não abreviar os nomes dos pacientes.

Após a coleta o sangue deverá ser mantido à temperatura ambiente (20°C a 25°C).

OBS.:

- Não usar tubos de EDTA com gel.
- Nunca utilizar tubos de coleta reciclados.
- Nunca utilizar tubos de vidro.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Após a coleta, conservar as amostras por um período máximo de 12h a temperatura ambiente (18°C a 25°C).

Não congelar. Não centrifugar.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Se for necessário o transporte das amostras ao laboratório executor, as mesmas deverão ser acondicionadas em caixas de isopor com gelo suficiente para manter a temperatura entre 18°C e 25°C.

Assegure-se de que o empacotamento e a estocagem estejam de acordo com as regulamentações federais para o transporte de amostras clínicas e de agentes etiológicos.

OBS.:

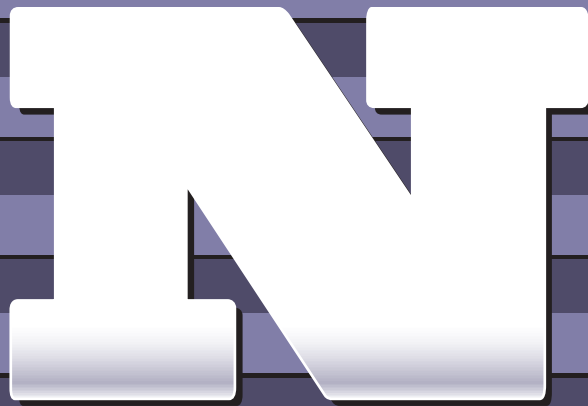
Nunca enviar amostras às sextas-feiras, sábados e domingos ou vésperas de feriados, sem autorização do laboratório executor.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Formulário BPA-I para CONTAGEM DE LINFÓCITOS T CD4/CD8

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;
- Cid10;



10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Quando for utilizado plasma de sangue hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

COQUELUCHE

1. SINONIMIA

Tosse convulsa, pertússis.

2. EXAME

Cultura para Bordetella pertussis.

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Swab de nasofaringe

4. VOLUME IDEAL

Não se aplica

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

A amostra deverá ser coletada preferencialmente na fase aguda da doença.

Coletar a amostra preferencialmente antes do início da antibioticoterapia, ou no máximo, até 03 (três) dias após o início do tratamento.

Em condições ideais a probabilidade de crescimento da bactéria é de 60% a 76%. Interferentes do crescimento bacteriano em cultura: uso de antimicrobianos por mais de 3 dias, coleta após a 4ª semana da doença, uso de swab não alginatado e a coleta, armazenamento e transporte inadequados.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Swab de nasofaringe (Ver figura abaixo);

Antes da coleta, o swab deve ser mantido em temperatura ambiente e os tubos com meio de transporte devem ser mantidos refrigerados em geladeira. Retirar os tubos da geladeira e deixar atingirem a temperatura ambiente 30 minutos antes da coleta. Identificar os tubos de meio de transporte com o nome completo do paciente;

Coletar o swab de uma narina;

Utilizar swab fino, haste flexível, estéril e alginatado, com meio de Ágar Carvão (Regan-Lowe);

Inclinar levemente a cabeça do paciente;

Introduzir o swab estéril pela narina, paralelamente ao palato superior, buscando atingir o

orifício posterior das fossas nasais, evitando tocar o swab na mucosa da narina;

Ao sentir o obstáculo da parede posterior da nasofaringe (neste momento o paciente lacrimeja) girar o swab por alguns segundos;

Retirar o swab evitando tocá-lo na mucosa da narina;

Introduzir o swab no meio de transporte de Ágar Carvão (Regan-Lowe) de forma que o algodão fique totalmente dentro do meio de transporte;

Tampar o tubo, verificando se está bem vedado;

Encaminhar a amostra imediatamente ao LACEN em temperatura ambiente;

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

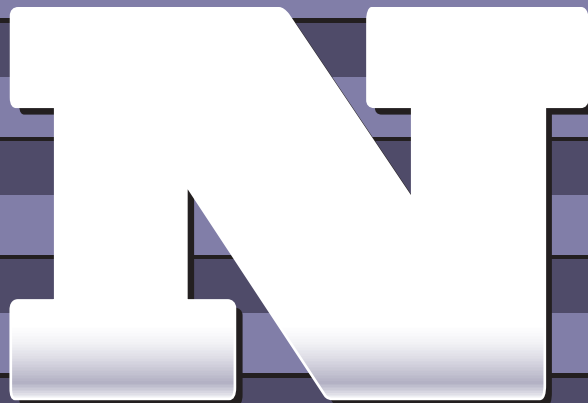
Após a coleta, a amostra deverá ser encaminhada imediatamente ao LACEN à temperatura ambiente;

Caso isso não seja possível, a amostra poderá ser mantida em estufa a 35-37°C por no máximo 48 horas até o envio ao LACEN;



8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com meio de transporte deverão ser acondicionados em caixa para transporte de amostras biológicas de forma que estejam protegidos de quebra acidental. As amostras devem ser mantidas a temperatura ambiente.



9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Casos suspeitos: Ficha de notificação do SINAN e/ou Ficha de Encaminhamento de Amostras Coqueluche (padrão do LACEN) ou Requisição GAL.

Casos comunicantes: Ficha de Encaminhamento de Amostras Coqueluche (padrão da LACEN) ou requisição GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Uso de antibiótico.

Data do início da antibioticoterapia.

Dados referentes à vacinação do paciente contra coqueluche (número de doses e data da última dose).

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada em swab sem meio de transporte específico (kit fornecido pelo LACEN);

Amostra apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem Ficha de notificação do SINAN e/ou Ficha de Encaminhamento de Amostras de Coqueluche (padrão do LACEN) ou requisição GAL;

Falta de correlação entre a identificação do pedido médico (ou ficha de notificação) e a identificação da amostra;

Amostras coletadas em meio de transporte com prazo de validade expirado;

12. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O KIT DE COQUELUCHE

A solicitação de kit deverá ser feita através de fax ou e-mail para a Gerência da Rede de Laboratórios de Saúde Pública - RELSP (tel.: (21) 2332-8597/ telfax: (21) 2332-8606). E-mails de contato: relsprjnnutels@saude.rj.gov.br / relsprj.saude@gmail.com.

A retirada do kit solicitado deve ser efetuada mediante ofício após confirmação do envio por fax.

12.1 Composição do Kit de COQUELUCHE

1 Tubo contendo meio de transporte Regan-Lowe (Agar carvão);

1 Swab ultrafino estéril, alginatado;

Ficha de Encaminhamento de Amostras Coqueluche;

Bula de procedimentos;

12.2 Instruções Gerais

O tubo contendo meio de transporte deverá ser conservado entre 2°C e 8°C (geladeira) até o momento de uso. Deverá ser retirado da geladeira 30 minutos antes da coleta para atingir a temperatura ambiente.

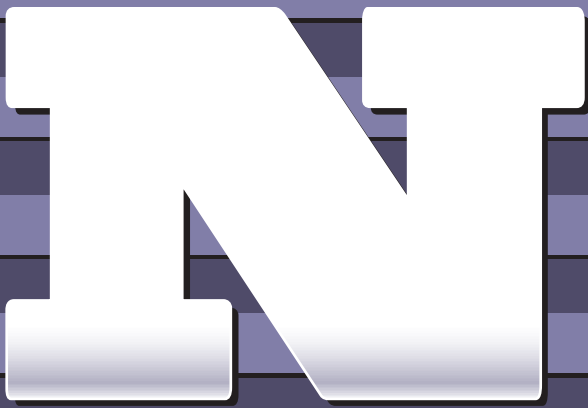
Observar a validade dos frascos e o aspecto do meio de cultura (aspecto úmido, superfície íntegra, sem contaminantes e sem áreas de liquefação).

Caso o kit apresente alguma não-conformidade separá-lo para ser devolvido ao LACEN, com justificativa e solicitação de novo kit.

Os kits não utilizados que estiverem vencidos ou próximos do prazo de vencimento deverão ser devolvidos ao LACEN.

13. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



DENGUE

1. EXAMES

ELISA IgM, ELISA para Detecção de Antígeno NS1 e RT-PCR em tempo real

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

OBS: Amostras de sangue total e plasma não são indicadas para a realização de sorologia IgM ou detecção de antígeno NS1 devido a grande possibilidade de falso-positivos.

3. VOLUME IDEAL

2 mL

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Sorologia IgM: a partir do 5º (quinto) dia do início dos sintomas.

Detecção de Antígeno NS1 e RT-PCR: do 1º (primeiro) ao 5º (quinto) dia do aparecimento dos primeiros sintomas.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

Para NS1 as amostras devem ser aliquotadas, preferencialmente, em tubos estéreis devido a possibilidade de realização de RT-PCR em caso de NS1 reagente.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O soro poderá permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20 oC) até o momento do transporte.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro corretamente identificados deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras para Dengue (padrão do LACEN) ou requisição GAL.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta, respeitando-se o prazo para a coleta: Sorologia IgM a partir do 5º dia do início dos sintomas e Detecção de Antígeno NS1 e RT-PCR até o 5º dia do aparecimento dos primeiros sintomas. Não deixar de preencher estas datas, pois elas influenciam no diagnóstico laboratorial.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

Não solicitar Isolamento Viral.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado, p. ex. sangue total (exceto amostras post-mortem);

Amostra excessivamente hemolisada;

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

DIFTERIA

1. SINONIMIA

Crupe, garrotilho, gogo.

2. EXAME

Cultura para *Corynebacterium diphtheriae*.

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

1 swab de orofaringe e 1 swab de nasofaringe

4. VOLUME IDEAL

Não se aplica

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Coletar a amostra preferencialmente antes do início da antibioticoterapia.

No caso de coleta de amostra de orofaringe, coletar com paciente em jejum, sem o uso de medicamentos no local.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Sempre deverão ser coletados: um swab de nasofaringe e um swab de orofaringe para cada paciente;

Antes da coleta, os swabs devem ser mantidos em temperatura ambiente e os tubos com meio de transporte (PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löeffler) devem ser mantidos refrigerados em geladeira;

Retirar os tubos da geladeira e deixar atingirem a temperatura ambiente 30 minutos antes da coleta. Identificar os tubos de meio de transporte com o nome completo do paciente;

6.1 Swab de nasofaringe

Identificar o tubo de meio de transporte (PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löeffler) com o nome completo do paciente.

Introduzir o swab estéril pela narina, paralelamente ao palato superior, buscando atingir o orifício posterior das fossas nasais, evitando tocar o swab na mucosa da narina.

Ao sentir o obstáculo da parede posterior da nasofaringe (neste momento o paciente lacrimeja) girar o swab por alguns segundos.

Retirar o swab evitando tocá-lo na mucosa da narina.

Estriar o swab sobre a superfície inclinada do meio de transporte (PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löeffler).

Tampar o tubo, identificar como swab de nasofaringe, verificando se está bem vedado.

Encaminhar a amostra imediatamente ao LACEN em temperatura ambiente.



6.2 Swab de orofaringe

Identificar o tubo de meio de transporte (PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löeffler) com o nome completo do paciente.

Abaixar a língua do paciente com o auxílio de uma espátula ou abaixador de língua.

Passar o swab por todas as áreas de hiperemia e com presença de placas ou membranas. Se houver presença de pseudomembrana, não removê-la, pois a sua remoção pode acelerar a absorção da toxina diftérica.

Retirar o swab evitando tocá-lo na língua ou contaminá-lo com saliva.

Estriar o swab na superfície inclinada do meio de transporte (PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löeffler).

Tampar bem o tubo, identificar como swab de orofaringe.

Encaminhar a amostra imediatamente ao LACEN em temperatura ambiente.



7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Após a coleta, a amostra deverá ser encaminhada imediatamente ao LACEN a temperatura ambiente.

Caso não isso não seja possível, a amostra poderá ser mantida em estufa a 35-37°C por no máximo 24 horas até o envio ao LACEN.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O tubo com meio de transporte deverá ser acondicionado em caixa para transporte de amostras biológicas de forma que esteja protegido de quebra acidental. A amostra deverá ser mantida a temperatura ambiente.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Casos suspeitos: Ficha de notificação do SINAN e Ficha de Encaminhamento de Amostras de Difteria (padrão do LACEN ou GAL).

Casos comunicantes: Ficha de Encaminhamento de Amostras de Difteria (padrão do LACEN ou GAL).

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Uso de antibiótico.

Data do início da antibioticoterapia.

Dados referentes à vacinação contra difteria (número de doses e data da última dose).

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada em swab sem meio de transporte específico;

Amostra apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem Ficha de notificação do SINAN e/ou Ficha de Encaminhamento de Amostras de Difteria (padrão do LACEN ou GAL);

Falta de correlação entre a identificação do pedido médico (ou ficha de notificação) e a identificação da amostra;

Amostras coletadas em meio de transporte com prazo de validade expirado;

12. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O KIT DE DIFTERIA

A solicitação de kit deverá ser feita através de telefone, fax ou e-mail para a Gerência da Rede de Laboratórios de Saúde Pública - RELSP (telfax: 21-2332-8606).

E-mails de contato: relsprjnutels@saude.rj.gov.br /relsprj.saude@gmail.com

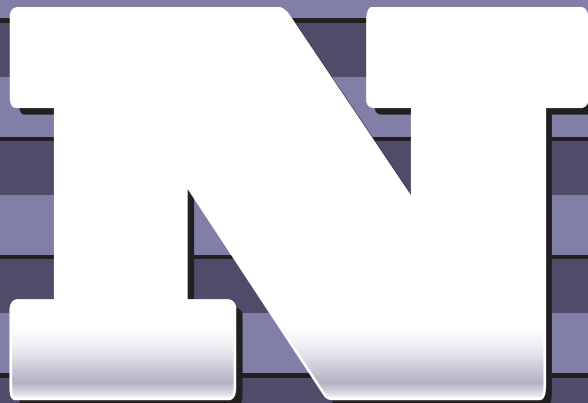
A retirada do kit solicitado deve ser efetuada mediante ofício após confirmação do envio por fax.

12.1 Composição do KIT de DIFTERIA

2 tubos contendo meio de transporte PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löeffler;

2 swabs estéreis;

Ficha de Encaminhamento de Amostras – Difteria;



12.2 Instruções Gerais

Os swabs deverão ser conservados entre 2°C e 8°C (geladeira) até o momento de uso. Deverão ser retirados da geladeira 30 minutos antes da coleta para atingir a temperatura ambiente.

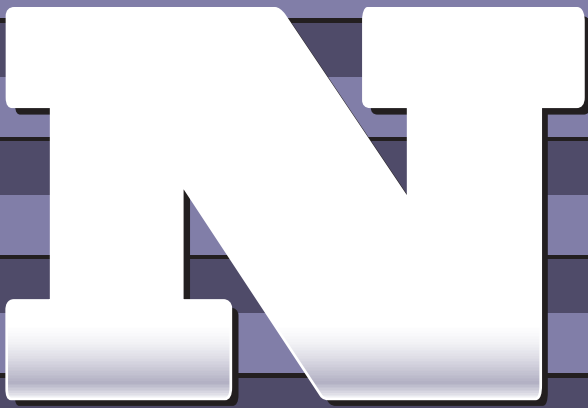
Observar a validade dos frascos e o aspecto do meio de cultura (aspecto úmido, superfície íntegra, sem contaminantes e sem áreas de liquefação).

Caso o kit apresente alguma não-conformidade separá-lo para ser devolvido ao LACEN, com justificativa e solicitação de novo kit.

Os kits não utilizados que estiverem vencidos ou próximos do prazo de vencimento deverão ser devolvidos ao LACEN.

13. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ e LABORATÓRIO DE DIFTERIA E CO-RINEBACTERIOSES DE IMPORTÂNCIA CLÍNICA (LDCIC) – FCM/UERJ



DOENÇA DE CHAGAS

1. SINONIMIA

Tripanossomíase, tripanossomíase americana, Mal de Chagas, doença do barbeiro

2. EXAME

RIFI e ELISA

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL de soro

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

2°C a 8°C até 5 dias ou a -20°C (freezer) até 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica para transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras para Doenças Transmissíveis – Doença de Chagas (padrão do LACEN ou GAL).

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Para caso suspeito de Doença de Chagas é obrigatório enviar a ficha epidemiológica com todos os campos preenchidos.

Informar os principais sintomas e data de início dos mesmos.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras lipêmicas, hemolisadas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica;

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado;

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem Ficha de Encaminhamento;

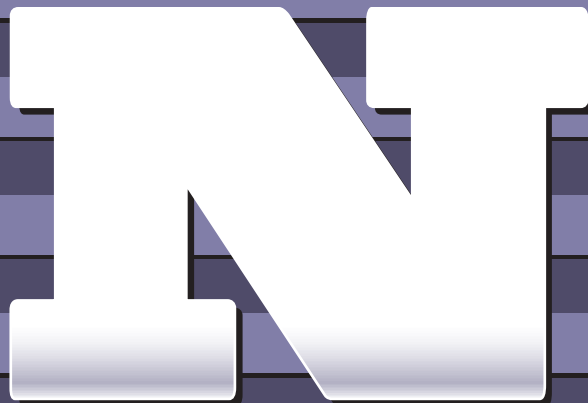
Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

OBS:

Em caso de suspeita de Doença de Chagas Aguda (DCA), deverá ser encaminhado soro com a ficha do SINAN para envio ao Lab. de Referência Nacional para Chagas na FUNED/MG.



DOENÇA DE CREUTZFELDT-JACOB (DCJ)

1. SINONIMIA

Encefalopatia Espongiforme, Mal da Vaca Louca, Doença Priônica, Pesquisa de Prion.

2. EXAME

Pesquisa de Proteína 14-3-3 e Pesquisa de Polimorfismo e/ou Mutação do gene PRNP

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

LCR: Pesquisa de Proteína 14-3-3

Sangue total: Pesquisa de Polimorfismo e/ou Mutação do gene PRNP

4. VOLUME IDEAL

2 mL de LCR

2 tubos de sangue total com EDTA K3 (tampa roxa)

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Para coleta de sangue total, ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Refrigerar de 2°C a 8°C, enviar em 24 horas. Não congelar.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica para transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Para Pesquisa de Proteína 14-3-3 no LCR, enviar a ficha de notificação SINAM para Doença Priônica;

Para Pesquisa de Polimorfismo e/ou Mutação do gene PRNP em sangue total, enviar a

ficha de notificação SINAN para Doença Priônica, acompanhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fornecida pelo LACEN, para envio ao Centro Colaborador Hospital A. C. Camargo em São Paulo.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

É obrigatório enviar a ficha SINAN com todos os campos preenchidos.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras de sangue total com volume inferior ao mínimo estipulado no tubo;

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível;

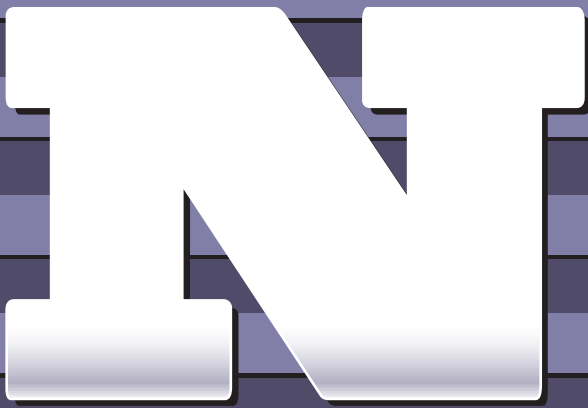
Amostras sem Ficha do SINAN;

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LCR: FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS / USP/SP

SANGUE TOTAL: HOSP. A. C. CAMARGO – SÃO PAULO



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 45/123

DOENÇA DE LYME

1. SINONIMIA

Borreliose (*Borrelia burgdorferi*), Doença de Lyme-símile

2. EXAME

ELISA e Western-Blot.

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

Volume mínimo de 2 (dois) mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não especificado.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro deve ser separado o mais rapidamente possível após a coleta.

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) por até 5 (cinco) dias. Após este período, manter a amostra congelada (-20°C).

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Acondicionar sob refrigeração (caixa com gelo reciclável).

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha SINAN ou requisição GAL. Formulário para Lyme da USP/SP.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas);

Procedência (laboratório/hospital e município);

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras lipêmicas, hemolisadas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica;

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado;

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem Ficha de Encaminhamento;

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS / USP / SÃO PAULO



DOENÇAS DIARREICAS

1. EXAMES

- Coprocultura.
- Cólera.
- Febre tifóide.
- Pesquisa de vírus entéricos (Rotavírus, Norovírus, Astrovírus).

2. AMOSTRAS BIOLÓGICAS

- Fezes diarréicas "in natura";
- Hemocultura (para Febre tifóide);
- Swab retal;
- Vômitos (em casos de suspeita de cólera);
- Cepas bacterianas para identificação;

3. VOLUME IDEAL NO CASO DE FEZES "IN NATURA"

- Coletar de 0,5g a 2,0g de fezes.
- Swab retal em meio de transporte Cary-Blair.

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Coletar preferencialmente durante a fase aguda da diarreia.

Coletar preferencialmente antes da antibi-otico-terapia.

Pesquisa de rotavírus: o período ideal para pesquisa vai do 1º ao 4º dia do início da diarreia, período de maior excreção viral.

Para pesquisa de Febre tifóide:

- Fezes: coletar a partir da 2ª até a 5ª semana do início dos sintomas.
- Hemoculturas: coletar nas duas semanas iniciais da doença.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

5.1 Fezes de emissão espontânea

Em um recipiente de boca larga, limpo e/ou estéril, coletar 0,5g a 2,0g de fezes. Se houver presença de sangue ou muco, esta deve ser a porção selecionada.

Identificar o frasco com o nome do paciente e tipo de amostra.

NOTA: Evitar a coleta de espécimes fecais a partir das roupas do paciente, da superfície de camas e/ou chão.

5.2 Swab retal

Umedecer o swab em solução fisiológica ou água destilada estéril.

Introduzir o swab na ampola retal do paciente, comprimindo-o em movimentos rotatórios suaves, por toda a extensão da mesma.

Introduzir o swab no meio de Cary-Blair. O meio de transporte deve ser armazenado em geladeira (refrigerado) até a data de validade e o momento do uso. Retirar da geladeira 30 minutos antes da coleta para atingir a temperatura ambiente.

Identificar o swab com o nome do paciente e tipo de amostra.

NOTA: Swabs retais devem ser priorizados em pacientes com infecção ativa, crianças ou indivíduos com dificuldades de obtenção de amostras.

5.3 Fezes em papel de filtro

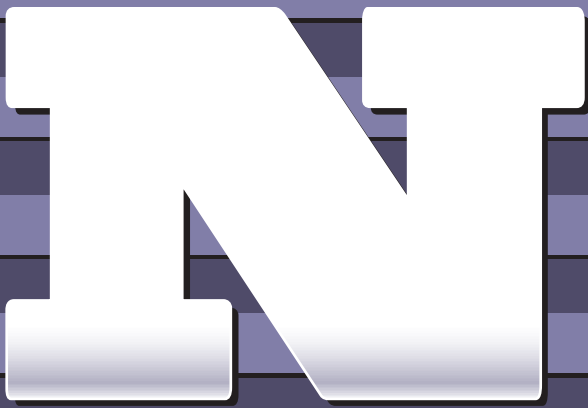
Utilizar tiras de papel de filtro com dimensões de 2,5 cm de largura por 6,0 cm de comprimento.

Com auxílio de um fragmento de madeira (palito individual), espalhar em 2/3 (dois terços) da superfície do papel as fezes diarréicas ou emulsionadas em água.

Deixar o papel secar naturalmente, a temperatura ambiente.

Depois de secas, acondicionar as tiras de papel de filtro em invólucros plásticos, vedando bem.

Identificar o invólucro com o nome do paciente e tipo de amostra.



NOTA: Esta forma de coleta e transporte é exclusiva para a manutenção de *Salmonella sp.* Sob esta condição, a viabilidade da amostra é de cerca de 20 a 30 dias.

5.4 Fezes para pesquisa de Rotavírus, Norovírus e Astrovírus

Deverão ser coletadas "fezes in natura" (vide item 5.1).

O período ideal para pesquisa vai do 1º ao 4º dia da doença, período de maior excreção viral.

5.5 Fezes para pesquisa de febre tifóide

Casos suspeitos: deverão ser coletadas "fezes in natura" (vide item 5.1) e/ou Hemoculturas (vide Meningite/Doença meningocócica)

Casos de portadores assintomáticos: Coletar sete amostras seriadas (fezes "in natura") com intervalo de 30 dias entre as coletas.

5.6 Vômitos para pesquisa de Cólera

Deverão ser coletados fezes ou vômitos em frasco estéril (vide item 5.1).

5.7 Cepas bacterianas

Realizar o repique do microrganismo isolado em uma placa de meio de cultura adequada (ágar sangue ou ágar chocolate).

Identificar a placa com o nome do paciente e data do repique.

Fechar a placa com fita crepe.

Encaminhar a placa à temperatura ambiente.

NOTA: As cepas enviadas deverão ser provenientes de repiques recentes (24 horas de incubação) para evitar que haja perda da mesma por ressecamento.

Ao enviar cepas o laboratório local deverá especificar qual a amostra biológica de origem (sangue, líquido, fezes, etc.)

5.8 Considerações gerais segundo os recursos do laboratório local

Quando a coprocultura for realizada no laboratório local e houver isolamento de *Salmonella sp.*, *Shigella sp* ou *Escherichia coli* patogênicas, o microrganismo isolado deverá ser encaminhado para o LACEN para confirmação.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

6.1 Fezes in natura e vômitos

Manter sob refrigeração (2°C a 8°C). A amostra deve ser encaminhada ao LACEN imediatamente após a coleta.

NOTA: Caso o transporte até ao laboratório exceda 3 (três) dias, introduzir um swab nas amostras colhidas no frasco e acondicionar no meio de transporte Cary-Blair.

6.2 Fezes em meio de transporte Cary-Blair

Manter sob refrigeração (2°C a 8°C). A amostra em swab Cary-Blair deve chegar ao LACEN no máximo em 7 (sete) dias após a coleta, desde que refrigerado.

6.3 Fezes em papel de filtro

Manter a temperatura ambiente por no máximo 30 (trinta) dias.

6.4 Fezes in natura para pesquisa de vírus Entéricos (Rotavírus, Norovírus, Astrovírus)

Manter a amostra congelada (-20°C). A amostra deve ser encaminhada ao LACEN imediatamente após a coleta.

6.5 Cepas bacterianas

Fechar a placa com fita crepe, manter e enviar a temperatura ambiente.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

7.1 Fezes in natura e vômitos

As amostras de deverão ser encaminhadas sob refrigeração (caixa com gelo reciclável).

NOTA: Caso o transporte até ao laboratório exceda 3 dias, introduzir um swab nas fezes colhidas no frasco e acondicionar no meio de transporte Cary-Blair.

7.2 Fezes em meio de transporte Cary-Blair

As amostras de deverão ser encaminhadas sob refrigeração (caixa com gelo reciclável).

7.3 Fezes em papel de filtro

As amostras de deverão ser encaminhadas à temperatura ambiente.

7.4 Fezes in natura para pesquisa de vírus Entéricos (Rotavírus, Norovírus e Astrovírus)

As amostras de deverão ser encaminhadas congeladas.

7.5 Cepas bacterianas

Fechar a placa com fita crepe e encaminhar à temperatura ambiente.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha do SINAN para Rotavírus;

Ficha do SINAN para SHU (Síndrome Hemolítico-Urêmica) ou ficha do SINAN para Febre Tifóide;

Ficha do SINAN ou padrão LACEN ou GAL para Cólera ou outras Doenças Diarréicas;

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Uso de antibiótico.

Data do início da antibioticoterapia.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra apresentando vazamento devido à quebra do frasco ou tampa aberta;

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem Ficha de notificação do SINAN e/ou padrão LACEN ou GAL;

Falta de correlação entre a identificação das fichas e a identificação da amostra;

Transporte por tempo prolongado sem condições adequadas (2°C a 8°C);

Fezes não preservadas coletadas por período superior a 3 dias;

Fezes preservadas em meios inadequados (MIF, solução de formol, indicadores como vermelho fenol);

Swab não acondicionado em meio de transporte Cary-Blair;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ (Cultura e Cólera) e FIOCRUZ/RJ (Febre Tifóide e Vírus Entéricos)

ENTEROVÍRUS

1. SINONIMIA

Poliovírus (Poliomielite / Paralisia Flácida Aguda), Coxsackievirus, Echovírus

2. EXAME

PCR, Isolamento viral

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Líquor

Soro

Swab de conjuntiva (no caso de Conjuntivites com suspeita viral por Coxsackievírus)

Swab retal

Fezes

4. VOLUME IDEAL

Fezes: 3g a 8g de fezes (Amostra mais indicada para detecção de enterovírus).

Líquor: 1 mL

Soro: 2 mL (O soro não é a amostra mais indicada para enterovírus)

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Fase aguda

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

6.1 Fezes

A amostra de fezes constitui o material mais adequado para o isolamento do poliovírus; Embora os pacientes com poliomielite eliminem poliovírus durante semanas, os melhores resultados de isolamento são alcançados com amostras fecais coletadas na fase aguda da doença;

Todo caso conhecido tardiamente deverá ter uma amostra de fezes, coletada até 60 dias após o início da deficiência motora;

O swab retal somente é recomendado naqueles casos de Paralisia Flácida Aguda (PFA) que foram a óbito antes da coleta adequada de fezes. Em crianças que apresentam obstipação intestinal, dificultando a coleta de amostras de fezes,

pode-se utilizar supositório de glicerina;

6.2 Líquor (LCR)

se disponível, deve ser coletado na fase aguda do quadro clínico. Deve ser enviado ao laboratório de referência em tubo estéril, em volume de aproximadamente 1-2 mL.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

- Colocar cada amostra em um recipiente limpo e seco (de preferência nos coletores distribuídos para esse fim) e vedar bem. A quantidade de fezes recomendada deve equivaler ao tamanho de dois dedos polegares de adulto (3g a 8g).

- Os recipientes contendo amostras fecais devem ser conservados em freezer a -20°C , até o momento do envio. Na impossibilidade da utilização de freezer, colocar em geladeira comum (4°C - 8°C) por até, no máximo, 3 dias, não devendo jamais ser colocados em congelador comum.

- O transporte deve ser feito em caixa térmica com gelo seco. Os recipientes das amostras devem estar acondicionados em saco plástico bem vedado, para que, em caso de descongelamento, não haja risco de molhar o material.

- A caixa térmica deve conter gelo suficiente para resistir ao transporte para entrega ao laboratório. Deve ser fechada por fora, com fita adesiva, e ser acondicionada em outra caixa de papelão de acordo com as especificações do Departamento de Aviação Civil ou Agência Nacional de Transporte Terrestre.

- Deve ser enviada ao laboratório, acompanhando as amostras de fezes, uma cópia da ficha de envio de amostras devidamente preenchida e acondicionada em saco plástico para evitar que seja molhada, prejudicando as informações.

- O LCR deve ser conservado em freezer (-20°C).

- Os swabs de secreção conjuntival devem ser mergulhados em meio de transporte viral e congelados (-20°C ou -70°C).

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

- O transporte deve ser feito em caixa térmica com gelo seco ou reciclável. Os recipientes das amostras devem estar acondicionados em saco plástico bem vedado, para que, em caso de descongelamento, não haja risco de molhar o material.

- A caixa térmica deve conter gelo suficiente para resistir ao transporte para entrega ao laboratório. Deve ser fechada por fora, com fita adesiva, e ser acondicionada em outra caixa de papelão de acordo com as especificações do Departamento de Aviação Civil ou Agência Nacional de Transporte Terrestre.

- Deve ser enviada ao laboratório, acompanhando as amostras de fezes, uma cópia da ficha de envio de amostras devidamente preenchida e acondicionada em saco plástico para evitar que seja molhada, prejudicando as informações.

- O LCR deve ser transportado em caixa térmica com gelo seco ou reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha SINAN devidamente preenchida.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (n° registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

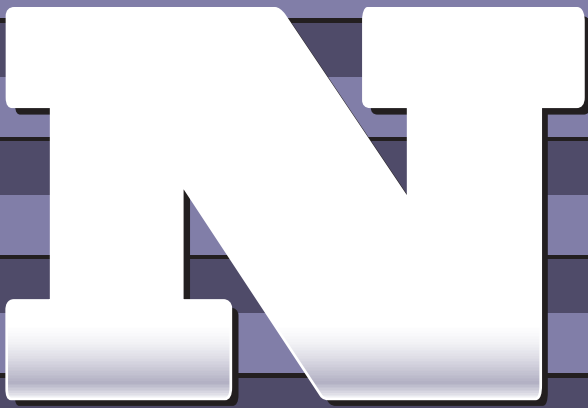
Quando não for coletada a quantidade correta necessária.

Amostras acondicionadas em tubos ou frascos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalidem a realização do teste.

Amostra sem ficha do SINAN.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

FIOCRUZ/RJ



EPIZOOTIAS

1. PESQUISA DE ARBOVÍRUS

Rocio, Mayaro, Encefalites Eqüinas (EEV, EEE, EEW), Febre Amarela, Herpes

2. EXAME

PCR e Isolamento viral

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Sangue e vísceras (cérebro, rim, coração, pulmão, baço, fígado) de animais silvestres

4. VOLUME IDEAL

Soro ou sangue: 2 mL.

Vísceras: Fragmentos de 1-2cm³ de cada órgão coletados em tubos criogênicos sem conservantes.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Soro, Sangue e Vísceras: Colher o mais breve possível após a morte e colocar amostras de cada órgão em tubos separados e identificados.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro imediatamente após a coleta, por centrifugação.

As amostras devem ser acondicionadas em freezer (-20°C) e encaminhadas imediatamente ao laboratório. Se não for possível o envio imediato, as amostras devem ser mantidas em freezer (-70°C) ou nitrogênio líquido (Ver item 5.1 das "Condições Gerais").

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Nitrogênio líquido (Ver item 5.1 das "Condições Gerais") ou gelo seco.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha SINAN de notificação de Epizootias.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Espécie do animal;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRMV ou outro (nº registro do conselho ou matrícula);
- Assinatura e carimbo;
- Breve histórico do caso.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS – IEC/PA

ERLIQUIOSE

1. SINONIMIA

Febre do carrapato

2. EXAME

RIFI e PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro ou sangue total, de humanos e animais.

4. VOLUME IDEAL

No mínimo 1 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Por volta de 7 dias após o início dos sintomas;

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O Soro poderá permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A Erlichiose ou Erliquiose não é uma doença de notificação compulsória e por isso não há uma ficha SINAN específica. Pode ser enviada na ficha de solicitação para Doenças Transmissíveis, padrão LACEN (campo Outros) ou a requisição do GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

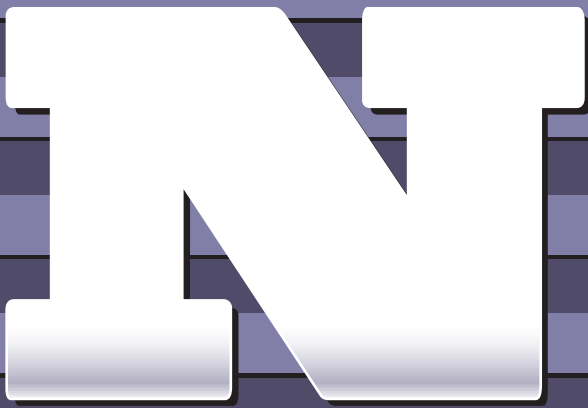
Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios; Amostras sem identificação; Amostras sem descrição de 1ª ou 2ª coleta;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LHR / FIOCRUZ / RJ



ESPOROTRICOSE

1. EXAMES

Cultura para Esporotricose (micose causada pelo fungo *Sporothrix schenckii*);

1.1 AMOSTRAS BIOLÓGICAS

Biópsias;
Raspados diversos;
Aspirado da lesão.

2. VOLUME IDEAL

Não se aplica.

3. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Coletar as amostras para cultura preferencialmente antes do uso de antifúngicos.

4. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Colher os materiais de biópsia em frasco com água destilada ou salina estéril. Não adicionar conservantes (formol). Enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo reciclável;

Raspados e aspirados devem ser coletados após limpeza da lesão com salina estéril. Devem ser enviados imediatamente ao laboratório em temperatura ambiente;

5. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Enviar imediatamente ao laboratório, a temperatura ambiente. Se isto não for possível, conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) e encaminhá-la no máximo dentro de 24 horas após a coleta.

6. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Enviar imediatamente após a coleta, a temperatura ambiente. Se isto não for possível, conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) e encaminhá-la no máximo dentro de 24 horas após a coleta, em caixa com gelo reciclável.

7. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras de Exames Micológicos (padrão do LACEN ou GAL).

8. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, sexo, data da coleta e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Nome e assinatura do médico responsável.

Suspeita clínica e justificativa.

Uso prévio de antifúngicos.

Sítio de coleta.

9. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem de Ficha de Encaminhamento de Amostras para Exames Micológicos;

Falta de correlação entre a identificação das fichas e a identificação da amostra;

Se a embalagem ou recipiente com a amostra não estiverem íntegros o material será rejeitado;

Biópsias: Amostras colhidas em swabs ou enviadas em formol;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ (Micológico)

ESQUISTOSSOMOSE

1. SINONIMIA

Bilharzíase, Barriga d'água

2. EXAME

Kato-Katz

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Lâminas preparadas e coradas por Kato-Katz.

4. VOLUME IDEAL

2 lâminas.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Fezes recentes, emitidas em dejeções normais, sem administração de laxativos ou purgativos.

OBS.:

O LACEN só realiza este exame por meio das lâminas preparadas e coradas pelas Unidades municipais por metodologia Kato-Katz para fins do Inquérito Nacional. Não enviar fezes in natura.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Até 48 horas em temperatura ambiente.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

As lâminas devem vir ao laboratório em temperatura ambiente.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação modelo padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome completo do paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (n° registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade necessária e suficiente.

Amostras que contenham corpo estranho que invalidem a realização do teste.

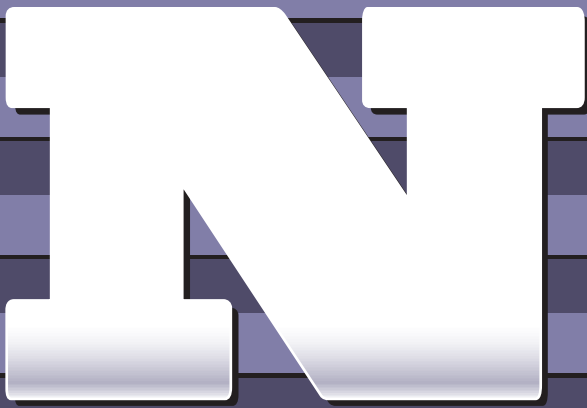
Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ.

OBS:

Segundo o Guia de Vig. Epidemiológica/SVS/MS, 7ª Ed., Brasília, DF, 2010, a sorologia para Esquistossomose não é indicada para o diagnóstico da parasitose.



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 55/123

FEBRE AMARELA

1. EXAME

ELISA, PCR e Isolamento viral

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro, plasma ou sangue total
Material de necrópsia

3. VOLUME IDEAL

Soro, Plasma ou Sangue total: 2 mL
Fragmento de 1-2cm³ de cada órgão em tubo criogênico estéril

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Sorologia: a partir do 5º dia do início dos sintomas

Isolamento e PCR: do 1º ao 5º dia do aparecimento dos primeiros sintomas

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

As amostras devem ser aliqüotadas, preferencialmente, em tubos estéreis.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

As amostras de soro, plasma ou sangue total poderão permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período devem ser congelados em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

O material de necrópsia obtido por viscerotomia ou punção deve ser colocado em formalina tamponada e refrigerado em freezer (-20º ou -70°C).

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro, plasma ou sangue total, corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha do SINAN para notificação de Febre Amarela

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta, respeitando-se o prazo para a coleta: Sorologia a partir do 5º dia do início dos sintomas; Isolamento viral e PCR até o 5º dia do aparecimento dos primeiros sintomas. Não deixar de preencher estas datas, pois elas influenciam no diagnóstico laboratorial.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado, p. ex. sangue total (exceto amostras post-mortem);

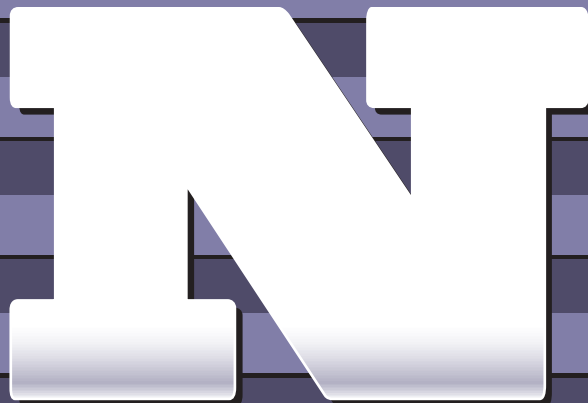
Amostra excessivamente hemolisada;
Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;
Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;
Amostras sem identificação;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

FIOCRUZ/RJ



FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

1. SINONIMIA

Rickettsiose, Febre do carrapato.

2. EXAME

RIFI e PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro ou sangue total, de humanos e animais.

4. VOLUME IDEAL

No mínimo 1 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Com exceção de casos graves e óbitos, devem ser coletadas 2 amostras:

1ª Amostra: 7 dias após o início dos sintomas;

2ª Amostra: 14 a 21 dias após a primeira amostra.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

As amostras devem ser aliquotadas, preferencialmente, em tubos estéreis.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O soro poderá permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20 oC) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

Sangue total deve ser mantido em temperatura ambiente e enviado ao laboratório o mais rápido possível.

OBS.:

A 1ª amostra pode ser congelada para envio ao LACEN juntamente com a 2ª amostra. Se for enviada sem a 2ª amostra será armazenada até o envio da 2ª coleta. Exceção para óbito em que será processado PCR em apenas 1 amostra.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha do SINAN para notificação de Febre Maculosa Brasileira (FMB).

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostra excessivamente hemolisada (no caso de ser enviado soro);

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

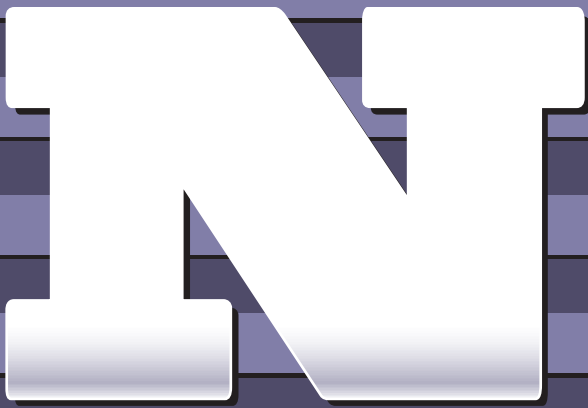
Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

Amostras sem descrição de 1ª ou 2ª coleta;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LHR / FIOCRUZ / RJ



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 57/123

FEBRE DO NILO OCIDENTAL

1. SINONIMIA

Encefalite do Nilo Ocidental, West Nile vírus

1. EXAME

ELISA, PCR e Isolamento viral

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro, plasma ou sangue total
Material de necropsia

3. VOLUME IDEAL

Soro, Plasma ou Sangue total: 2 mL
Fragmento de 1-2cm³ de cada órgão em tubo criogênico estéril

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Sorologia: a partir do 5º dia do início dos sintomas

Isolamento e PCR: 1º ao 5º dia do aparecimento dos primeiros sintomas

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

As amostras devem ser aliquotadas, preferencialmente, em tubos estéreis.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O Soro poderá permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

O material de necropsia obtido por viscerotomia ou punção deve ser colocado em formolina tamponada e devem ser congelado em freezer (-20°C ou -70°C).

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha do SINAN para notificação de Febre do Nilo Ocidental

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta, respeitando-se o prazo para a coleta: Sorologia a partir do 5º dia do início dos sintomas; Isolamento viral e PCR até o 5º dia do aparecimento dos primeiros sintomas. Não deixar de preencher estas datas, pois elas influenciam no diagnóstico laboratorial.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado, p. ex. sangue total (exceto amostras pós-mortem);

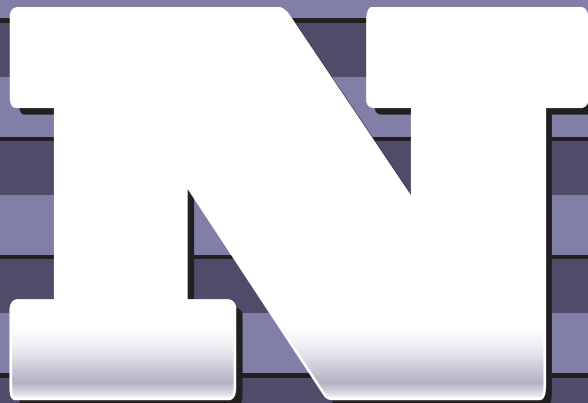
Amostra excessivamente hemolisada;
Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;
Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;
Amostras sem identificação.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LABFLA/FIOCRUZ/RJ



FEBRE TIFÓIDE

1. EXAMES

Coprocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "DOENÇAS DIARREICAS").

Hemocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "MENINGITE/DOENÇA MENINGOCÓCICA").

2. AMOSTRAS BIOLÓGICAS

Fezes.

Sangue (hemocultura)

3. VOLUME IDEAL

Coprocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "DOENÇAS DIARREICAS").

Hemocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "MENINGITE/DOENÇA MENINGOCÓCICA").

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Fezes: coletar a partir da segunda até a quinta semana do início dos sintomas

Hemocultura: coletar nas duas semanas iniciais da doença.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Coprocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "DOENÇAS DIARREICAS").

Hemocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "MENINGITE/DOENÇA MENINGOCÓCICA" e item 3 das Condições Gerais.).

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Coprocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "DOENÇAS DIARREICAS").

Hemocultura (vide informações sobre co-

leta, armazenamento e transporte no item "MENINGITE/DOENÇA MENINGOCÓCICA").

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Coprocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "DOENÇAS DIARREICAS").

Hemocultura (vide informações sobre coleta, armazenamento e transporte no item "MENINGITE/DOENÇA MENINGOCÓCICA").

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de investigação do SINAN para Febre Tifóide.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas e local de residência);

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do frasco.

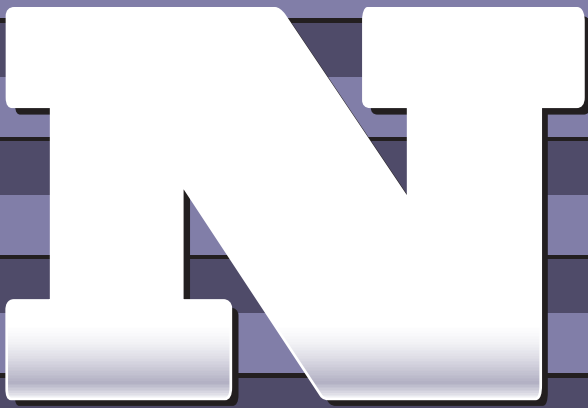
Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Investigação do SINAN.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ(Cultura) e FIOCRUZ/RJ(confirmatório).



FILARIOSE

1. SINONIMIA

Filariose linfática, Bancroftose, Filaríase, Elefantíase

2. EXAME

Sorologia e Filtração em Membrana

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro: Sorologia

Sangue total: Membrana Filtrante

4. VOLUME IDEAL

Soro: 2 mL (não é a amostra mais indicada para o diagnóstico);

2 tubos de sangue total coletados com EDTA K3 (tampa roxa).

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Soro: Pode ser coletado a qualquer hora do dia.

Sangue total: Coletar entre 23 horas e 1 hora da manhã (este é o horário mais provável de encontrar o parasita na circulação periférica).

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro conforme descrito no item 3 das Condições Gerais.

Sangue total: Coletar com uma seringa de 10 mL, por punção venosa. Retirar a agulha da seringa, destapar os tubos e verter o sangue para o tubo lentamente pela parede. Fechar os tubos e agitar lentamente, pelo menos 10 vezes, sem agitar.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Refrigerar de 2°C a 8°C. Soro pode permanecer por até 5 dias. Sangue total deve ser enviado em 24 horas. Não congelar.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica para transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Enviar a ficha de notificação SINAN.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

É obrigatório enviar a ficha SINAN com todos os campos preenchidos.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras de sangue total com volume inferior ao mínimo estipulado no tubo.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta.

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha do SINAN.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LAB. DE FILARIOSE – CPqAM/Fiocruz/PE

FUNGOS

1. EXAMES

Pesquisa direta de fungos a fresco – Micológico direto;

Cultura para fungos;

Pesquisa de *Cryptococcus*;

Pesquisa de Esporotricose (*Esporotrix sp*);

Sorologia para paracoccidiodomicose, coccidiodomicose, histoplasmose e aspergilose.

2. AMOSTRAS BIOLÓGICAS

Amostras do trato respiratório inferior (escarro, lavado brônquico);

Líquidos cefalorraquidiano (LCR ou líquido) e Líquido pleural;

Biópsias;

Raspados diversos;

Soro (sorologia para pesquisa de paracoccidiodomicose, histoplasmose e aspergilose).

3. VOLUME IDEAL

Líquor para realização de cultura e pesquisa de *Cryptococcus* em nanquim: 0,5mL a 2mL;

Soro: 1 mL (sorologia para pesquisa de paracoccidiodomicose, histoplasmose e aspergilose).

Amostras do trato respiratório, biópsias e raspados: não se aplica.

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Coletar as amostras para cultura preferencialmente antes do uso de antifúngicos.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

5.1 Escarro

Orientações ao paciente;

Lavar a boca com água antes de expectorar, para eliminar resíduos de comida, pasta de dente, e outros;

Inspirar profundamente, reter por instantes o ar no pulmão, tossir e lançar o material no recipiente: esta operação deverá ser repetida até a

obtenção de três eliminações de escarro, evitando que escorra pela parede externa do pote;

Fechar hermeticamente o pote e envolvê-lo em papel limpo, com o cuidado de manter o frasco com a boca para cima;

Lavar as mãos com água e sabão;

Quando a expectoração é escassa, pode-se recorrer a outros métodos, como indução do escarro e colheita do material por broncoscopia e lavagem gástrica;

5.2 Líquidos cefalorraquidiano (LCR), pleural e outros

Colher esses materiais em tubo estéril e enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo reciclável.

Ver item 3 das Condições Gerais.

5.3 Biópsias

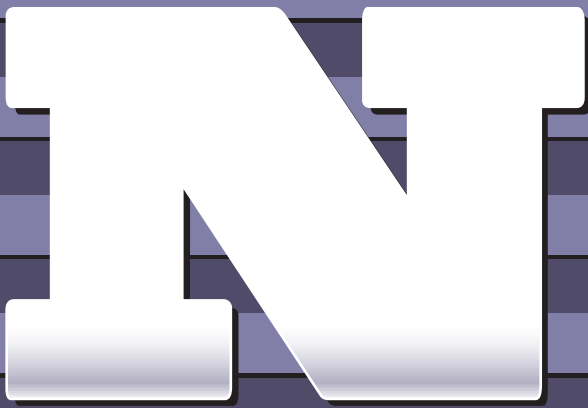
Colher estes materiais em frasco com água destilada ou salina estéril. Não adicionar conservantes (formol). Enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo reciclável.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Soro: conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) por até 5 (cinco) dias. Após este período, manter a amostra congelada (-20°C).

Amostras de líquido para cultura e pesquisa em nanquim: manter a temperatura ambiente até o envio.

Amostras diversas para cultura (exceto LCR): enviar imediatamente ao laboratório, a temperatura ambiente. Se isto não for possível, conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) e encaminhá-la no máximo dentro de 24 horas após a coleta.



7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Soro: acondicionar sob refrigeração (caixa com gelo reciclável).

Amostras de liquor (LCR) para cultura e pesquisa em nanquim: acondicionar a temperatura ambiente.

Amostras diversas para cultura (exceto LCR): enviar imediatamente após a coleta, a temperatura ambiente. Se isto não for possível, conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) a amostra e encaminhá-la no máximo dentro de 24 horas após a coleta, em caixa com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras de Exames Micológicos (padrão do LACEN ou GAL).

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, sexo, data da coleta e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Nome e assinatura do médico responsável.

Suspeita clínica e justificativa.

Uso prévio de antifúngicos.

Sítio de coleta, específico para casos de biópsias e raspados.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem de Ficha de Encaminhamento de Amostras para Exames Micológicos.

Falta de correlação entre a identificação das fichas e a identificação da amostra.

As amostras que não estejam acompanhadas com os dados pessoais, clínicos e epidemiológicos do paciente e a justificativa para a solicitação do exame devem ser informadas. A requisição

deve estar assinada e carimbada de modo legível. Tanto o material clínico quanto a cultura devem estar adequadamente rotulados, embalados e transportados.

Se a embalagem ou recipiente com a amostra não estiverem íntegros o material será rejeitado.

Amostras coletadas em frascos não estéreis e frascos com conservantes.

Biópsias: Amostras colhidas em swabs ou enviadas em formol.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ(Micológico) E FIOCRUZ/RJ(Sorologias).

HANTAVIROSE

1. EXAME

ELISA e PCR

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro de humanos e animais (principalmente roedores).

3. VOLUME IDEAL

2 mL

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

1ª Amostra: logo após o início dos sintomas.

2ª Amostra: na internação, somente se houver necessidade ou por solicitação do laboratório.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

As amostras devem ser aliquotadas, preferencialmente, em tubos estéreis.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O soro poderá permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha do SINAN para notificação de Hantavirose.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Informar as datas dos primeiros sintomas e coleta.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostra excessivamente hemolisada (no caso de ser enviado soro);

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

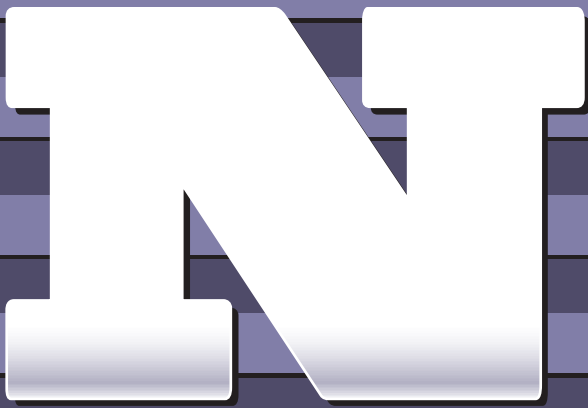
Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LHR / FIOCRUZ / RJ



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 63/123

HEPATITE B – HBV DNA (CARGA VIRAL)

1. EXAME

Pesquisa quantitativa do DNA HBV (Carga Viral) por PCR em tempo real

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Plasma (EDTA K3 – tubo tampa roxa)

03. VOLUME IDEAL

2 tubos de sangue total com anticoagulante EDTA K3 (tampa roxa)

04. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Para coleta de plasma, o sangue deve ser colhido por punção venosa em 2 tubos plásticos com EDTA K3 (tampa roxa).

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Não centrifugar. Não congelar. Após a coleta os tubos devem ser enviados ao laboratório em no máximo 12 horas.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Utilizar caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a FICHA PARA SOLICITAÇÃO DE QUANTIFICAÇÃO PELA TÉCNICA DE BIOLOGIA MOLECULAR DO HBV DNA (padrão do Ministério da Saúde, fornecida pelo LACEN), totalmente preenchida, carimbada e assinada pelo médico. Cadastrar no Sistema GAL.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados da ficha de solicitação devem ser preenchidos. Principalmente os que se referem a medicação e tempo de tratamento.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

As amostras colhidas com HEPARINA são INADEQUADAS para o teste.

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta.

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

HEPATITE C (BIOLOGIA MOLECULAR)

1. EXAME

Pesquisa quantitativa (Carga viral) do RNA HCV e Genotipagem do RNA HCV por RT-PCR em tempo real

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Plasma (EDTA K3 – tubo tampa roxa)

3. VOLUME IDEAL

2 tubos de sangue total com anticoagulante EDTA K3 (tampa roxa) para cada exame. Ou seja, 2 tubos para Carga Viral e 2 tubos para Genotipagem

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Para coleta de plasma, o sangue deve ser colhido por punção venosa em 2 tubos plásticos com EDTA K3 (tampa roxa).

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Não centrifugar. Não congelar. Após a coleta os tubos devem ser enviados ao laboratório em no máximo 6 horas.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Utilizar caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A amostra deverá ser encaminhada juntamente com os formulários de solicitação padronizado pelo LACEN, devidamente preenchidas, carimbadas e assinadas pelo médico. Cadastrar no Sistema GAL.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados solicitados no formulário devem ser preenchidos. Principalmente os que se referem a medicação e tempo de tratamento. Informar se o tratamento é realizado com Inibidores de Proteases (IP).

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

As amostras colhidas com HEPARINA são INADEQUADAS para o teste, a Heparina degrada o RNA do vírus e não deve ser usada para coleta do sangue.

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

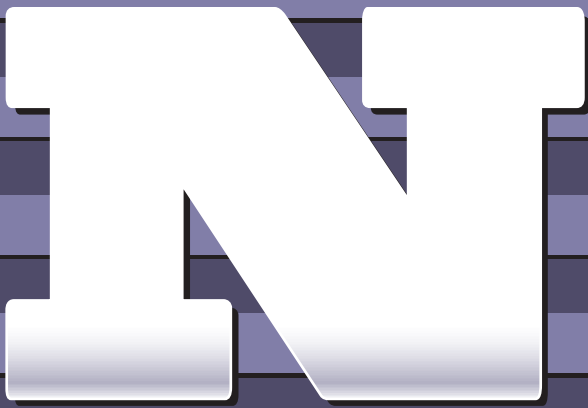
Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 65/123

HEPATITES VIRAIS

1. EXAME

Sorologia para Hepatites A, B, C, D e E.

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

3. VOLUME IDEAL

3 mL de soro

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Após a separação a amostra deve ser acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no máximo 5 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa de térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A amostra deve ser encaminhada juntamente com ficha de solicitação de Hepatites virais (padrão LACEN ou GAL), devidamente preenchida.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas);

Procedência (laboratório/hospital e município);

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras lipêmicas, hemolisadas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica.

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta.

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento. Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

OBS:

As sorologias para Hepatites D e E serão enviadas ao LAHEP/FIOCRUZ/RJ

HERPES SIMPLEX 1 / 2

1. SINONIMIA

Herpes simples 1 e 2, Herpes oral e labial, HHV 1, HHV 2

2. EXAME

Sorologia

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação de Doenças Transmissíveis – Herpes padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

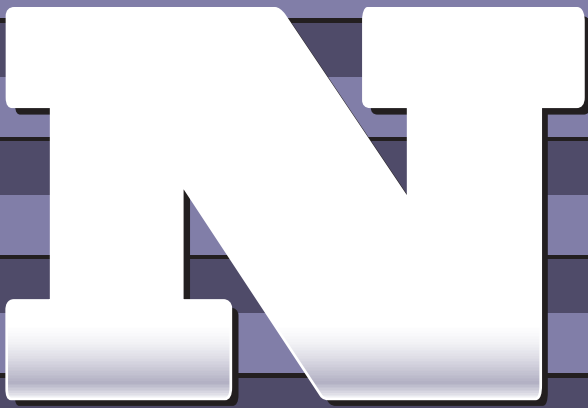
Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 67/123

HIDATIDOSE

1. SINONIMIA

Equinococose, Cisto hidático

2. EXAME

Sorologia e Exame Anatomopatológico

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

Fragments de biópsia de vísceras

4. VOLUME IDEAL

Soro: 2 mL

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Para coleta do soro, ver item 3 das Condições Gerais

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

O Soro poderá permanecer em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias e, após este período deve ser congelado em freezer (-20°C) até o momento do transporte ou da realização dos testes.

Os materiais de biópsia devem ser mantidos a temperatura ambiente e em conservante que pode ser o Formol a 10% ou em salina tamponada.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro, já corretamente identificados, deverão ser enviados em caixa de isopor ou térmica com gelo reciclável ou gelo seco.

Os materiais de biópsia devem ser enviados à temperatura ambiente, em frascos devidamente identificados.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

A Hidatidose não é uma doença de notificação compulsória e por isso não há uma ficha SINAN específica, podendo ser enviada na ficha de solicitação para Doenças Transmissíveis, padrão LACEN (campo Outros) ou a requisição do GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível, podendo ser digitada no computador.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

No caso de óbito incluir evolução e data do óbito.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

Amostras sem descrição de 1ª ou 2ª coleta;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

FIOCRUZ / RJ

HIV

1. SINONIMIA

AIDS, SIDA

2. EXAME

Sorologia, Immunoblot

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

O paciente deve apresentar documento de identidade, com foto, no ato da coleta da amostra.

Coletar o sangue em tubo sem anticoagulante, com gel separador, de preferência.

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a Ficha de Solicitação para HIV padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

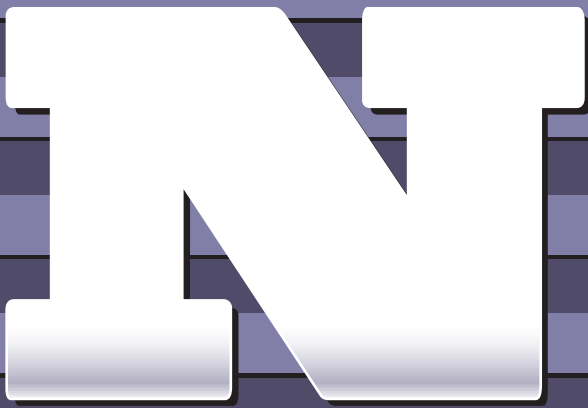
Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalidem a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



HTLV I / II

1. SINONIMIA

Leucemia de Células T humana, Vírus T-linfotrófico humano.

2. EXAME

Sorologia

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

O paciente deve apresentar documento de identidade, com foto, no ato da coleta da amostra.

Coletar o sangue em tubo sem anticoagulante, com gel separador, de preferência.

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar o pedido médico ou a requisição padrão GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

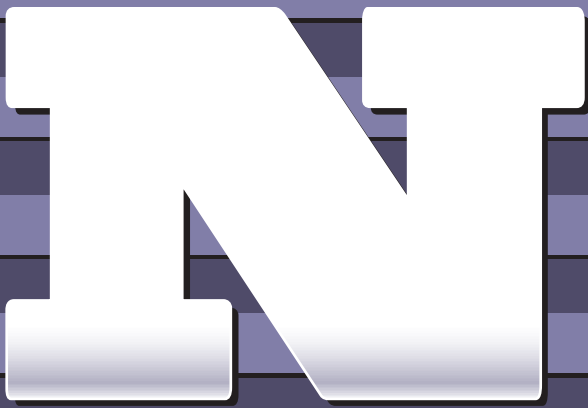
LACEN/RJ

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 70/123

N

INFLUENZA

Ver "VÍRUS RESPIRATÓRIOS"



LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

1. EXAME

RIFI, ELISA e Parasitológico.

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro;

Material de biópsia ou punção

3. VOLUME IDEAL

2 mL de Soro

Material de biópsia: fragmentos de 1 a 3 mm acondicionados em salina estéril.

Material de punção. Não utilizar formol ou álcool.

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Soro (de 2°C a 8°C – até 05 dias) e -20°C (freezer até 15 dias);

Os fragmentos de tecidos deverão ser conservados a temperatura ambiente, em recipientes contendo salina estéril. Não utilizar formol ou álcool. Os materiais de punção deverão não devem ter conservantes e ser mantidos a temperatura ambiente.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Requisição para diagnóstico de Leishmaniose Visceral Canina padrão LACEN ou GAL. Para o parasitológico enviar a ficha SINAN para envio ao Lab. de Referência.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Ficha epidemiológica com todos os campos preenchidos

Principais sintomas e data de início dos mesmos.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ (Sorologias)

FUNED/MG (Confirmatório)

IPEC/Fiocruz/RJ (Parasitológico)

LEISHMANIOSE VISCERAL HUMANA

1. SINONIMIA

Calazar

2. EXAME

Teste Rápido, RIFI, Parasitológico, PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Teste rápido e RIFI: Soro;

Parasitológico: Material de biópsia ou lâmina com esfregaço de medula óssea;

PCR: Sangue total com EDTA (tampa roxa);

4. VOLUME IDEAL

Soro: 2mL;

Material de biópsia: fragmentos de 1 a 3 mm acondicionados em salina estéril. Não utilizar formol ou álcool;

Lâmina com esfregaço: 3 lâminas;

PCR: 5 mL de sangue total com EDTA (1 tubo tampa roxa);

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro ver item 3 das Condições Gerais;

Parasitológico: as lâminas devem ser enviadas após o esfregaço estar seco;

PCR: o material deve ser colhido em tubo com EDTA K3 (tampa roxa);

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação. Após a separação a amostra deve ser acondicionada em refrigerador (2°C a 8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

Os fragmentos de tecidos deverão ser conservados a temperatura ambiente, em recipientes contendo salina estéril. Não utilizar formol ou álcool.

Parasitológico: As lâminas podem ser enviadas sem o uso do fixador (metanol absoluto) – enviar em até 24 horas ou após a fixação com metanol absoluto (3 gotas, cobrindo todo o esfregaço) – enviar até 7 dias após a confecção.

PCR: Colher e manter a temperatura ambiente.

Enviar em até 24h após a coleta.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Soro e fragmentos: caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável;

Parasitológico: Enviar à temperatura ambiente;

PCR: O envio deverá ser feito à temperatura entre 2 e 8 °C até 24 horas após a coleta;

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Requisição para diagnóstico de Leishmaniose Visceral Humana padrão LACEN ou GAL. Para o parasitológico enviar a ficha de investigação epidemiológica (SINAN) para envio ao Lab. de Referência.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Ficha epidemiológica com todos os campos preenchidos

Principais sintomas e data de início dos mesmos.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários.

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 73/123

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

FUNED/MG (Confirmatório)

LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA

1. SINONIMIA

Úlcera de Bauru, Nariz de tapir, Ferida brava

2. EXAME

Sorologia: Não é a metodologia mais indicada, por não ter caráter conclusivo. Deve ser utilizada como última opção.

Cultura.

Parasitológico.

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro (Não é o mais apropriado)

Fragmento da borda da lesão.

Lâmina com esfregaço de material da borda da lesão.

4. VOLUME IDEAL

Soro: 2mL

Fragmento da borda da lesão: aproximadamente 4 mm de diâmetro.

3 lâminas com esfregaço de material da borda da lesão.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Na presença de úlcera cutânea e/ou mucosa e/ou quadro clínico suspeito (forma mucosa metastásica).

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro: Coletar o sangue em tubo sem anticoagulante, com gel separador, de preferência. Ver item 3 das Condições Gerais.

Fragmento de lesão:

Recomenda-se a coleta do material após assepsia local com água e sabão e, se possível, com água destilada ou soro fisiológico.

A biópsia pode ser feita com "punch" de 4mm de diâmetro, ou em cunha, com o uso de bisturi.

Nas lesões ulceradas, deve-se preferir a borda interna da lesão que, em geral, mostra aspecto tumefeito e hiperêmico e com menos infecção secundária.

Infiltra-se lidocaína ou xilocaína a 2%, para anestésiar o local.

O material retirado por biópsia deve ser colocado em salina estéril, em quantidade, aproximadamente, 20 vezes maior que o volume do fragmento.

Na lesão não-ulcerada pode-se proceder à escarificação, utilizando-se um estilete descartável, lâmina de bisturi estéril ou palito de madeira, com extremidade em bisel, previamente esterilizado.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Soro: após a separação a amostra deve ser acondicionada em refrigerador (2°C a 8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 5 dias;

Fragmento de lesão: após a coleta, manter em salina estéril, refrigerada (2°C a 8°C) até o envio;

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

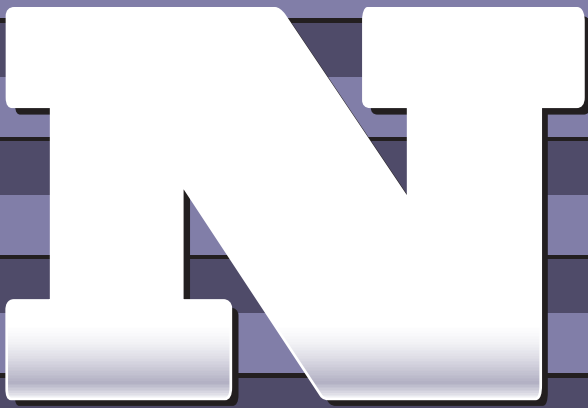
9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha SINAN para Leishmaniose Tegumentar Humana.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Ficha epidemiológica com todos os campos preenchidos

Principais sintomas e data de início dos mesmos.



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 75/123

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Amostra sem ficha de solicitação.

Amostras enviadas fora das especificações.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LABORATÓRIO DE LEISHMANIOSES - IPEC/FIO-CRUZ

LEPTOSPIROSE

1. SINONIMIA

Mal de Weil

2. EXAMES

ELISA IgM, Microaglutinação (MAT) e PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro, sangue total

4. VOLUME IDEAL

Soro ou sangue total: 2 mL (ELISA, MAT e PCR)

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

ELISA: a partir do 5º dia após o início dos sintomas.

Microaglutinação: a partir do 7º dia após o início dos sintomas.

PCR: recomendado quando, diante de quadro clínico-epidemiológico compatível, os exames convencionais resultarem negativos ou inconclusivos ou quando o paciente já faz uso de antibioticoterapia.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Recomenda-se a coleta de amostras pareadas. A primeira na fase aguda (5-7 dias) e a segunda após 10 dias (10-15 dias) a partir da data de coleta da primeira amostra.

O soro de ser separado o mais rapidamente possível após a coleta.

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) por até 5 (cinco) dias. Após este período, manter a amostra congelada (-20°C).

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Transportar sob refrigeração (caixa com gelo reciclável).

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha para Leptospirose padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta, sinais e sintomas, data do início dos sintomas, ocupação, contatos e local de residência);

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município);

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras hemolisadas ou fortemente lipêmicas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica.

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado.

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de solicitação.

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ (Sorologia IgM)

FIOCRUZ/RJ (PCR e MAT).

MALÁRIA

1. SINONIMIA

Paludismo

2. EXAME

Gota espessa, Esfregaço corado, Teste rápido

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Sangue

4. VOLUME IDEAL

2 lâminas de gota espessa e 2 lâminas de esfregaço.

Para Teste rápido coletar sangue total em 1 tubo com EDTA K3 (tampa roxa).

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Pico febril

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

2 lâminas de gota espessa, feitas por punção digital e 2 lâminas de esfregaço estirado (idênticas a do hemograma). Ver figuras abaixo.

Para coleta de sangue total ver item 3 das Condições Gerais.

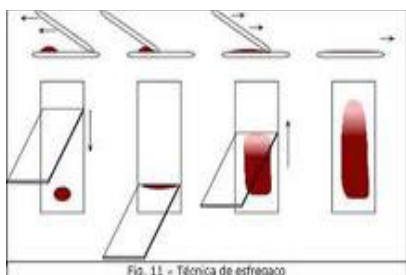
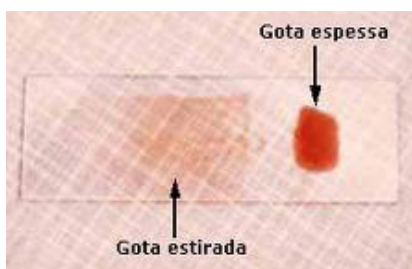


Fig. 11 - Técnica de esfregaço

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Após a confecção das lâminas, deixá-las secar a temperatura ambiente e transportá-las a temperatura ambiente, protegidas.

O sangue total deve ser mantido a temperatura ambiente até o momento do envio. Enviar em até 24 horas.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Lâminas: Transportar, se possível, em caixa porta lâminas, a temperatura ambiente, protegidas de umidade e choques.

Sangue total: transportar em caixa de isopor ou maleta de transporte a temperatura ambiente.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras para Pesquisa de Plasmodium (padrão do LACEN ou GAL)

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Para caso suspeito de malária é obrigatório enviar a ficha epidemiológica com todos os campos preenchidos.

Informar os principais sintomas e data de início dos mesmos.

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento. Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra.

Lâminas fora das especificações ou ausentes.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

MENINGITES BACTERIANAS E DOENÇA MENINGOCÓCICA

Nos casos de suspeita de meningites bacterianas e/ou doença meningocócica SEMPRE deve ser coletado: LÍQUOR, HEMOCULTURA E SORO, mesmo que não haja sintomas de sepse.

1. EXAMES

Gram;
Cultura;
Aglutinação em látex para *Neisseria meningitidis*, *Streptococcus pneumoniae* e *Haemophilus influenzae*;

Diagnóstico molecular (confirmatório e sorotipagem).

2. AMOSTRAS BIOLÓGICAS

Líquor;
Soro;
Sangue (hemocultura);
Cepas bacterianas para identificação;

3. VOLUME IDEAL

Líquor: coletar o maior volume que as condições clínicas permitirem;

Soro: enviar no mínimo 0,5mL;

Sangue para hemocultura: coletar um volume correspondente a 5-10% do volume do meio de cultura.

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Coletar preferencialmente antes da antibioticoterapia.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

5.1 Coleta de líquido utilizando kit do LACEN

Retirar o kit de meningite da geladeira antes da coleta para atingir a temperatura ambiente (se necessário manter os frascos de ágar chocolate e caldo BHI na mão fechada por alguns minutos). Identificar os frascos e as lâminas com o nome do paciente e data da coleta.

Realizar a desinfecção da tampa, com álcool 70%.

Realizar punção lombar seguindo os cuidados de assepsia requeridos para a mesma (procedimento médico).

Com a própria agulha da punção, gotejar de 3 a 5 gotas do líquido no frasco de ágar chocolate.

Em seguida distribuir de 0,5 a 2 mL em cada um dos frascos estéreis. Um dos frascos será utilizado para realização de látex e o outro para citoquímica, bacterioscopia, cultura ou outros exames pelo laboratório local.

Em cada uma das lâminas de vidro colocar 1 gota de líquido (para coloração de Gram) e deixar secar a temperatura ambiente. A seguir envolvê-las em papel alumínio. Não fazer esfregaço.

Enviar imediatamente à amostra ao laboratório local ou LACEN.

NOTA:

No insucesso de uma punção, deve-se priorizar o inóculo em ágar chocolate para a conservação do microrganismo e a gota do LCR em lâmina de vidro para a realização do método de Gram.

5.2 Coleta de líquido (sem kit do LACEN)

Identificar um frasco estéril e duas lâminas com o nome do paciente e tipo de amostra.

Realizar punção lombar seguindo os cuidados de assepsia requeridos para a mesma (procedimento médico). Acondicionar a amostra no frasco estéril.

Em cada uma das lâminas de vidro colocar 1 gota de líquido (para coloração de Gram) e deixar secar a temperatura ambiente. A seguir envolvê-las em papel alumínio. Não fazer esfregaço.

Enviar imediatamente à amostra ao laboratório local ou LACEN.

NT

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 79/123

5.3 Sangue

5.3.1 Coleta de hemocultura

Retirar o frasco de coleta de hemocultura da geladeira antes da coleta para atingir a temperatura ambiente (se necessário manter os frascos na mão fechada por alguns minutos).

Identificar os frascos com o nome do paciente e data da coleta.

Retirar a parte superior (circular) do laque metálico dos frascos. A retirada dos lacres deverá ser feita preferencialmente com uma pinça esterilizada.

Realizar a desinfecção, com álcool 70%, da tampa dos frascos de coleta.

Realizar a anti-sepsia rigorosa do local da punção.

Coletar um volume de sangue correspondente a aproximadamente 5–10% do volume do meio de cultura.

Inocular o sangue no frasco de hemocultura com meio BHI.

Enviar imediatamente à amostra ao laboratório local ou LACEN segundo as orientações descritas para acondicionamento e transporte.

5.3.2 Coleta de Soro

Coletar o sangue sem o uso de anticoagulante e separar o soro. Ver item 3 das Condições Gerais.

Encaminhar de 0,5 a 1mL de soro para realização de látex e/ou posterior Biologia Molecular.

5.4 Cepas bacterianas

Realizar o repique do microrganismo isolado em uma placa de meio de cultura adequada (ágar sangue ou ágar chocolate).

Identificar a placa com o nome do paciente e data do repique.

Fechar a placa com fita crepe.

Encaminhar a placa à temperatura ambiente.

NOTAS:

As cepas enviadas deverão ser provenientes de repiques recentes (24 horas de incubação) para evitar que haja perda da mesma por ressecamento.

Ao enviar cepas o laboratório local deverá especificar qual a amostra biológica de origem (sangue ou líquido).

5.5 Considerações gerais segundo os recursos do laboratório local

O laboratório local deverá enviar, para o LACEN, o frasco para LATEX e 1 lâmina de vidro com a gota seca de LCR para ser corada pelo método de Gram para realização do diagnóstico e controle de qualidade.

Quando a cultura do LCR ou hemocultura for realizada no laboratório local e houver crescimento de *Neisseria sp*, *Haemophilus sp* e *Streptococcus pneumoniae* enviar o microrganismo isolado para confirmação no LACEN, informando o tipo de amostra biológica de origem (sangue ou líquido).

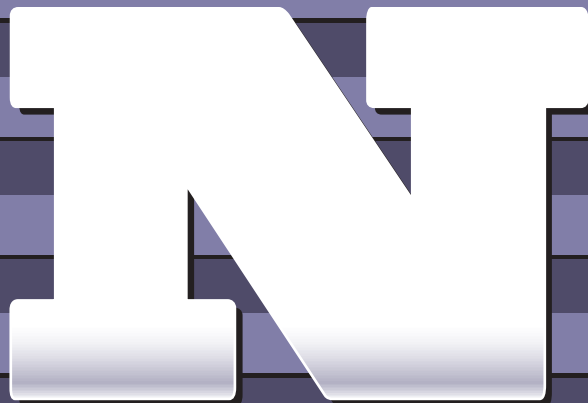
6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

6.1 Líquor e hemocultura

Quando não houver recurso técnico para a realização do Gram, cultura, LATEX no laboratório local, as amostras coletadas deverão ser enviadas ao laboratório do Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião - IEISS que dará andamento aos exames preliminares.

No caso em que não seja possível acessar o laboratório do IEISS imediatamente, o material coletado deverá ficar acondicionado em estufa entre 35°C a 37°C, sob atmosfera de CO₂.

Na falta de uma estufa CO₂, colocar o líquido, o frasco de ágar chocolate e o frasco de hemocultura em um recipiente (lata). No interior do recipiente, colocar uma vela acesa e um pedaço de algodão umedecido, fechar o recipiente e colocá-lo em uma estufa entre 35°C a 37°C.



6.2 Soro

Manter sob refrigeração (2°C a 8°C) ou congelado a -20 °C.

6.3 Cepas bacterianas

Fechar a placa com fita crepe e manter a temperatura ambiente.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

7.1 Líquor e hemocultura

Amostras que já foram incubadas por 24 horas: acondicionar os frascos de líquido, ágar chocolate e hemocultura na caixa do kit. Colocar a caixa do kit dentro da caixa de transporte de amostras, a temperatura ambiente.

Amostras que não foram incubadas por 24 horas: o transporte destas amostras deverá ser realizado à temperatura ambiente, em recipiente sob atmosfera de CO₂ (lata com vela acesa e algodão umedecido), imediatamente após a coleta.

Quando o tempo de transporte das amostras até o Laboratório de destino não exceder três horas o transporte poderá ser a temperatura ambiente, sem CO₂.

7.2 Soro

As amostras de soro deverão ser encaminhadas sob refrigeração (caixa com gelo reciclável).

7.3 Cepas bacterianas

Fechar a placa com fita crepe e encaminhar à temperatura ambiente.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras Meningite, padrão do LACEN ou GAL e ficha do SINAN.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, sexo, data da coleta, sintomas e data de início dos sintomas e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Resultados laboratoriais já disponíveis.

Uso de antibiótico.

Data do início da antibioticoterapia.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta.

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem Ficha de Encaminhamento de Amostras Meningite, padrão do LACEN ou GAL e ficha do SINAN.

Falta de correlação entre a identificação do pedido médico (ou ficha de notificação) e a identificação da amostra.

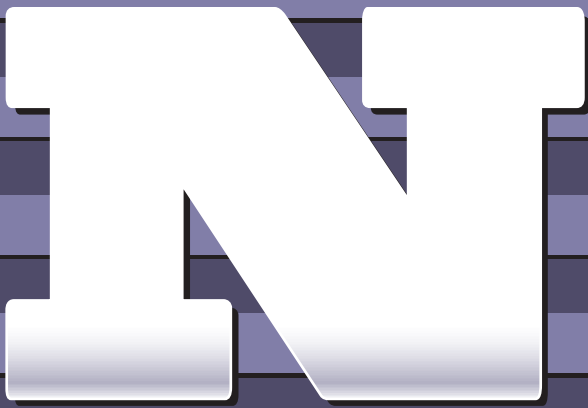
11. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O KIT DE MENINGITE

O kit de coleta de meningite foi desenvolvido para atender aos municípios do interior do Estado ou as Unidades que não possuem laboratórios com condições de processar as amostras de meningite. Porém a falta do Kit não impede a tentativa de isolamento do agente etiológico. Nestes casos o material deverá ser coletado em frasco estéril e encaminhado em tempo hábil para o laboratório IEISS ou para o LACEN em tempo hábil e nas em condições ambientais adequadas citadas nas instruções de coleta de líquido de coleta.

A solicitação de kit deverá ser feita através de fax ou e-mail para a Gerência da Rede de Laboratórios de Saúde Pública - RELSP (fax: 21-2332-8606).

E-mail de contato: relsprjnnutels@saude.rj.gov.br / relsprj.saude@gmail.com.

A retirada do kit solicitado deve ser efetuada mediante ofício após confirmação do envio por fax ou e-mail.



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 81/123

11.1 Composição do KIT

Dois frascos estéreis;
Um frasco com meio ágar chocolate – ACH;
Um frasco com meio Brain Heart Infusion –

BHI;

Duas lâminas de vidro.

Ficha de Encaminhamento de Amostras –
Meningite.

11.2 Instruções Gerais

O kit deverá ser conservado entre 2°C e 8°C (geladeira) até o momento de uso.

Este kit deverá ser retirado da geladeira alguns minutos antes da coleta para atingir a temperatura ambiente; caso não seja possível, manter os frascos de ACH e BHI na mão fechada por poucos minutos.

Observar a validade dos frascos e o aspecto do meio de cultura ACH (aspecto úmido, superfície íntegra e sem contaminantes) e do BHI (sem precipitação, turvação ou contaminação).

Caso o kit apresente alguma não-conformidade separá-lo para ser devolvido ao LACEN, com justificativa e solicitação de novo kit.

Os kits não utilizados que estiverem vencidos ou próximos do prazo de vencimento deverão ser devolvidos ao LACEN.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

IEISS

LACEN/RJ (Cultura e Látex)

INSTITUTO ADOLFO LUTZ – SÃO PAULO (PCR)



MENINGITE VIRAL/ENCEFALITE

1. EXAME

PCR e ELISA (Para Herpes (inclusive Varicela) e CMV)

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Líquor

3. VOLUME IDEAL

0,5 mL.

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Logo após a suspeita clínica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

LCR obtido de punção lombar.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Congelar imediatamente após a coleta em freezer (-20°C ou -70°C). Enviar imediatamente ao laboratório.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O LCR deve ser transportado em caixa térmica ou isopor com gelo seco.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha do SINAN

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta necessária.

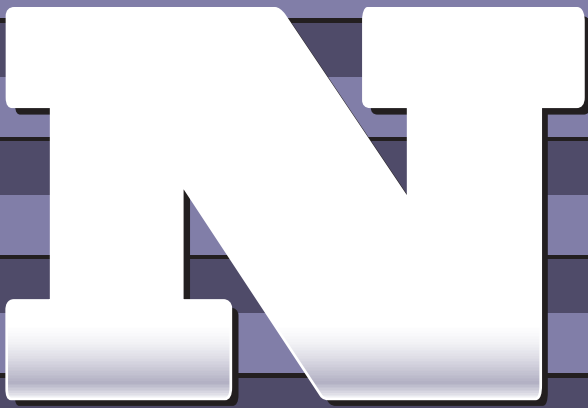
Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste.

Amostra sem ficha de solicitação.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ (Sorologia)

FIOCRUZ/RJ (PCR)



MICOBACTERIOSES

1. EXAMES

- Pesquisa de BAAR;
- Cultura para Micobactérias;
- Identificação de Micobactérias tuberculosas e não tuberculosas;
- Este de Sensibilidade às drogas tuberculosáticas de 1ª e 2ª Linha de tratamento;
- Identificação de espécies de Micobactérias por técnicas de Biologia Molecular (PRA);

2. AMOSTRAS BIOLÓGICAS

- Escarro;
- Urina;
- Biópsia e material de ressecção;
- Sangue;
- Secreções
- Endométrio;
- Cepas;
- Líquidos Cefalorraquidiano, pleural, ascítico e outros;

3. VOLUME IDEAL

Não especificado

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Escarro ou urina devem ser colhidos preferencialmente pela manhã ao despertar, sendo que o escarro pode ser colhido durante a primeira consulta.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

5.1 Escarro

a) Orientações ao paciente:

Lavar a boca com água antes de expectorar, para eliminar resíduos de comida, pasta de dente, e outros;

Inspirar profundamente, reter por instantes o ar no pulmão, tossir e lançar o material no recipiente: esta operação deverá ser repetida até a obtenção de três eliminações de escarro, evitando que escorra pela parede externa do pote;

Fechar hermeticamente o pote e envolvê-lo em papel limpo, com o cuidado de manter o frasco com a boca para cima;

Lavar as mãos com água e sabão.

Quando a expectoração é escassa, pode-se recorrer a outros métodos, como indução do escarro e colheita do material por broncoscopia e lavagem gástrica.

b) Conduitas:

A boa amostra de escarro é a proveniente da árvore brônquica, obtida após esforço da tosse e não a que se obtém da faringe que, usualmente, contém saliva.

Solicitam-se, ao paciente, duas amostras de escarro, sendo a primeira colhida durante a primeira consulta, e a outra no dia seguinte, ao despertar. O escarro deverá ser colhido em local aberto e bem ventilado. A colheita deve ser feita em potes plásticos descartáveis, transparentes, estéreis, de boca larga, com tampa de rosca e capacidade de cerca de 30 a 50ml. O nome completo do paciente, data da coleta e o número de registro devem ser colocados sempre no corpo e não na tampa do pote.

5.2 Urina

Antes da micção, realizar a higiene da genitália externa com água e sabão.

Em recipiente estéril (com capacidade de 300 a 500 mL), coletar todo o volume da primeira urina da manhã.

NOTAS:

Recomenda-se a coleta de todo o volume urinário.

O número de amostras recomendado é de no mínimo três e de, no máximo, seis, colhidas em dias consecutivos.

A amostra deve ser encaminhada o mais rapidamente possível ao laboratório, acondicionada em caixa com gelo.

5.3 Líquidos cefalorraquidiano, pleural, ascítico e outros

Colher esses materiais em tubo estéril e enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo.

5.4 Biópsia e material de ressecção

Colher estes materiais em frasco com água destilada ou salina fisiológica estéril. Não adicionar conservantes (formol). Enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo.

5.5 Sangue

Coletar a amostra de sangue em um tubo estéril contendo anticoagulante (de preferência, utilizar SPS – polianetol sulfonato de sódio – como anticoagulante). O volume recomendado é de 5mL. Enviar ao laboratório imediatamente.

5.6 Endométrio

No caso de suspeita de tuberculose uterina, deve-se realizar a biópsia de endométrio. Não deve ser coletado sangue menstrual.

NOTAS:

Pela escassa quantidade de bacilos presentes outros materiais diferentes do escarro (materiais paucibacilares), os espécimes descritos acima devem ser submetidos à baciloscopia e também ser semeados para cultura em meios apropriados.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Escarro obtido de expectoração: pode ser excepcionalmente conservado sob refrigeração (2°C a 8°C) por até 7 dias, sem que haja prejuízo na realização da baciloscopia e da cultura.

Urina: pode ser excepcionalmente conservada sob refrigeração (2°C a 8°C) por um prazo máximo de 5 dias.

Outras amostras: enviar imediatamente ao laboratório sob refrigeração.

NOTAS:

Proteger as amostras da luz solar e acondicionar de forma adequada para que não haja risco de derramamento.

Quanto mais rapidamente o espécime chegar ao laboratório, maior será a possibilidade de se encontrar *M. tuberculosis*, e outras micobactérias. A temperatura ambiente e o tempo favorecem a multiplicação de microorganismos contaminantes.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Embalar as amostras em saco plástico individual.

Transportar as amostras de caixas térmicas com gelo (por protegerem do calor e da luz solar).

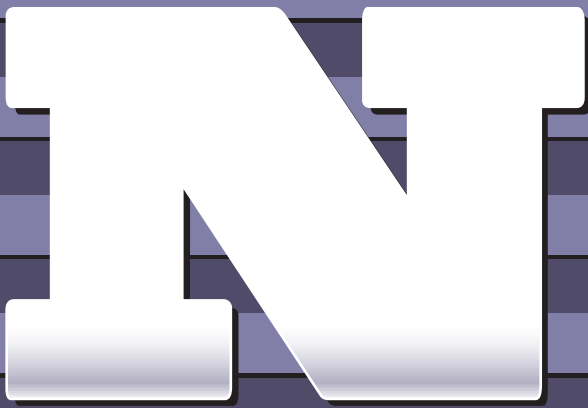
NOTAS:

Sempre proteger as amostras da luz solar e do calor e acondicionar de forma adequada para que não haja risco de derramamento.

Nunca acondicionar fichas no mesmo recipiente que as amostras.

7.1 Transporte de cepas (cultura com bactérias isoladas)

Para o transporte de cepas deverão ser observadas as regras internacionais da IATA (International Air Transport Association) para o envio aéreo. O material deve ser colocado em um frasco bem vedado, à prova de vazamento (recipiente primário) que é o próprio tubo de rosca no caso da cultura, ou um recipiente com material clínico, que será colocado em um segundo recipiente (secundário) à prova de vazamento e inquebrável (metal ou plástico). Entre esses dois colocar material absorvente (papel). O terceiro recipiente pode ser de papelão, madeira, isopor e deverá conter rótulo de material infeccioso, com descrição (material frágil), a posição para o transporte da embalagem e o telefone da autoridade sanitária a ser contatada em caso de acidente (vazamento, quebra da embalagem, etc.) e/ou o laboratório



que está enviando a amostra. Essas embalagens devem ser compradas prontas e ter o registro no INMETRO. Culturas de micobactérias podem ser transportadas em meio sólido em tubos de rosca ou então liofilizadas.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras de Tuberculose (padrão do LACEN ou GAL)

Ficha de Encaminhamento de Micobacterioses (padrão do LACEN ou GAL)

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, sexo, data da coleta e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Nome e assinatura do médico responsável
Uso de antibiótico.

Data do início da antibioticoterapia.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível.

Amostras sem de Ficha de Encaminhamento de Amostras para Tuberculose e/ou Ficha para Micobactérias não-tuberculosas.

Falta de correlação entre a identificação das fichas e a identificação da amostra.

As amostras que não estejam acompanhadas com os dados pessoais, clínicos e epidemiológicos do paciente e a justificativa para a solicitação do exame devem ser informadas. A requisição deve estar assinada e carimbada de modo legível.

Tanto o material clínico quanto a cultura devem estar adequadamente rotulados, embalados e transportados.

Se a embalagem ou recipiente com a amostra não estiverem íntegros o material será rejeitado.

Culturas que apresentarem alteração de pH, crescimento de contaminantes, crescimento

disgônico de colônias, serão rejeitadas. Qualquer irregularidade será informada a quem enviou o material. Todo o material rejeitado será esterilizado em autoclave a 121°C e descartado.

Amostras coletadas em frascos não estéreis e frascos com conservantes.

Sangue: Amostras colhidas com EDTA ou coaguladas.

Urina: Amostras colhidas durante 24 horas, colhidas em frascos não estéreis e amostras colhidas no mesmo dia em horários diferentes.

Biópsias: Amostras colhidas em swabs e conservadas em formol.

Lavado Gástrico: colhido sem carbonato de sódio.

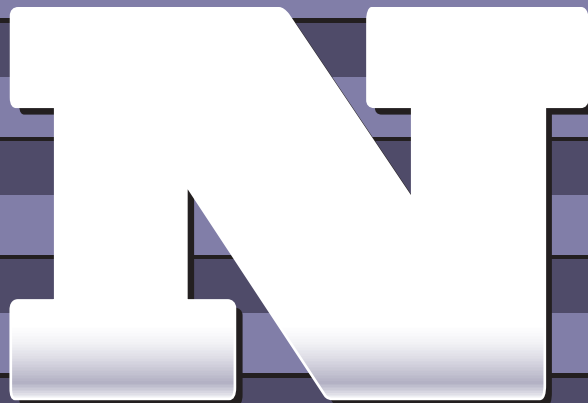
Medula óssea: amostras colhidas sem anticoagulante

Outros Materiais: Amostras enviadas em tubos não estéreis.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ (Cultura, TSA)

CENTRO DE REFERÊNCIA PROF. HÉLIO FRAGA (CRPHF) – FIOCRUZ/RJ (Identificação de Micobactérias, TSA e MMR)



MULTIRESISTÊNCIA (CEPAS)

1. SINONIMIA

KPC, Pesquisa de resistência, Genes de resistência bacteriana

2. EXAME

Cultura, TSA e PCR

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Diversos materiais encaminhados em forma de cepas semeadas

4. VOLUME IDEAL

1 placa semeada

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Não se aplica

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

As cepas devem ser recentes (24 a 48h), mantidas a 37°C

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

As cepas de ser semeadas em meios apropriados, recentes (24 a 48h), lacradas com fita crepe para evitar a abertura acidental das placas e possível contaminação e transportadas em temperatura ambiente.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação modelo padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome completo do paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da semeadura;

- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;
- Resultado preliminar obtido no laboratório de origem;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas fora das condições detalhadas no item 9.

Amostra sem ficha de solicitação.

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

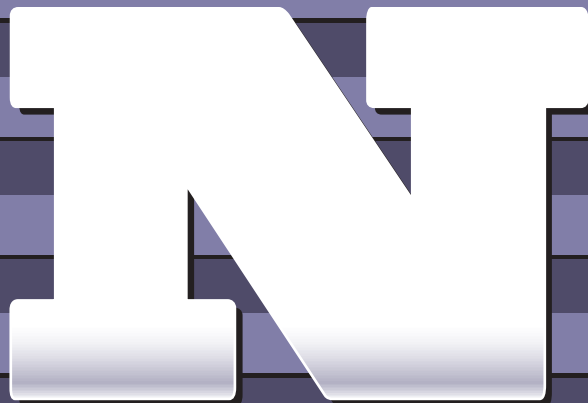
LACEN/RJ
FIOCRUZ/RJ



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 87/123

PARALISIA FLÁCIDA AGUDA

Ver "ENTEROVÍRUS "



PARVOVÍRUS B19

1. SINONIMIA

Parvovirose

2. EXAME

Sorologia

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

No primeiro atendimento do paciente ou, no máximo, em até 28 dias após o aparecimento do exantema.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação de Doenças Transmissíveis – Parvovírus padrão LACEN ou GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;

- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (n° registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado;
Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada;

Amostras transportadas em temperatura ambiente;

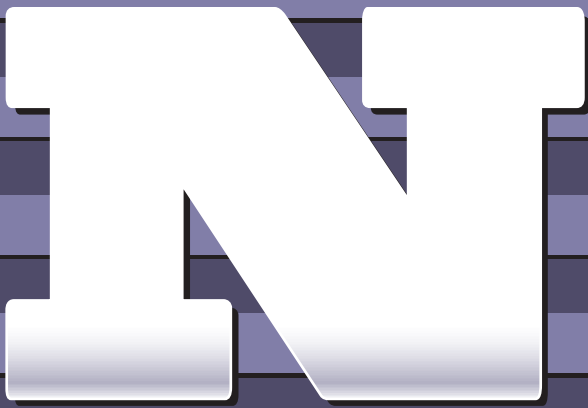
Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários;

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalidem a realização do teste;

Amostra sem ficha de solicitação;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



PESTE

1. SINONIMIA

Peste negra, peste bubônica

2. EXAMES

Hemaglutinação – HA/HI.

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro humano ou animal.

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não especificado.

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

O soro de ser separado o mais rapidamente possível após a coleta.

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Conservar a amostra sob refrigeração (entre 2°C e 8°C) por até 5 (cinco) dias. Após este período, manter a amostra congelada (-20°C).

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Acondicionar sob refrigeração (caixa com gelo).

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento para Peste (padrão do LACEN ou GAL)

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, data de nascimento, sexo, data da coleta e local de residência) ou do animal;
Procedência da amostra (laboratório/hospital e município);

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras hemolisadas ou fortemente lipêmicas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica;

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado;

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem a Ficha de Encaminhamento de Amostras para Peste (padrão do LACEN ou GAL);

Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra;

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

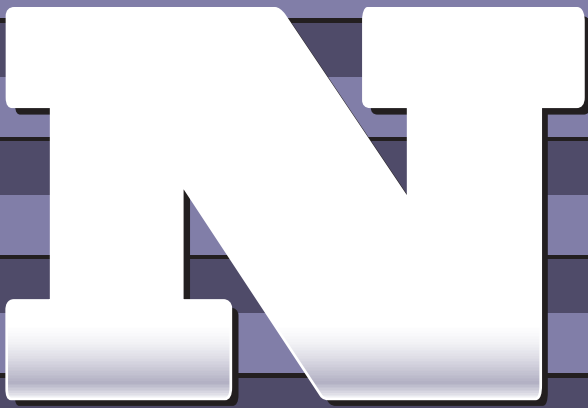


POLIOVÍRUS

1. SINONIMIA

Poliomielite, Parálisis Flácida Aguda

Ver "**ENTEROVÍRUS**"



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 91/123

RAIVA HUMANA E ANIMAL

1. EXAME

Soroneutralização
IFD (Material de biópsia)

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro
Biópsia de tecidos do SNC

3. VOLUME IDEAL

Soro: 2 mL

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Para monitoramento vacinal: No mínimo 14 dias após a última dose da vacina.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver orientações de coleta no item 3 das Condições Gerais.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Soro – Poderá ser guardado em geladeira (2°C a 8°C) por até 5 dias. Em períodos mais longos deve-se congelar (-20°C) por alguns meses.

Caso o soro já tenha sido congelado, informar na ficha de envio do material.

Material de biópsia – Não colocar em formol ou álcool. Refrigerar de 2°C a 8°C por 24 horas e congelar após 24 horas. Se não for possível refrigerar ou congelar, manter o material em salina com glicerina a 50% em temperatura ambiente.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Os tubos com soro já corretamente identificados deverão ser colocados em sacos plásticos e enviados em caixa de transporte com gelo reciclável ou gelo seco. Materiais de biópsia devem ser enviados congelados ou a temperatura ambiente desde que estejam conservados em solução salina com glicerina a 50%.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de solicitação para anticorpos contra Raiva padrão da Unidade Jorge Vaitsman/RJ.

Materiais de biópsia devem vir acompanhados da ficha do SINAN.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Data de coleta
Histórico de tratamentos anteriores
Histórico de vacinação

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras coletadas antes do 12º dia após a última dose de vacinação;

Material impróprio ou inadequado;

Amostra excessivamente hemolisada (no caso de ser enviado soro);

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

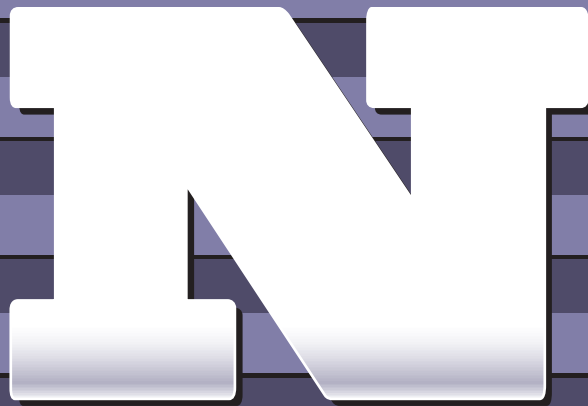
Soroneutralização: JORGE VAITSMAN/RJ

Material de Biópsia: INSTITUTO PASTEUR – SÃO PAULO

OBS:

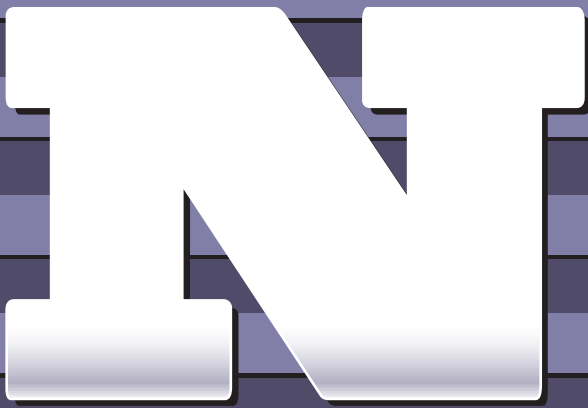
Peças anatômicas de animais (cachorro, cavalo, morcego e outros) devem ser enviados diretamente a Unidade Jorge Vaitsman/RJ, após contato prévio.

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 92/123



ROTAVÍRUS

Ver " **DOENÇAS DIARRÉICAS** "



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 93/123

RUBÉOLA

1. EXAME

ELISA e PCR

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro, urina e swab de nasofaringe

3. VOLUME IDEAL

Soro (ELISA): 2 mL

Urina (PCR): 15 a 100 mL

Swab de nasofaringe (PCR): 1 swab

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

ELISA: No primeiro atendimento do paciente ou, no máximo, em até 28 dias após o aparecimento do exantema;

PCR: Até o 5º dia a partir do aparecimento do exantema, preferencialmente nos primeiros três dias.

OBS:

Excepcionalmente, em casos com IgM positivo, este período poderá ser estendido.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro: Ver item 3 das Condições Gerais.

Swab de nasofaringe: Ver coleta em 6.1 – Difteria. Após a coleta o swab deve ser colocado em meio de transporte viral L-15.

Urina: De qualquer micção.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Soro: Refrigeração de 2°C a 8°C, por no máximo 48 horas. Após este período, congelar em freezer a -20°C.

Urina e Swab de nasofaringe: Refrigerar de 2°C a 8°C até o envio. Enviar no máximo em 2 dias (48 h).

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Enviar no prazo máximo de 48 horas, em embalagem térmica ou caixa de transporte com

gelo reciclável. Caso o soro e swabs não possam ser encaminhados neste prazo, conservá-los no freezer na temperatura de -20°C, até o momento do transporte.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de solicitação de Doenças Exantemáticas ou Rubéola padrão LACEN ou GAL. No caso de Síndrome da Rubéola Congênita (SRC), Gestantes Vacinadas Inadvertidamente (GVI) ou Recém-nascidos de gestantes vacinadas inadvertidamente, preencher a ficha SINAN específica.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Primeira suspeita

Data do exantema

Data da coleta

Data da vacina

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra excessivamente hemolisada (no caso de ser enviado soro);

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

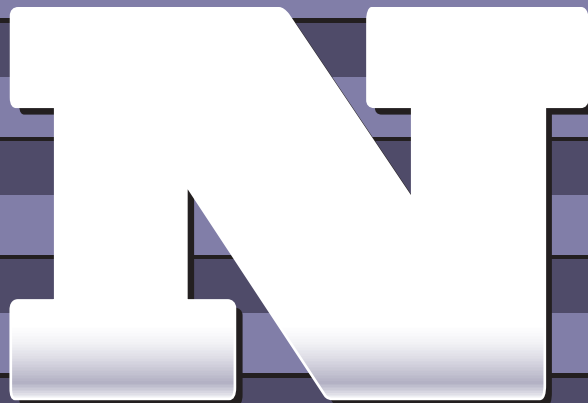
Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

Amostras de rotina pré-natal (gestantes) ou pré-nupcial;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ e FIOCRUZ / RJ



SARAMPO

1. EXAME

ELISA e PCR

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro, urina e swab de nasofaringe

3. VOLUME IDEAL

Soro (ELISA e PCR): 2 mL

Urina (PCR): 15 a 100 mL

Swab de nasofaringe (PCR): 1 swab

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

ELISA: No primeiro atendimento do paciente ou, no máximo, em até 28 dias após o aparecimento do exantema;

PCR: Até o 5º dia a partir do aparecimento do exantema, preferencialmente nos primeiros três dias.

OBS:

excepcionalmente, em casos com IgM positivo, este período poderá ser estendido.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Soro: Ver item 3 das Condições Gerais

Swab de nasofaringe: Ver coleta em Difteria. Após a coleta o swab deve ser mergulhado em meio de transporte viral L-15.

Urina: De qualquer micção.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Soro: Refrigeração de 2°C a 8°C, por no máximo 48 horas. Após este período, congelar em freezer a -20°C.

Urina e Swab de nasofaringe: Refrigerar de 2°C a 8°C até o envio. Enviar no máximo em 2 dias (48h).

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Enviar no prazo de 48 horas, em embalagem térmica ou caixa de transporte com gelo re-

clável. Caso o soro não possa ser encaminhado neste prazo, conservá-lo no freezer na temperatura de -20°C, até o momento do transporte. Congelado, o prazo máximo para o soro chegar ao laboratório é de até 5 dias.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de solicitação de Doenças Exantemáticas ou Sarampo padrão LACEN ou GAL.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Primeira suspeita

Data do exantema

Data da coleta

Data da vacina

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostra excessivamente hemolisada (no caso de ser enviado soro);

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

Amostras com etiquetas soltas;

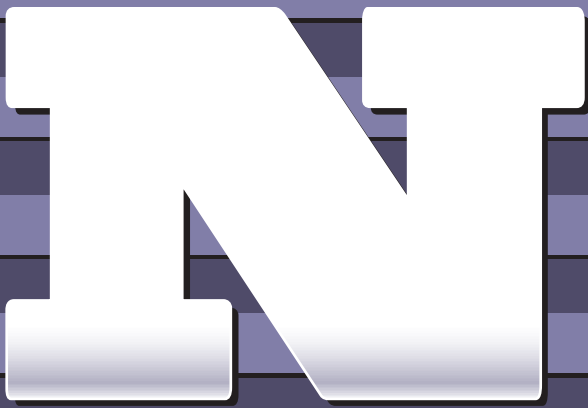
Amostras mal tampadas, rosqueadas ou vazando;

Frascos quebrados e/ou vazios;

Amostras sem identificação;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ e FIOCRUZ / RJ



TOXOPLASMOSE

1. EXAME

Sorologia e Aidez

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

3. VOLUME IDEAL

2 mL

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

De 2°C a 8°C (geladeira) - até 5 dias e
-20°C (freezer) - até 15 dias.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras para Doenças Transmissíveis – Toxoplasmose (padrão do LACEN ou GAL)

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Enviar a ficha epidemiológica com todos os campos preenchidos.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostras lipêmicas, hemolisadas ou com sinais de contaminação bacteriana ou fúngica;

Amostras com volume inferior ao mínimo estipulado;

Amostras apresentando vazamento devido à quebra do tubo ou rolha aberta;

Amostras sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem Ficha de Encaminhamento;
Falta de correlação entre a identificação da ficha e a identificação da amostra;

Amostra de rotina pré-natal (gestantes) ou pré-nupcial;

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

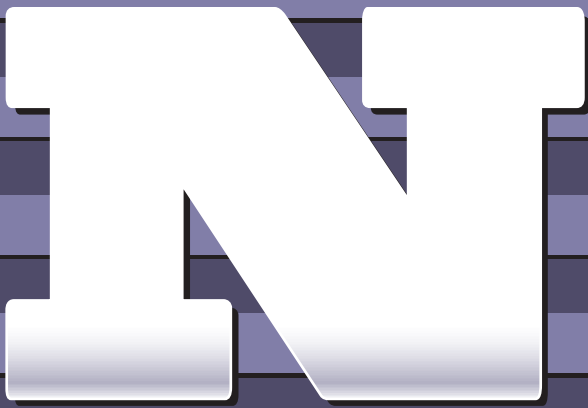
LACEN/RJ

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 96/123

N

TRACOMA

Ver " **CLAMÍDIA** "



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 97/123

TUBERCULOSE

1. EXAMES

Pesquisa de BAAR;
Cultura para Micobactérias;
Identificação de Micobactérias tuberculosas e não tuberculosas;
Teste de Sensibilidade às drogas tuberculostáticas de 1ª e 2ª Linha de tratamento;
Identificação de espécies de Micobactérias por técnicas de Biologia Molecular (PRA);

2. AMOSTRAS BIOLÓGICAS

Escarro;
Urina;
Biópsia e material de ressecção;
Sangue;
Secreções
Endométrio;
Cepas;
Líquidos Cefalorraquidiano, pleural, ascítico e outros;

3. VOLUME IDEAL

Não especificado

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Escarro ou Urina devem ser colhidos preferencialmente pela manhã ao despertar, sendo que o escarro pode ser colhido durante a primeira consulta.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

5.1 Escarro

a) Orientações ao paciente:

Lavar a boca com água antes de expectorar, para eliminar resíduos de comida, pasta de dente, e outros;

Inspirar profundamente, reter por instantes o ar no pulmão, tossir e lançar o material no recipiente: esta operação deverá ser repetida até a obtenção de três eliminações de escarro, evitando que escorra pela parede externa do pote;

Fechar hermeticamente o pote e envolvê-lo em papel limpo, com o cuidado de manter o frasco com a boca para cima;

Lavar as mãos com água e sabão.

Quando a expectoração é escassa, pode-se recorrer a outros métodos, como indução do escarro e colheita do material por broncoscopia e lavagem gástrica.

b) Condutas:

A boa amostra de escarro é a proveniente da árvore brônquica, obtida após esforço da tosse e não a que se obtém da faringe que, usualmente, contém saliva.

Solicitam-se, ao paciente, duas amostras de escarro, sendo a primeira colhida durante a primeira consulta, e a outra no dia seguinte, ao despertar. O escarro deverá ser colhido em local aberto e bem ventilado. A colheita deve ser feita em potes plásticos descartáveis, transparentes, estéreis, de boca larga, com tampa de rosca e capacidade de cerca de 30 a 50 ml. O nome completo do paciente, data da coleta e o número de registro devem ser colocados sempre no corpo e não na tampa do pote.

5.2 Urina

Antes da micção, realizar a higiene da genitália externa com água e sabão.

Em recipiente estéril (com capacidade de 300 a 500 mL), coletar todo o volume da primeira urina da manhã.

NOTAS:

Recomenda-se a coleta de todo o volume urinário.

O número de amostras recomendado é de no mínimo três e de, no máximo, seis, colhidas em dias consecutivos.

A amostra deve ser encaminhada o mais rapidamente possível ao laboratório, acondicionada em caixa com gelo.

5.3 Líquidos cefalorraquidiano, pleural, ascítico e outros

Colher esses materiais em tubo estéril e enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo.

5.4 Biópsia e material de ressecção

Colher estes materiais em frasco com água destilada ou salina fisiológica estéril. Não adicionar conservantes (formol). Enviar ao laboratório imediatamente em caixa com gelo.

5.5 Sangue

Coletar a amostra de sangue em um tubo estéril contendo anticoagulante (de preferência, utilizar SPS – polianetol sulfonato de sódio – como anticoagulante). O volume recomendado é de 5mL. Enviar ao laboratório imediatamente.

5.6 Endométrio

No caso de suspeita de tuberculose uterina, deve-se realizar a biópsia de endométrio. Não deve ser coletado sangue menstrual.

NOTAS:

Pela escassa quantidade de bacilos presentes outros materiais diferentes do escarro (materiais paucibacilares), os espécimes descritos acima devem ser submetidos à baciloscopia e também ser semeados para cultura em meios apropriados.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Escarro obtido de expectoração: pode ser excepcionalmente conservado sob refrigeração (2°C a 8°C) por até 7 dias, sem que haja prejuízo na realização da baciloscopia e da cultura.

Urina: pode ser excepcionalmente conservada sob refrigeração (2°C a 8°C) por um prazo máximo de 5 dias.

Outras amostras: enviar imediatamente ao laboratório sob refrigeração.

NOTAS:

Proteger as amostras da luz solar e acondicionar de forma adequada para que não haja risco de derramamento.

Quanto mais rapidamente o espécime chegar ao laboratório, maior será a possibilidade de se encontrar M. tuberculosis, e outras micobactérias.

A temperatura ambiente e o tempo favorecem a multiplicação de microorganismos contaminantes.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Embarcar as amostras em saco plástico individual.

Transportar as amostras de caixas térmicas com gelo (por protegerem do calor e da luz solar).

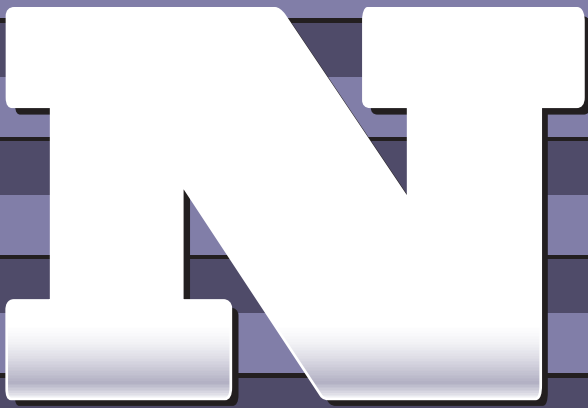
NOTAS:

Sempre proteger as amostras da luz solar e do calor e acondicionar de forma adequada para que não haja risco de derramamento.

Nunca acondicionar fichas no mesmo recipiente que as amostras.

Transporte de cepas (cultura com bactérias isoladas)

Para o transporte de cepas deverão ser observadas as regras internacionais da IATA (International Air Transport Association) para o envio aéreo. O material deve ser colocado em um frasco bem vedado, à prova de vazamento (recipiente primário) que é o próprio tubo de rosca no caso da cultura, ou um recipiente com material clínico, que será colocado em um segundo recipiente (secundário) à prova de vazamento e inquebrável (metal ou plástico). Entre esses dois colocar material absorvente (papel). O terceiro recipiente pode ser de papelão, madeira, isopor e deverá conter rótulo de material infeccioso, com descrição (material frágil), a posição para o transporte da embalagem e o telefone da autoridade sanitária a ser contatadas em caso de acidente (vazamento,



quebra da embalagem, etc.) e/ou o laboratório que está enviando a amostra. Essas embalagens devem ser compradas prontas e ter o registro no INMETRO. Culturas de micobactérias podem ser transportadas em meio sólido em tubos de rosca ou então liofilizadas.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de Encaminhamento de Amostras de Tuberculose (padrão do LACEN ou GAL)

Ficha de Encaminhamento de Micobacterioses (padrão do LACEN ou GAL)

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Todos os dados de identificação do paciente (nome, idade, sexo, data da coleta e local de residência).

Procedência da amostra (laboratório/hospital e município).

Nome e assinatura do médico responsável
Uso de antibiótico.

Data do início da antibioticoterapia.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra sem identificação ou com identificação ilegível;

Amostras sem de Ficha de Encaminhamento de Amostras para Tuberculose e/ou Ficha para Micobacterioses.

Falta de correlação entre a identificação das fichas e a identificação da amostra.

As amostras que não estejam acompanhadas com os dados pessoais, clínicos e epidemiológicos do paciente e a justificativa para a solicitação do exame devem ser informadas. A requisição deve estar assinada e carimbada de modo legível. Tanto o material clínico quanto a cultura devem estar adequadamente rotulados, embalados e transportados.

Se a embalagem ou recipiente com a amostra não estiverem íntegros o material será rejeitado.

Culturas que apresentarem alteração de pH, crescimento de contaminantes, crescimento disgônico de colônias, serão rejeitadas. Qualquer irregularidade será informada a quem enviou o material. Todo o material rejeitado será esterilizado em autoclave a 121 °C e descartado.

Amostras coletadas em frascos não estéreis e frascos com conservantes.

Sangue: Amostras colhidas com EDTA ou coaguladas.

Urina: Amostras colhidas durante 24 horas, colhidas em frascos não estéreis e amostras colhidas no mesmo dia em horários diferentes.

Biópsias: Amostras colhidas em swabs e conservadas em formol.

Lavado Gástrico: colhido sem carbonato de sódio.

Medula óssea: amostras colhidas sem anti-coagulante

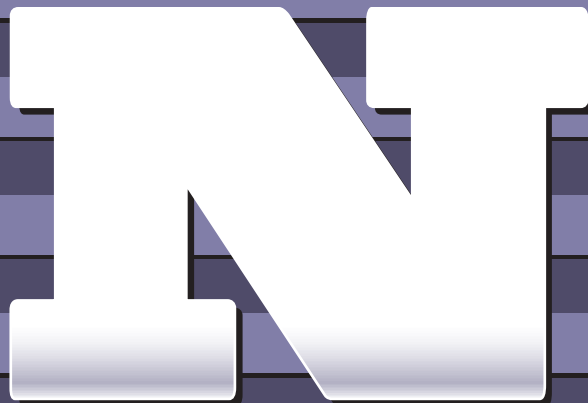
Outros Materiais: Amostras enviadas em tubos não estéreis.

11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

OBS:

VER ANEXO II.A E ANEXO II.B



VARICELA

1. SINONIMIA

Varicela zoster, Herpes vírus 3 (HHV 3),
Catapora

2. EXAME

Sorologia

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

4. VOLUME IDEAL

2 mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Não se aplica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta,
por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser
acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no
máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo
15 dias.

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório,
em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo
reciclável.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha de solicitação de Doen-
ças Transmissíveis – Varicela padrão LACEN ou
GAL.

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;

- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (n° registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo
com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura
ambiente.

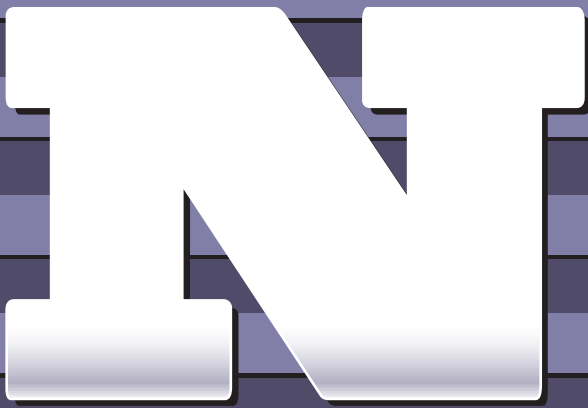
Quando não for coletada a quantidade cor-
reta de tubos necessários

Amostras acondicionadas em tubos quebra-
dos ou que contenham corpo estranho que invali-
dem a realização do teste

Amostra sem ficha de solicitação

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ



VARÍOLA

1. SINONIMIA

Bexiga, Alastrim

2. EXAME

Sorologia (ELISA e IFI), Isolamento viral e Imuno-histoquímica

3. AMOSTRA BIOLÓGICA

Soro

Raspado de pele das lesões ou líquido vesicular

4. VOLUME IDEAL

Soro: 2mL.

5. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Logo após a suspeita clínica

6. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Ver item 3 das Condições Gerais.

7. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ ENVIO

Separar o soro até 2 horas após a coleta, por centrifugação.

Após a separação a amostra (soro) deve ser acondicionada em refrigerador (2°C-8°C) por no máximo 3 dias ou freezer (-20°C) por no máximo 15 dias.

Os raspados de lesão e líquido vesicular devem ser colocados em frasco sem conservante e congelados (-20°C ou -70°C).

8. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

O soro deve vir refrigerado ao laboratório, em caixa térmica de transporte ou isopor com gelo reciclável.

Os raspados de lesão e líquido vesicular devem ser enviados em frasco sem conservante, congelado.

9. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Encaminhar a ficha do SINAN

10. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

- Nome do completo paciente;
- Data de nascimento;
- Nome da mãe;
- Data e hora da coleta;
- Unidade de origem;
- Nome do profissional solicitante;
- CRM (nº registro do conselho);
- Assinatura e carimbo;

11. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Amostra enviada for soro hemolisado.

Amostra não identificada ou em desacordo com a ficha enviada.

Amostras transportadas em temperatura ambiente.

Quando não for coletada a quantidade correta de tubos necessários

Amostras acondicionadas em tubos quebrados ou que contenham corpo estranho que invalide a realização do teste

Amostra sem ficha de solicitação

12. LABORATÓRIO EXECUTOR

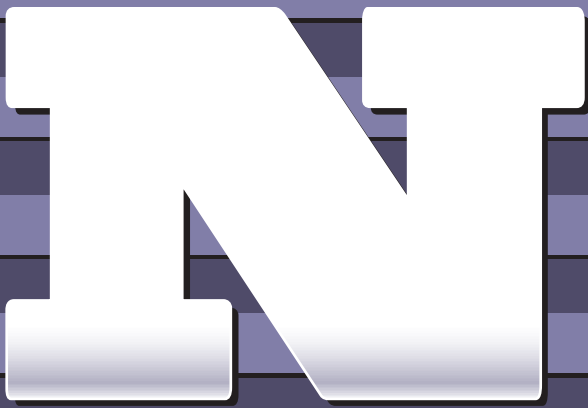
FIOCRUZ/RJ

LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 102/123



VÍRUS ENTÉRICOS

Ver " **DOENÇAS DIARRÉICAS** "



VÍRUS RESPIRATÓRIOS

1. EXAME

RIFI para Vírus Respiratórios (Adenovírus, Influenza A, Influenza B, Parainfluenza 1,2 e 3 e Vírus Sincicial Respiratório)

PCR para Influenza A, Influenza A H1N1 e Influenza B

2. AMOSTRA BIOLÓGICA

Swab combinado: oro e nasofaringe

3. VOLUME IDEAL

2 swabs de Rayon – 1 swab de orofaringe e 1 swab de nasofaringe

4. PERÍODO IDEAL DE COLETA

Até o 5º dia após o início dos sintomas, preferencialmente nos três primeiros dias.

5. ORIENTAÇÕES PARA A COLETA DE AMOSTRAS

Swab de Rayon de secreção de oro e nasofaringe: Ver coleta em Difteria. Após a coleta, mergulhar os swabs no meio L-15 próprio para transporte viral.

6. CONSERVAÇÃO DA AMOSTRA ATÉ O ENVIO

Swabs: Devem ser de Rayon (não usar swabs de algodão). Manter em temperatura ambiente até o momento da coleta. Após a coleta, refrigerar de 2°C a 8°C até o envio. O material não deve ser congelado.

7. FORMA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE

Enviar no prazo máximo de 24h em embalagem térmica ou caixa de transporte com gelo reciclável.

8. FORMULÁRIOS REQUERIDOS

Ficha de solicitação para Influenza ou Vírus Respiratórios padrão LACEN ou GAL.

9. DADOS IMPRESCINDÍVEIS QUE DEVEM CONSTAR DAS FICHAS

Primeiros sintomas

Data da coleta

A ficha de solicitação deve ser preenchida com letra legível.

É necessário preencher a ficha com todos os dados disponíveis solicitados, inclusive estado clínico do paciente.

Preencher corretamente o nome da unidade de saúde solicitante.

10. CRITÉRIOS DE REJEIÇÃO DE AMOSTRAS

Material impróprio ou inadequado;

Amostras que chegaram inundadas (gelo derretido);

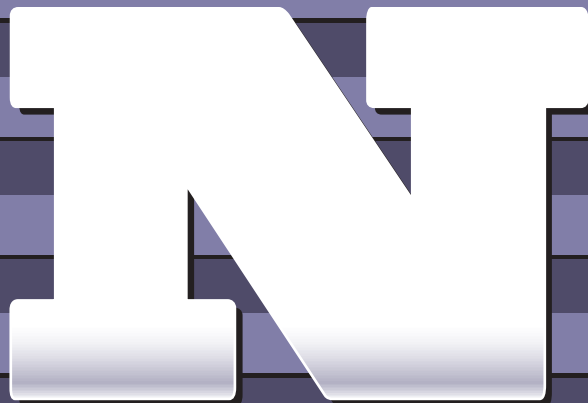
Amostras com etiquetas soltas;

Amostras mal identificadas ou sem identificação;

Amostras coletadas a mais de 24 horas.

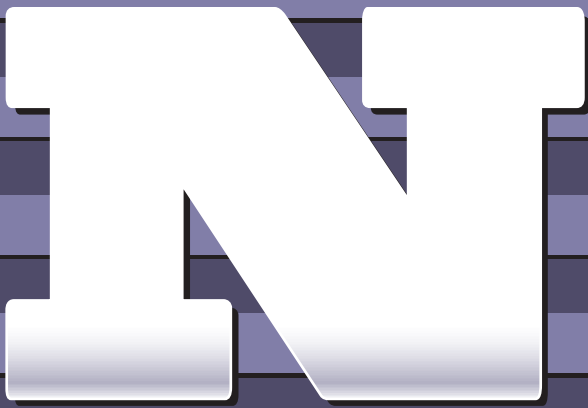
11. LABORATÓRIO EXECUTOR

LACEN/RJ

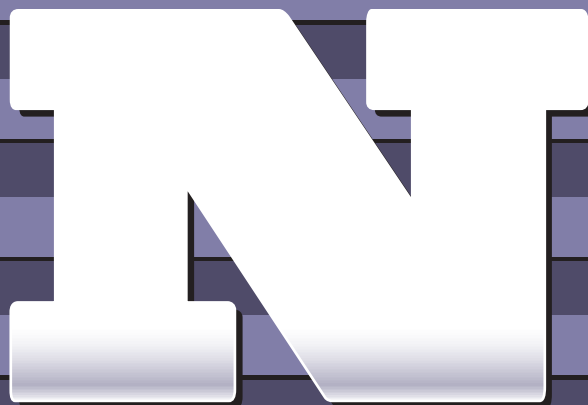


ANEXO I - QUADRO RESUMO FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS

SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
ANAPLASMOSE	RIFI e PCR	Soro ou sangue total (humanos e animais)	1 mL
ARBOVÍRUS	HI, Sorologia e PCR: Arbovírus em geral, exceto DENGUE e CHIKUNGUNYA	Soro, coágulo, sangue total, líquido	3 mL de soro ou 6 mL de sangue total sem anticoagulante
		Material de necrópsia: (sangue do coração, rins, coração, fígado, pulmão, baço, fragmentos de cérebro (lobo frontal, lobo temporal, núcleos de base), cerebelo, medula óssea, medula espinhal)	Fragmentos de 1-2cm ³ de cada órgão coletados em tubos criogênicos separados, sem conservantes e identificados
	Arbovírus em geral. Pesquisa em animais silvestres	Soro ou Sangue total	2 mL
		Visceras: cérebro, rim, coração, pulmão, baço, fígado.	Fragmentos de 1-2cm ³ de cada órgão coletados em tubos criogênicos separados, sem conservantes e identificados
BARTONELOSE	Sorologia e PCR	Soro ou Sangue total	1 mL
BORRELIOSE	Sorologia e PCR	Soro	2 mL
BOTULISMO	Cultura e Pesquisa de Toxina Botulínica	Soro	10 mL
		Fezes/Lavado	15g
CARGA VIRAL DE HIV	QUANTIFICAÇÃO	Sangue total com EDTA	2 tubos tampa roxa
CAXUMBA	Sorologia	Soro	2 mL
CISTICERCOSE	Sorologia	Soro ou Líquor (LCR)	2 mL

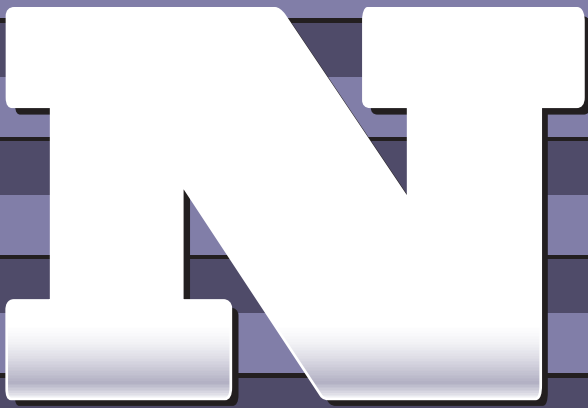


FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
7 dias após início dos sintomas	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
Amostra até 10º dia após início dos sintomas ou enquanto perdurar a febre (na contagem não considerar o dia do início dos sintomas)	Freezer - 20°C ou - 70°C ou Nitrogênio líquido	Gelo seco ou gelo reciclável (no máximo em 6h)	Entregar no LACEN para envio ao IEC/PA
Colher até 8h após o óbito		Nitrogênio líquido ou gelo seco	
Colher o mais breve possível após a morte			
Colher até 8 horas após a morte e colocar amostras de cada órgão em tubos separados e identificados.			
1ª Amostra: 7 dias após o início dos sintomas; 2ª Amostra: 14 a 21 dias após a 1ª coleta	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável ou seco	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
-	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
Antes da administração do soro antituberculínico (SAB); Soro: no máximo até 8 dias após início dos sintomas; Fezes com diarreia e Lavado gástrico/vômito: até 3 dias do início dos sintomas; Fezes com constipação intestinal: até 6 dias do início dos sintomas; Fezes sem alterações: até 4 dias do início dos sintomas.	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	Entregar no LACEN para envio ao IAL/SP
-	Temperatura ambiente	Caixa com gelo reciclável	-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
-	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável	Entregar no LACEN para envio ao IAL/SP



ANEXO I - QUADRO RESUMO
FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS

SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
CITOMEGALOVÍRUS	Sorologia	Soro	2 mL
CHIKUNGUNYA	Sorologia, PCR	Soro	2 mL
CLAMÍDIA	Cultura	Raspado conjuntival, cervical e uretral, lavado nasofaríngeo em meio de transporte 2SP até 24h após coleta.	1 Swab conjuntival 1 Swab cervical, da endocervix e/ou uretral Lavado: 2 mL
	Sorologia	Soro	2 mL
	Exame direto	Raspado: conjuntival, uretral e cervical	2 lâminas
COLINESTERASE PLASMÁTICA	Espectrofotométrico	Soro	2 mL
CONTAGEM DE LINFÓCITOS CD4/CD8	Citometria de Fluxo	Sangue Total com EDTA	1 tubo tampa roxa
COQUELUCHE	Cultura	Swab de nasofaringe	1 swab em meio de Regan-Lowe ou carvão
DENGUE	IgM	Soro	2 mL
	NS1, PCR		
DIFTERIA	Cultura	Swab de Orofaringe e Swab de Nasofaringe	1 swab de oro e 1 swab de nasofaringe em meio de transporte PAI, Stuart, Cary-Blair ou Löefler
DOENÇA DE CHAGAS	Sorologia	Soro	2 mL
DOENÇA DE CREUTZFELDT-JAKOB (DCJ)	Proteína 14-3-3	Líquor	2 mL
	Polimorfismo	Sangue Total com EDTA	2 tubos tampa roxa
DOENÇA DE LYME (Borreliose)	Sorologia e WB	Soro	2 mL
DOENÇAS DIARRÉICAS	COPROCULTURA e CÓLERA	Fezes "In Natura" ou Swab de Cary-Blair Vômitos (somente Cólera)	0,5g a 2,0g de fezes ou swab de Cary-Blair
	FEBRE TIFÓIDE	Fezes "In Natura" ou Swab de Cary-Blair	
	VÍRUS ENTÉRICOS	Fezes "In Natura"	0,5g a 2,0g de fezes



FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
-	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável	-
Até 7 dias do início dos sintomas	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável	-
-	Manter entre 4° e 8° até 24h após coleta. Após 24h de coleta gelo seco ou nitrogênio líquido	Caixa com gelo reciclável. Após 24h de coleta gelo seco ou nitrogênio líquido	Entregar no LACEN para envio ao IAL/SP
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	
-			
Momento da coleta não é crítico	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira)	Caixa com gelo reciclável	-
-	Temperatura Ambiente	Caixa com gelo reciclável	-
Fase aguda e até 3 dias de antibioticoterapia	Temperatura ambiente ou 35°C a 37°C por 48h até o envio	Temperatura ambiente	-
A partir do 5º dia do início dos sintomas	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Temperatura ambiente	-
Do 1º ao 5º dia do início dos sintomas			
Antes do início da antibioticoterapia	Temperatura ambiente ou 35°C a 37°C por 24h até o envio	Temperatura ambiente	-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira). Enviar em 24h.	Caixa com gelo reciclável.	Entregar no LACEN para envio a FCM/USP Entregar no LACEN para envio ao HACC/SP. Deve vir acompanhado de TCLE assinado.
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	Entregar no LACEN para envio a FCM/USP/SP
Fase aguda, antes do uso de antibióticos	Enviar imediatamente ou manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
Entre a 2ª semana e a 5ª semana de início dos sintomas			-
1º ao 4º dia de sintomas	Enviar imediatamente ou manter a -20°C (congelar)	Caixa com gelo reciclável ou seco	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz

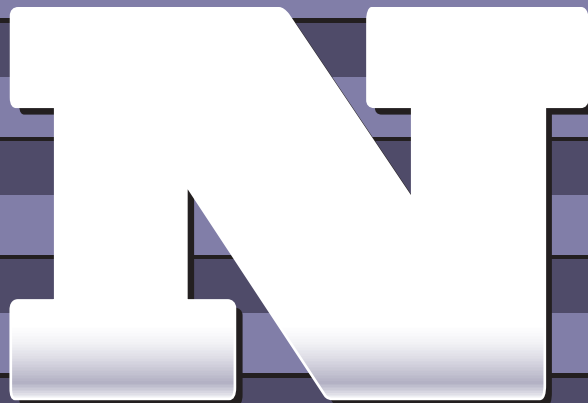


**ANEXO I - QUADRO RESUMO
FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS**

SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
ENTEROVIRUS	Isolamento e PCR	Fezes "In Natura"	3g a 8g de fezes
		Soro	2 mL
		Swab de conjuntiva	1 Swab de secreção conjuntival
		Líquor	2 mL
EPIZOOTIAS	Isolamento e PCR	Soro ou Sangue total	2 mL
		Visceras: cérebro, rim, coração, pulmão, baço, fígado.	Fragmentos de 1-2 cm ³ de cada órgão coletados em tubos criogênicos separados, sem conservantes e identificados
ERLIQUIOSE	Sorologia e PCR	Soro ou Sangue total	2 mL
ESPOROTRICOSE	Cultura	Biópsias, raspados e aspirados da lesão	-
ESQUISTOSSOMOSE	Kato-Katz	Fezes	15g de fezes
		Lâminas coradas	2 lâminas
FEBRE AMARELA	Sorologia	Soro ou Plasma	2 mL
	Isolamento e PCR	Soro, Plasma ou Sangue total	
		Material de necrópsia: fígado, rins, coração, baço, linfonodos	Fragmento de 1-2 cm ³ de cada órgão em tubo criogênico estéril
FEBRE MACULOSA	Sorologia e PCR	1 ^a e 2 ^a amostra de soro ou sangue total de humanos e animais, exceto óbito e casos graves, acompanhadas do SINAN	1 mL no mínimo
FEBRE WEST NILO (NILO OCIDENTAL)	Sorologia	Soro ou Plasma	2 mL
	Isolamento e PCR	Soro, Plasma ou Sangue total	
		Material de necrópsia: fígado, rins, coração, baço, linfonodos	Fragmento de 1-2 cm ³ de cada órgão em tubo criogênico estéril



FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
Fase aguda até 14 dias do início da deficiência motora	Enviar imediatamente ou manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 3 dias.	Caixa com gelo reciclável ou seco	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
Fase aguda até 21 dias do início da deficiência motora			
Fase aguda	Enviar imediatamente ou manter a -20°C ou -70°C (congelar)		
Colher o mais breve possível após a morte.	Freezer - 70°C ou Nitrogênio líquido	Nitrogênio líquido ou gelo seco	Entregar no LACEN para envio ao IEC/PA
Colher o mais breve possível após a morte e colocar amostras de cada órgão em tubos separados e identificados.			
7 dias após o início dos sintomas	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo reciclável ou seco	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
Antes do uso de antifúngicos	Temperatura ambiente ou sob refrigeração (geladeira) por 24 horas	Temperatura ambiente	-
-	4°C e 8°C (geladeira)	Caixa com gelo reciclável	O LACEN só realiza análise de lâminas para o Inquérito Nacional.
-	Temperatura ambiente		
A partir do 5º dia do início dos sintomas	Enviar imediatamente ou manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 3 dias.	Caixa com gelo seco ou reciclável	Entregar no LACEN para envio ao IEC/PA
Até o 5º dia do início dos sintomas.			
Logo após o óbito ou no máximo em 8h.	Formalina tamponada e congelar (-20°C)		
1ª Amostra: 7 dias após o início dos sintomas 2ª Amostra: de 14 a 21 dias após a primeira amostra	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo seco ou reciclável	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
A partir do 5º dia do início dos sintomas	Enviar imediatamente ou manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 3 dias.	Caixa com gelo seco ou reciclável	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
Até o 5º dia do início dos sintomas.			
Logo após o óbito ou no máximo em 8h.	Formalina tamponada e congelar (-20°C)		

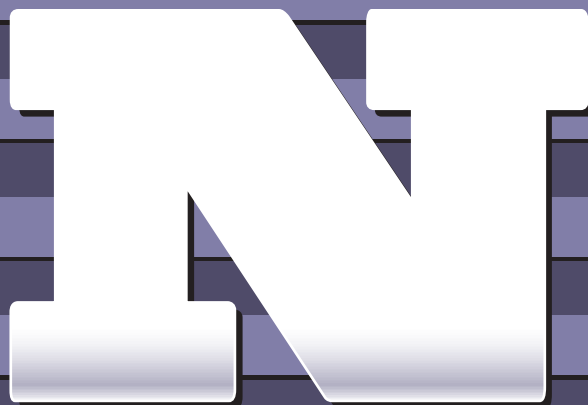


ANEXO I - QUADRO RESUMO
FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS

SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
FEBRE TIFÓIDE			Ver
FILARIOSE	Sorologia	Soro	2 mL
	Membrana Filtrante	Sangue total com EDTA	2 tubos tampa roxa
FUNGOS	Cultura	Amostras do trato respiratório inferior (escarro, lavado brônquico), Biópsias e Raspados diversos	-
	Exame direto		-
	Cryptococcus	Líquor	0,5 a 2 mL
	Esporotricose	Ver "ESPOROTRICOSE"	
	Sorologia Paracoccidioidomicose Coccidioidomicose Histoplasma Aspergillus	Soro	2 mL
H1N1			Ver
HANTAVIROSE	Sorologia e PCR	Soro	2 mL
HEPATITES VIRAIS	Sorologia	Soro	3 mL
	Biologia Molecular (Carga Viral do HBV, Qualitativo e/ou Quantitativo e/ou Genotipagem do HCV)	Plasma com EDTA	2 tubos tampa roxa para cada exame
HERPES	Sorologia e PCR	Soro	2 mL
HIDATIDOSE	Sorologia e PCR	Soro	2 mL
	Anátomo-Patológico	Fragmentos de biópsia de vísceras	-
HIV	Sorologia, Blot, Immunoblot	Soro	2 mL
	Carga Viral	Sangue total com EDTA	2 tubos de 5 mL (tampa roxa)
	CD4/CD8		1 tubo de 5 mL (tampa roxa)



FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
"DOENÇAS DIARRÉICAS"			
Qualquer hora do dia	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira). Não congelar.	Caixa com gelo reciclável	Entregar no LACEN para envio ao Lab. de Filariose do CPqAM/Fiocruz/PE.
Coletar entre 23h e 1h da manhã. Não coletar a vácuo.	Enviar imediatamente ou manter entre 4° e 8°C por até 24 horas. Não congelar.		
Antes do uso de antifúngicos	Manter a temperatura ambiente. Biópsia colocar em salina estéril	Temperatura ambiente.	-
	Manter a temperatura ambiente.	Caixa com gelo reciclável	
	Ver "ESPOROTRICOSE"		
	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	
"INFLUENZA"			
Logo após o início dos sintomas	Manter a -20°C (congelar) ou entre 4°C e 8°C por até 5 dias.	Caixa com gelo seco ou reciclável	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
Início de tratamento ou acompanhamento ou controle de tratamento			-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
-	Formol a 10% ou salina tamponada a temperatura ambiente	Temperatura ambiente.	
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
	Manter a temperatura ambiente por 4h no máximo.	Temperatura ambiente.	

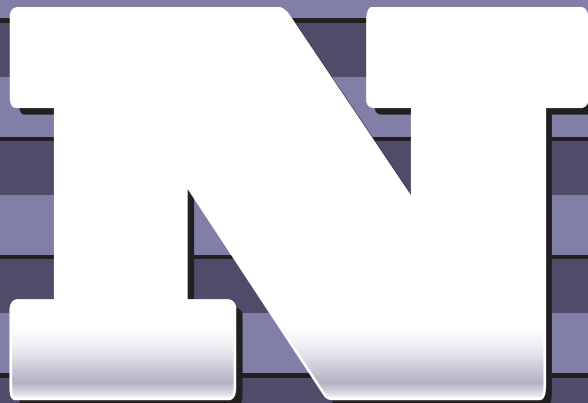


ANEXO I - QUADRO RESUMO
FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS

SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
HTLV I/II	Sorologia	Soro	2 mL
INFLUENZA	Sorologia e PCR	Swab Combinado (oro e nasofaringe)	2 swabs em meio de transporte viral
LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA	Sorologia	Soro	2 mL
	Parasitológico	Material de biópsia ou punção	Fragments de 1 a 3 mm em salina estéril ou material de punção sem conservantes, imediatamente após eutanásia.
LEISHMANIOSE VISCERAL HUMANA	Sorologia e TR	Soro	2 mL
	Parasitológico	Material de biópsia	Fragments de 1 a 3 mm em salina estéril ou material de punção sem conservantes.
		Punção de medula óssea, linfonodos, etc.	3 lâminas
	PCR	Sangue total com EDTA (tampa roxa)	5 mL = 1 tubo tampa roxa
LEISHMANIOSE VISCERAL AMERICANA	Sorologia e TR	Soro	2 mL
	Parasitológico	Fragmento da borda da lesão	Fragmento de 4 mm em salina estéril.
		Esfregaço de material da borda da lesão	3 lâminas
	Cultura	Fragmento da borda da lesão	Fragmento de 4 mm em salina estéril.
LEPTOSPIROSE	Sorologia IgM	Soro	2 mL
	Microaglutinação (MAT)	Soro, sangue total	
	PCR		
MALÁRIA	Gota espessa/Esfregaço	Sangue por punção digital, lateral do 3º ou 4º dedo da mão (bebês: halux ou calcâneo).	2 lâminas de gota espessa e 2 lâminas de esfregaço.



FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
Até o quinto dia após o início dos sintomas, preferencialmente nos três primeiros dias	Enviar imediatamente ou manter entre 4°C e 8°C por 24h no máximo. Não congelar.	Caixa com gelo seco ou reciclável	-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
	Temperatura ambiente.	Temperatura ambiente.	Entregar no LACEN para envio ao IPEC/Fiocruz
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável	-
	Temperatura ambiente.	Temperatura ambiente.	Entregar no LACEN para envio ao IPEC/Fiocruz
	Porta lâminas a temperatura ambiente.		Entregar no LACEN para envio a FUNED/MG.
	Colher e manter a temperatura ambiente. Enviar em 24h após a coleta.	Enviar em 24h após a coleta entre 4°C e 8°C em caixa com gelo reciclável.	
Na presença de úlcera cutânea ou mucosa ou quadro clínico suspeito (mucosa metastásica)	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira). Enviar em 24h após a coleta.	Enviar em 24h após a coleta entre 4°C e 8°C em caixa com gelo reciclável.	Entregar no LACEN para envio ao IPEC/Fiocruz
	Porta lâminas a temperatura ambiente.	Temperatura ambiente.	A sorologia não é a metodologia mais recomendada.
	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira). Enviar em 24h após a coleta.	Enviar em 24h após a coleta entre 4°C e 8°C em caixa com gelo reciclável.	Entregar no LACEN para envio ao IPEC/Fiocruz.
A partir do 5º dia do início dos sintomas.	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	Recomenda-se a coleta pareada:
A partir do 7º dia do início dos sintomas			1ª coleta: 5-7 dias de sintomas
Em uso de antibióticos			2ª coleta: 10-15 dias da 1ª coleta. MAT e PCR enviados a Fiocruz.
Coleta em pico febril.	Caixa porta-lâminas a temperatura ambiente.	Temperatura ambiente.	-



ANEXO I - QUADRO RESUMO
FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS

SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
MENINGITE BACTERIANA	Látex	Soro ou Líquor (LCR)	2 mL de soro ou 0,5 mL de LCR
	Cultura e Identificação de cepas	Cepa, LCR, Hemocultura	Cepa recente ou 0,5 mL de LCR ou frasco de Hemocultura
	Bacterioscopia	Lâminas de LCR	2 lâminas de LCR
	PCR	Cepa, Soro ou LCR	Cepa recente ou 2 mL de soro ou 0,5 mL de LCR
MENINGITE VIRAL	PCR	Líquor (LCR)	0,5 mL
MICOBACTERIOSES	Ver		
MULTIRESISTÊNCIA	Cultura e PCR para Genes de Resistência	Diversos sob a forma de cepa semeada	-
PARALISIA FLÁCIDA AGUDA	Ver " ENTEROVÍRUS"	Fezes "in natura"	3 a 8g de fezes
PARVOVÍRUS B19	Sorologia	Soro	2 mL
PESTE	HA/HI	Soro	2 mL
POLIOVÍRUS	Ver " ENTEROVÍRUS"	Fezes "in natura"	3 a 8g de fezes
RAIVA	Soroneutralização	Soro	2 mL
ROTAVÍRUS	Ver		
RUBÉOLA	Sorologia e PCR	Soro: (ELISA e PCR) Urina: (PCR) Swab de nasofaringe: (PCR)	Soro: 2 mL Urina: 15 a 100 mL Swab: 1 swab em meio de transporte L-15



FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
Preferencialmente antes do uso de antibióticos	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
	Temperatura ambiente.	Temperatura ambiente.	
		Temperatura ambiente. Soro: manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Porta lâminas a temperatura ambiente. Soro: caixa com gelo reciclável
Após suspeita clínica.	Congelar imediatamente após a coleta a -20°C ou -70°C.	Caixa com gelo reciclável.	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz.

ANEXO II

Cepas recentes com 24 a 48h de semeadura, mantidas a 35-37°C	Temperatura ambiente.	Placa semeada lacrada com fita crepe. Enviar a temperatura ambiente.	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz.
--	-----------------------	---	---

Ver " ENTEROVÍRUS "

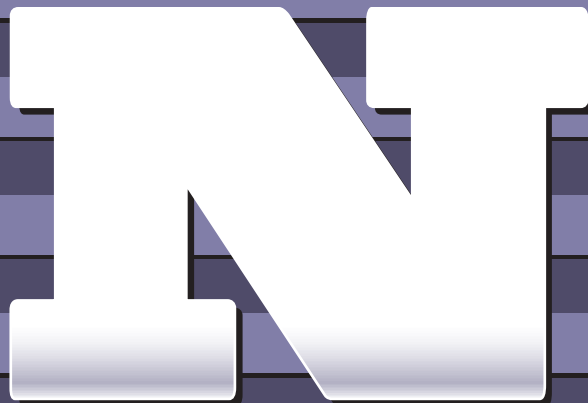
Até 28 dias após o aparecimento do exantema	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-

Ver " ENTEROVÍRUS "

No mínimo 14 dias após a última dose da vacina	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	Entregar no LACEN para envio ao UJV/RJ
--	-------------------------------------	----------------------------	--

"DOENÇAS DIARRÉICAS"

ELISA: No primeiro atendimento ao paciente ou, no máximo, em até 28 dias após o aparecimento do exantema PCR: Até o 5º dia a partir do aparecimento do exantema, preferencialmente nos primeiros três dias.	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	Urina e Swab de Nasofaringe enviado para PCR a Fiocruz
--	-------------------------------------	----------------------------	--



ANEXO I - QUADRO RESUMO
FLUXO DE COLETA, ARMAZENAMENTO E ENVIO DE AMOSTRAS BIOLÓGICAS

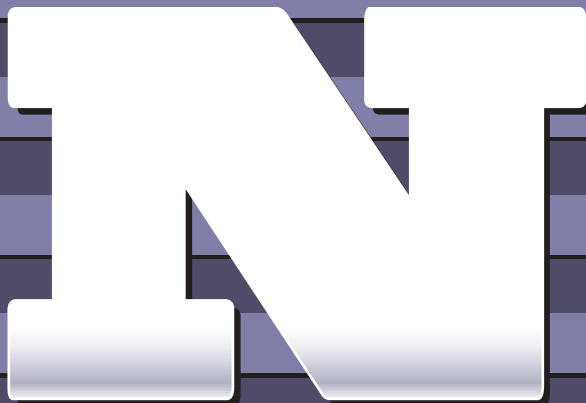
SUPEITA CLÍNICA	EXAME/METODOLOGIA	MATERIAL	VOLUME
SARAMPO	Sorologia e PCR	Soro: (ELISA e PCR) Urina: (PCR) Swab de nasofaringe: (PCR)	Soro: 2 mL Urina: 15 a 100 mL Swab: 1 swab
TOXOPLASMOSE	Sorologia	Soro	2 mL
TRACOMA	Ver		
TUBERCULOSE	Ver		
VARICELA	Sorologia	Soro	2 mL
VARÍOLA	Sorologia	Soro	2 mL
	Isolamento e Imunohistoquímica	Raspado de lesão ou líquido vesicular	-
VÍRUS ENTÉRICOS (Rotavírus, Norovírus, Astrovírus)	Ver		
VÍRUS RESPIRATÓRIOS	Ver		



FASE DA COLETA	ACONDICIONAMENTO	TRANSPORTE	OBSERVAÇÕES
ELISA: No primeiro atendimento ao paciente ou, no máximo, em até 28 dias após o aparecimento do exantema PCR: Até o 5º dia a partir do aparecimento do exantema, preferencialmente nos primeiros três dias.	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	Urina e Swab de Nasofaringe enviado para PCR a Fiocruz
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
"CLAMÍDIA"			
ANEXO II			
-	Manter entre 4°C e 8°C (geladeira).	Caixa com gelo reciclável.	-
Logo após a suspeita clínica	Manter a -20°C (freezer).	Caixa com gelo reciclável ou gelo seco.	Entregar no LACEN para envio a Fiocruz
"DOENÇAS DIARRÉICAS"			
"INFLUENZA"			

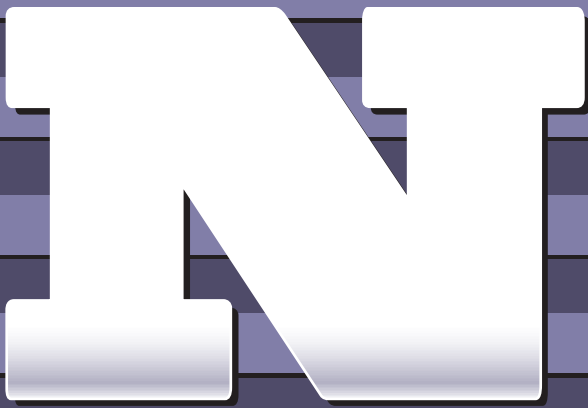
(*) OBSERVAÇÃO:

Todos os materiais mantidos em geladeira (4º a 8ºC) não podem ultrapassar 5 dias de armazenamento. Os que tem prazo de armazenamento menor que 5 dias estão indicados.

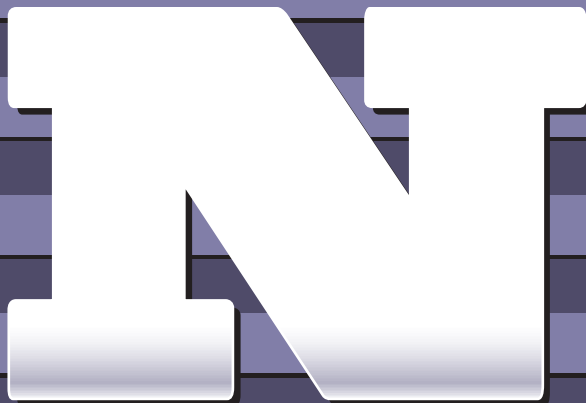


**ANEXO II.A - QUADRO RESUMO
TUBERCULOSE E MICOBACTÉRIAS
COLETA, ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE DE AMOSTRAS DE ORIGEM PULMONAR**

TIPO DE AMOSTRA	COLETA	
	ORIENTAÇÃO	RECIPIENTE
Escarro espontâneo	- lavar a boca / bochechos	pote plástico, tampa de rosca, boca larga (50mm diâmetro), capacidade para 35 a 50mL, descartável
	- local arejado, ar livre	
	- abrir o pote	
	- forçar a tosse: inspirar profundamente, - prender a respiração, escarrar no pote	volume 5 a 10mL
Escarro induzido	- sala equipada com cuidados de biossegurança para evitar contaminação do ambiente;	pote plástico, tampa de rosca, boca larga (50mm diâmetro), capacidade para 35 a 50mL, descartável
	- acompanhamento de pessoal treinado;	
	- dia anterior – ingerir muito líquido	volume 5 a 10mL
	- nebulização com solução salina hipertônica a 3%, durante 5 a 20 min; - seguir as mesmas instruções do escarro espontâneo	
Lavado Brônquico	- sob orientação médica	frasco estéril próprio
Lavado Bronco-alveolar (LBA)	- uso de broncofibroscópio - uso de substância anestésica é letal para micobactéria	
Aspirado transtraqueal	- sala deve ter cuidados de biossegurança para evitar contaminação do ambiente	volume mínimo 5mL
Fragmentos de tecidos pulmonares	- sob orientação médica	biópsias – 1g de tecido
	- usar solução fisiológica ou água destilada	
	- não usar formol	ou 3 a 4mm
Lavado gástrico (Considerado material respiratório, pois se faz indução do escarro)	- jejum de 8 a 10 h	sonda gástrica
	- colhido logo ao acordar, antes de levantar	
	- realizado com sonda nasogástrica fina, introduzida pela boca ou nariz	frasco estéril
	- injeta 10 a 15 mL de solução fisiológica - após 30 min faz lavagem gástrica	



TEMPO E TEMPERATURA		OBSERVAÇÕES
TRANSPORTE	ARMAZENAMENTO	
≤ 2h	≤ 7 dias	a) 1ª amostra coletada na Unidade de Saúde, no momento da consulta.
temperatura ambiente		b) 2ª amostra coletada na manhã seguinte ao despertar
abrigo da luz	4°C	c) coletar em 2 dias consecutivos
≤ 2h	≤ 7 dias	a) indicado quando o paciente tem pouca secreção ou não consegue expelir
temperatura ambiente		b) a nebulização fluidifica a secreção do pulmão e provoca irritação que leva à tosse e expulsão do escarro
abrigo da luz	4°C	c) amostra é menos viscosa e semelhante à saliva
temperatura ambiente	4°C	d) escrever no pote "escarro induzido"
abrigo da luz		
≤ 2h	≤ 24h	a) procedimento invasivo,
temperatura ambiente		b) processar imediatamente
abrigo da luz	4°C	c) esterilizar o broncofibroscópio;
≤ 2h	≤ 24h, temperatura ambiente	d) anestésico inibe o crescimento bacteriano
temperatura ambiente		e) evitar a contaminação com o trato respiratório superior
abrigo da luz	> 24h, congelar	f) coleta da secreção após o uso do aparelho pode ser recolhida até 2 dias depois
≤ 2h	> 24h, congelar	a) processar imediatamente
temperatura ambiente		b) evitar o ressecamento
abrigo da luz		
≤ 15min	≤ 24h	a) requer hospitalização
temperatura ambiente		b) crianças: 40% de positividade com evidencia da doença ao RX
ou neutralizar em 1h de coleta	4°C	c) neutralizar o suco gástrico com carbonato de sódio 1mg/1mL de lavado gástrico
		d) 2 dias consecutivos
		e) laboratório deve processar em até 4h



**ANEXO II.B - QUADRO RESUMO
TUBERCULOSE E MICOBACTÉRIAS
COLETA, ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE DE AMOSTRAS DE ORIGEM PULMONAR**

TIPO DE AMOSTRA	COLETA	
	ORIENTAÇÃO	RECIPIENTE
Urina	- após higiene com água e sabão neutro	- frasco estéril de boca larga com tampa de rosca
	- toda a urina da 1ª micção da manhã	- volume mínimo de 40mL
	- levar imediatamente ao laboratório	
Líquido Cefalorraquidiano (LCR)	- realizada por procedimento médico	- frasco estéril
	- recomendado jejum	- volume mínimo 5mL
	- punção lombar	
Líquido pleural	- realizada por procedimento médico	- frasco estéril
Líquido sinovial	- punção pela via percutânea ou cirúrgica	- volume ≥ 10mL
Líquido peritoneal		
Fragmentos cutâneos e ósseos	- realizada por procedimento médico	- frasco estéril
	- usar solução fisiológica ou água destilada	- volume ≥ 10mL
Fragmentos de órgãos	- realizada por procedimento médico	- frasco estéril
	- usar solução fisiológica ou água destilada	- não usar formol
Aspirado de medula	- para o aspirado de medula, a coleta deve ser por equipe médica	- frasco estéril
		- inocular diretamente em frasco de meio de cultura (Meio Löweinstein-Jensen)
Pus e secreções	- de cavidades abertas e fechadas: por punção	- frasco estéril
Fezes	- de preferência, antes da medicação	- pote de boca larga
		- sem conservante

ATENÇÃO: As amostras clínicas utilizadas para identificação da espécie de micobactéria, no caso de infecções pós-cirúrgicas conseqüentes de cirurgias estéticas, procedimentos cirúrgicos-endoscópicos ou procedimentos transcutâneos em cavidades ou tecidos estéreis (caracterizados como surtos), devem ser exsudatos de abscessos e fragmentos de tecidos, coletados através de punção e/ou biópsia e colocado em soro fisiológico ou água destilada estéril. Manter sob refrigeração e não colocar em formol. Não utilizar tecido externo ou material coletado com swab. Recomenda-se não fazer punções repetidas, para evitar contaminações e infecções cruzadas. As amostras clínicas deverão estar acompanhadas do Formulário para Envio de Amostras, fornecido pelo Laboratório de Micobactérias. O encaminhamento de amostras imediatamente após a coleta assegura a sobrevivência e isolamento do microrganismo. Em situações de surto, os casos devem ser notificados à Vigilância Epidemiológica do CEVS.



TEMPO E TEMPERATURA		OBSERVAÇÕES
TRANSPORTE	ARMAZENAMENTO	
≤ 2h	≤ 24h	a) material rico em microbiota associada
temperatura ambiente	refrigerar 4°C	b) não aceitar pool de amostras colhidas em 24h
		c) não aceitar volumes inferiores a 40 mL
		d) coletar 3 a 6 amostras em dias consecutivos
≤ 15min	≤ 24h	a) material estéril
temperatura ambiente	temperatura ambiente	b) suspeita de meningite tuberculosa
		c) coleta em hospitais
≤ 15min	≤ 24h	a) líquidos orgânicos estéreis
temperatura ambiente	temperatura ambiente	b) coletados em hospitais ou clínicas especializadas
≤ 15min	≤ 24h	a) podem ser estéreis ou não
temperatura ambiente	temperatura ambiente	b) biópsia de pleura tem positividade maior
		c) amostras de pele devem ser incubadas em temperaturas diferentes
≤ 15min	≤ 24h	a) podem ser estéreis ou não
temperatura ambiente	temperatura ambiente	b) biópsia de pleura tem positividade maior do que o líquido pleural
≤ 2h	≤ 24h	
temperatura ambiente	temperatura ambiente	a) nunca refrigerar
≤ 2h	≤ 24h	
temperatura ambiente	temperatura ambiente	a) de preferência aspirar ou puncionar a lesão;
≤ 1h	≤ 24h	a) avaliação criteriosa pelo médico
temperatura ambiente	refrigerar 4°C	b) indicada para pacientes com Aids

Fonte: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Manual Nacional de Vigilância Laboratorial da Tuberculose e outras Micobactérias. Brasília-DF, 2008. p:il. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Manual Nacional de Vigilância Laboratorial da Tuberculose e outras Micobactérias. Brasília-DF, 2008. p:il. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

Manual de Orientações para Coleta, Preparo e Transporte de Material Biológico
LACEN/SC - Junho/2006.

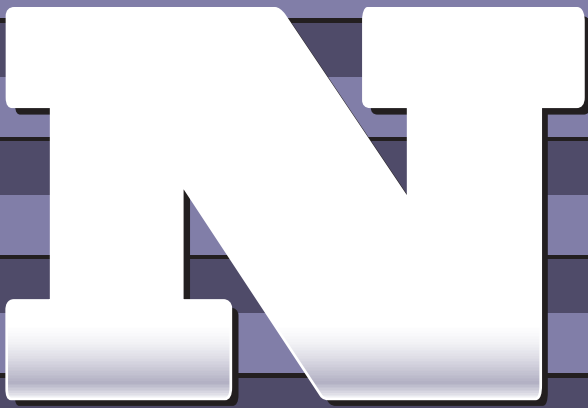
Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Gestão de Políticas Estratégicas. Assessoria de Ciência e Tecnologia. Fundação Oswaldo Cruz. Biossegurança em Laboratórios de Saúde Pública. Brasília - DF, 1998, cap. 2.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília-DF, 7ª edição, 2010. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

Manual de Coleta, Acondicionamento e Transporte de Material Biológico para Exames Laboratoriais.
FUNED. Belo Horizonte, MG - 2010.

Instruções para Coleta, Acondicionamento e Transporte das Amostras
LACEN/RS - 2010.

Manual de Coleta e Transporte.
Instituto Adolfo Lutz. São Paulo.



LCNN/GQ
FR 300.006/01
PÁGINA: N° 123/123

CONTATOS:

DIREÇÃO GERAL:

Dra. Shirlei Ferreira de Aguiar

2332-8597/8606

dgnnutels@saude.rj.gov.br

DIREÇÃO TÉCNICA:

Dra. Ana Lúcia Fernandes Fontenele

2332-8603 ramal 240

dirtecnica.lacenrj@saude.rj.gov.br

DIREÇÃO ADMINISTRATIVA:

Dr. José Edmar Calegário

2332-8596

direcaoadm.lacen@saude.rj.gov.br

GER. DE CONTROLE EPIDEMIOLÓGICO:

Dr. Carlos Augusto Fernandes

2332-8601

gcennutels@saude.rj.gov.br

GER. DE CONTROLE SANITÁRIO E AMBIENTAL:

Dra. Maria Pureza Duarte

2332-8599

gcsa.lacen@saude.rj.gov.br

GER. DA REDE ESTADUAL DE SAÚDE PÚBLICA:

Dra. Elvira Maria Colnago

2232-8603 ramal 206

relsprjnnutels@saude.rj.gov.br

Rua do Rezende, 118 - Bairro de Fátima - Centro - CEP 20.231-092 - RJ
Tel: 2332-8603/8604
Fax: 2332-8606